

Comentário Bíblico Expositivo<sup>1</sup> em

# Colossenses

Edição 2023

Dr. Thomas L. Constable

## Introdução

### DESTINATÁRIOS

A cidade de Colossos ficava no belo vale do rio Lico, cerca de 160 quilômetros a leste de Éfeso, na província romana da Ásia. Ela foi uma importante cidade durante a guerra grego-persa, do século 5 a.C. Desde então, as novas rotas comerciais levaram a maior parte do tráfego para as cidades vizinhas de Laodicéia e Hierápolis, deixando Colossos apenas como uma vila rural. Ao contrário de Laodicéia e Hierápolis, os arqueólogos ainda não escavaram o sítio de Colossos.<sup>2</sup>

“... o historiador e geógrafo grego Estrabão, escrevendo cerca de duas gerações antes de Paulo escrever aos Colossenses, chama Colossos de sua época de uma ‘pequena cidade’ (*Geography* XII.viii.13)”.<sup>3</sup>

Quando Paulo escreveu esta epístola, os habitantes de Colossos eram, em sua maioria, colonos gregos e frígios nativos, embora muitos judeus vivessem na região. Antíoco, o Grande (223-187 a.C.) havia transferido centenas de famílias judias da Mesopotâmia para esta região. Eles pareciam ter sido judeus mais liberais do que aqueles da província vizinha da Galácia, a leste.

“Na província que faz fronteira com a Galácia, a fé infantil foi amealhada pelo legalismo, a heresia judaizante; aqui, como em Éfeso (cf. Atos 19.14, 18), o perigo estava em um sincretismo religioso judaico-helenístico”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (Editora Mundo Cristão, 2017), salvo indicação específica.

<sup>2</sup> Veja James D. G. Dunn, *The Epistles to the Colossians and to Philemon: A Commentary on the Greek Text*, pág. 21; e Hershel Shanks, "Not So Colossal Colossae", *Biblical Archaeology Review* 38:1 (Janeiro/Fevereiro 2012):13.

<sup>3</sup> William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of Colossians and Philemon*, pág. 13.

<sup>4</sup> E. Earle Ellis, "The Epistle to the Colossians", em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 1333.

“Sem dúvida, a igreja de Colossos foi a de menor importância para qual qualquer epístola do apóstolo Paulo é endereçada”.<sup>5</sup>

Igrejas haviam fincado raízes em Colossos, em Laodicéia (4.16) e provavelmente em Hierápolis (4.13). Paulo não havia visitado o vale do rio Lico quando escreveu esta epístola (1.4; 2.1) mas soube da propagação do evangelho ali através de Epafras (1.8) e provavelmente e de outras pessoas.<sup>6</sup>



Epafras parece ter sido o fundador, ou um dos fundadores da igreja colossense (1.7; 4.12-13).<sup>7</sup> Ele era colossense e havia instruído os cristãos não apenas em Colossos (1.7), mas provavelmente também em Laodicéia e Hierápolis. Talvez Paulo tenha levado Epafras a Cristo, talvez em Éfeso (cf. At 19.10). Seu nome mais formal era provavelmente Epafrodito.

<sup>5</sup> J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*, pág. 16.

<sup>6</sup> Para uma história mais completa acerca do judaísmo e do cristianismo no Vale do Rio Lico, veja Lightfoot, págs. 1- 70; F. F. Bruce, "Colossian Problems", *Bibliotheca Sacra* 141:561 (Janeiro-Março 1984):3-15; e William Barclay, *The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians*, págs. 111-114.

<sup>7</sup> John Eadie, *Commentary on the Epistle of Paul to the Colossians*, pág. xxii.

Epafras pode ter viajado a Roma para se encontrar com Paulo para garantir sua ajuda no combate à influência dos falsos mestres que pregavam em Colossos. Arquipo pode ter substituído Epafras durante sua ausência (4.17; Fl 2).

### OCASIÃO

A única informação disponível que nos ajuda a reconstruir a heresia que ameaçava a igreja vem de alusões indiretas e ênfases nesta epístola. Concluímos que os falsos mestres não estavam dando à pessoa e obra de Cristo a interpretação ou ênfase adequada. Eles estavam distorcendo e minimizando essas doutrinas.

“As heresias mais perigosas que a igreja é chamada a combater, de tempos em tempos, não são aquelas que atacam aberta e descaradamente a pessoa de nosso Senhor, mas sim aquelas que sutilmente depreciam Sua dignidade enquanto dão a aparência de honra-Lo”.<sup>8</sup>

O falso ensino também continha um apelo filosófico; se ele era oriental ou helenístico, não há como saber (2.8). Contudo, havia uma ênfase no conhecimento superior da ordem cósmica. Havia também elementos presentes de ritualismo e tradicionalismo judaicos (2.8, 11, 16; 3.11). No entanto, ao contrário do judaísmo ortodoxo, os falsos mestres encorajavam a veneração de anjos, quem eles criam controlar as operações da natureza em algum grau (2.18-19).

Havia uma ênfase desses falsos mestres na autonegação ascética (2.20-23), e aparentemente também na ideia de que apenas aqueles com pleno conhecimento da verdade – como ensinado por eles – poderiam entender e experimentar maturidade espiritual (1.20, 28; 3.11). Essas ênfases, mais tarde, se desenvolveram no gnosticismo, embora em Colossos a ênfase judaica fosse mais proeminente do que no gnosticismo grego posterior.<sup>9</sup> É fácil ver como tal seita poderia ter se desenvolvido e conquistado adeptos na cultura greco-judaica do Vale do Lico.

“... devido a... vários fatores... incluindo a provável origem da igreja colossense dentro do círculo de sinagogas, a provável presença do

---

<sup>8</sup> Everett F. Harrison, *Colossians*, pág. 15.

<sup>9</sup> Veja Curtis Vaughan, “Colossians”, em *Ephesians-Philemon*, vol. 11 de *The Expositor's Bible Commentary*, págs. 166-168; Roy Yates, “Colossians and Gnosis”, *Journal for the Study of the New Testament* 27 (Junho 1986):49-68; H. Wayne House, “Heresies in the Colossian Church”, *Bibliotheca Sacra* 149:593 (Janeiro-Março 1992):45-59; P. T. O'Brien, *Colossians, Philemon*, págs. xxx-xxxviii; Barclay, págs. 118-121; e Donald A. Carson e Douglas J. Moo, *An Introduction to the New Testament*, págs. 523-525.

sectarismo israelita na diáspora, a falta de outras evidências de sincretismo judaico na Ásia Menor, e a prontidão de alguns judeus em promover suas práticas religiosas distintivas em desculpas autoconfiantes... não precisamos olhar além de uma ou mais sinagogas judaicas em Colossos para a fonte de quaisquer influências que se pensava ameaçarem a jovem igreja lá”.<sup>10</sup>

“A probabilidade é que os falsos mestres não tinham, naquele período, um sistema totalmente desenvolvido – que eles mantinham apenas alguns princípios proeminentes, como aqueles que o apóstolo condena; e que eles eram anteriormente os expoentes de certas tendências predominantes, do que os originadores de uma heresia definida e formal”.<sup>11</sup>

Os dois principais problemas eram: a doutrina mal compreendida de Cristo e a compreensão errada de como essa doutrina afeta a vida cristã. As passagens cristológicas principais na epístola (1.14-23; 2.9-15) apresentam Cristo como absolutamente proeminente e perfeitamente adequado para o cristão. A vida cristã, explicou Paulo, flui naturalmente dessa revelação. A vida cristã é realmente a vida do Cristo que habita que Deus manifesta através do crente.

### **DATA**

Paulo provavelmente escreveu esta epístola a partir de Roma, no meio ou no final de sua primeira prisão domiciliar: entre 60 e 62 d.C. Ele foi confinado, mas desfrutava de considerável liberdade nesta prisão durante aproximadamente dois anos. Muitos dos companheiros de Paulo estavam com ele quando ele compôs esta epístola (4.7-14). Essa visão da origem da carta geralmente se ajusta melhor aos fatos do que as teorias de origem da Cesaréia ou de Éfeso.

### **CARACTERÍSTICAS**

Existem muitas semelhanças entre as cartas de Efésios e Colossenses. A principal distinção entre elas é que a ênfase em Efésios se encontra na igreja como corpo de Cristo. Em Colossenses, a ênfase está em Cristo como o Cabeça do corpo. Paulo também escreveu Colossenses primariamente para responder um problema em particular, ao passo que escreveu Efésios primariamente para expor um ensino correto.

---

<sup>10</sup> Dunn, pág. 34. Cf. A. S. Peake, “The Epistle to the Colossians”, em *The Expositor's Greek Testament*, 3:484-488, e 533, que acreditam que os falsos mestres eram judeus cristãos que foram influenciados pelo Essenismo.

<sup>11</sup> Eadie, pág. xxxi.

“Colossenses está na mesma relação a Efésios como Gálatas está para Romanos. A característica especial tanto em Colossenses e como em Gálatas é a ‘correção’ do sério desvio doutrinário do padrão já fornecido”.<sup>12</sup>

Quanto ao estilo, Colossenses é um tanto tenso e abrupto, enquanto Efésios é mais difuso e fluido. Colossenses tende a ser mais específico, concreto e enigmático, enquanto Efésios é mais abstrato, didático e geral. O tom de Colossenses é argumentativo e crítico, mas o de Efésios é calmo e pacífico. A primeira é uma carta de discussão, enquanto a segunda é uma carta de reflexão.<sup>13</sup> Evidentemente, Paulo escreveu as duas cartas na mesma época. Essas duas epístolas, junto com Filipenses e Filemom, constituem as epístolas da prisão de Paulo.<sup>14</sup> Baxter viu a mesma ênfase em Efésios, Filipenses e Colossenses que percebeu em Romanos, Coríntios e Gálatas: doutrina, repreensão e correção, respectivamente.<sup>15</sup>

### **PROPÓSITO**

O propósito primário da carta era evidentemente combater o falso ensino.

“Seu grande propósito é fechar a porta da igreja colossense contra o ensino peculiar herético que recentemente começou a bater à porta, querendo entrar. Nenhuma entrada havia sido efetuada até o momento, mas havia o perigo de que ela pudesse ocorrer. O peso da carta, portanto, consiste em advertência”.<sup>16</sup>

Três propósitos emergem do conteúdo desta epístola. Paulo queria expressar seu interesse pessoal por esta igreja, que ele evidentemente não havia visitado. Ele escreveu para alertar os colossenses, primeiro a respeito do perigo de retornar às suas antigas crenças e práticas. Em segundo lugar, ele também refutou o falso ensino que estava ameaçando esta congregação. A notável doutrina cristã com a qual esta carta lida é a Cristologia. Em terceiro lugar, o grande propósito de Paulo era estabelecer a supremacia absoluta e a exclusiva suficiência de Jesus Cristo.

---

<sup>12</sup> Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 6:197.

<sup>13</sup> Vaughan, pág. 169.

<sup>14</sup> Para outra curta discussão a respeito das questões introdutórias, incluindo a teologia da epístola, veja S. Lewis Johnson Jr., "Studies in the Epistle to the Colossians", *Bibliotheca Sacra* 118:470 (Julho-Setembro 1961):239-250.

<sup>15</sup> Baxter, 6:197.

<sup>16</sup> Richard C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*, pág. 17.

## RELEVÂNCIA

“A igreja hoje precisa desesperadamente da mensagem da epístola aos colossenses. Vivemos em uma época onde a tolerância é interpretada como: ‘uma religião é tão boa quanto a outra’. Algumas pessoas tentam tirar o melhor dos vários sistemas religiosos e fabricar sua própria religião pessoal. Para muitas pessoas, Jesus Cristo é apenas *um* de muitos grandes mestres religiosos, sem autoridade autor que os outros. Ele pode ser proeminente, mas Ele definitivamente não é proeminente”.<sup>17</sup>

“Esta é uma era de ‘sincretismo’. As pessoas estão tentando harmonizar e unir as diferentes escolas de pensamento e chegar à uma religião superior. Nossas igrejas evangélicas correm o risco de diluir a fé em sua tentativa amorosa de compreender as crenças de outros. Misticismo, legalismo, religiões orientais, ascetismo e filosofias feitas pelo ser humano estão se infiltrando secretamente nas igrejas. Eles não estão negando a Cristo, mas estão Lhe destronando e roubando de Seu legítimo lugar de preeminência”.<sup>18</sup>

## ESBOÇO

- I. Introdução 1.1-14
  - A. Saudação 1.1-2
  - B. Ações de graça 1.3-8
  - C. Oração 1.9-14
  
- II. Explicação da pessoa e obra de Cristo 1.15-29
  - A. A Pessoa proeminente de Cristo 1.15-20
    - 1. Em relação a Deus, o Pai 1.15a
    - 2. Em relação à toda a criação 1.15b-17
    - 3. Em relação à igreja 1.18-20
  - B. A obra reconciliadora de Cristo 1.21-29
    - 1. Conforme experimentada pelos Colossenses 1.21-23
    - 2. Conforme ministrada por Paulo 1.24-29

---

<sup>17</sup> Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary*, 2:105.

<sup>18</sup> *Ibid.*

- III. Advertências contra filosofias humanas cap. 2
  - A. Exortações para perseverar na verdade 2.1-7
    - 1. O interesse de Paulo 2.1-5
    - 2. A exortação de Paulo 2.6-7
  - B. A verdadeira doutrina de Cristo 2.8-15
  - C. As falsas doutrinas humanas 2.16-23
  
- IV. Exortações à vida cristã prática 3.1-4.6
  - A. O princípio básico 3.1-4
  - B. O método apropriado 3.5-17
    - 1. Coisas a despir 3.5-11
    - 2. Coisas a vestir 3.12-17
  - C. Os relacionamentos fundamentais 3.18-4.1
    - 1. Esposas e maridos 3.18-19
    - 2. Filhos e pais 3.20-21
    - 3. Servos e senhores 3.22-4.1
  - D. A prática essencial 4.2-6
  
- V. Conclusão 4.7-18
  - A. Os portadores desta epístola 4.7-9
  - B. Saudações dos companheiros de Paulo 4.10-14
  - C. Saudações aos outros 4.15-17
  - D. A conclusão pessoal de Paulo 4.18

O esboço de Norman Geisler de Colossenses é útil:<sup>19</sup>

- I. Doutrinário: Vida mais profunda em Cristo 1.1-2.7
- II. Polêmico [crítico]: Vida superior em Cristo 2.8-23
- III. Espiritual: Vida interior em Cristo 3.1-17
- IV. Prático: Vida exterior em Cristo 3.18-4.18

### **MENSAGEM**

O todo da mensagem desta epístola encontra sua expressão em 2.9-10a: “Pois Nele habita em corpo humano toda a plenitude de Deus. Portanto, porque estão Nele, o Cabeça de todo governante e autoridade, vocês também estão completos”. As duas declarações nesta frase são as grandes revelações da carta colossense. A doutrina central em

---

<sup>19</sup> Norman L. Geisler, "Colossians", in The Bible Knowledge Commentary: New Testament, págs. 668-69.

Colossenses é a cristologia. Kenneth Hanna intitulou os dois primeiros capítulos “a proeminência de Cristo” e os dois finais de “a preeminência de Cristo na vida”.<sup>20</sup>

A plenitude da Divindade está em Cristo. Este é um fato eterno, sempre verdadeiro. A palavra grega traduzida por deidade (*theotetos*) não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Não significa divindade. A divindade é um atributo de Deus, mas deidade é a essência de Deus. Não basta dizer que Jesus era divino. Em um certo sentido, toda pessoa é divina, pois compartilha algumas características que Deus também possui. Somente Ele as possui de maneira perfeita; Jesus Cristo era a divindade. Apenas Ele possui a natureza única de Deus. Nele a plenitude da divindade essencial habita de maneira corpórea. O apóstolo Paulo expôs a plenitude de Cristo em três aspectos nesta epístola:

Em relação à criação, Cristo é o Originador e Sustentador de todas as coisas (1.16-17). Isso inclui toda a vida.

Em relação à redenção, Cristo é o primogênito dentre os mortos (1.18). Ressurreição pressupõe morte. A morte é devida ao pecado. Entre a criação e a ressurreição houve pecado e morte. Em Sua ressurreição, Cristo foi Vencedor sobre o pecado, a morte e a sepultura. Ele é Senhor sobre a morte.

Em relação à reconciliação, Cristo é o criador da paz (1.19-20). O resultado da vitória de Cristo sobre a morte é a paz. Ele é o reconciliador de todas as coisas que o pecado separou. Sua reconciliação afeta tanto as pessoas quanto o mundo criado.

Em Cristo vemos toda a plenitude da divindade: criando, ressuscitando triunfantemente sobre a morte, e reconciliando-Se com os confins do universo. Esse é o Cristo do cristianismo!

A segunda grande declaração de Colossenses é que Deus Cristo torna completo o cristão (2.10a). Não apenas a plenitude da divindade está em Cristo, mas a plenitude dos santos está em Cristo também. Paulo explicou o que isso significa:

Primeiro, significa que Deus, em Cristo, nos restaura ao nosso verdadeiro lugar na criação. Podemos recuperar o cetro e a coroa como reis da terra sob autoridade de Deus (cf. Gn 2.15). Deus nos enviou por todo o cosmos para fazer Cristo conhecido (Mt 28.19-20).

---

<sup>20</sup> Kenneth G. Hanna, *From Gospels to Glory*, págs. 301, 303.

Infelizmente nem sempre percebemos nossa posição. Ao invés disso, escolhemos rastejar entre os montes de lixo do mundo. Ainda assim, neste sentido, Deus nos torna plenos em Cristo: Entramos em um novo relacionamento com toda a criação através de Cristo. Em Cristo, Deus nos restaura à nossa posição divinamente pretendida na criação. Somos troféus de Deus.

Segundo, através da ressurreição de Cristo, Deus nos restaura à nossa verdadeira relação com Ele mesmo. Deus comunica Sua própria vida a nós para que tomemos nosso devido lugar como súditos de Deus. Deus não quebra nossa vontade. Ele captura nossa vontade por meio da graça da vida de Cristo que habita em nós. Deus nos torna plenos também neste sentido. Somos instrumentos de Deus.

Terceiro, em Cristo, Deus nos restaura à verdadeira comunhão Consigo mesmo. Não apenas recebemos de Deus, mas também podemos dar a Deus em serviço. Assim, nossa comunhão é recíproca. Somos parceiros de Deus.

Experimentamos a plenitude em Cristo porque Nele Deus nos restaura ao nosso verdadeiro lugar na criação, à nossa verdadeira relação com Ele mesmo e à nossa verdadeira comunhão com Ele. Esta restauração nos capacita a cooperar com Deus em Seus propósitos. Nos tornamos não apenas troféus de Sua graça, mas Seus instrumentos e até mesmo Seus parceiros em nossa geração.

A luz dessa revelação, Paulo faz um apelo triplo:

O primeiro é uma advertência contra uma falsa filosofia (2.8). Paulo descreveu essa falsa filosofia de duas maneiras: Primeiramente, é a tradição dos homens, que é essencialmente especulação. Neste contexto, Paulo estava falando da adivinhação humana que deixa Deus de fora do Seu universo. A teoria da evolução orgânica é um exemplo disso. Em segundo lugar, são também os rudimentos do mundo. Esta filosofia é rudimentar porque tenta explicar tudo dentro dos limites daquilo que é material. A parte material da vida é rudimentar. A filosofia do anti-sobrenaturalismo é um exemplo disso.

Corrigimos essa falsa filosofia reconhecendo que Jesus Cristo é a solução para o problema do universo. Quando entendemos que Jesus Cristo é o primogênito (primeiro em posição e soberania), então adquirimos uma visão verdadeira do universo. Ele é o Criador e o grande Agente de coesão no universo.

A segunda advertência de Paulo é contra a falsa mediação (2.16-18). Ele ressaltou que cerimônias como a observância de certos tipos de alimentos e festivais são apenas sombras. Não devemos pensar que a observância dessas cerimônias irá melhorar nosso relacionamento com Deus. Temos Jesus Cristo, que é a substância para a qual essas cerimônias apontam (p. ex.: as festas judaicas). Outro tipo de falsa mediação envolve a adoração de anjos. Não devemos nos envolver com essa prática porque temos acesso direto a Deus por meio de Jesus Cristo. Ele é o Criador e Mestre de todas as criaturas, inclusive dos anjos. “Pois: Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade: o homem Cristo Jesus” (1 Tm 2.5). Resumindo, não devemos permitir que cerimônias religiosas ou mediadores criados se interponham entre nós e Cristo.

A terceira advertência de Paulo é contra as falsas expectativas (2.20-23). Nosso inimigo espiritual pode nos tentar a confiar na opinião dos outros. Quando os falsos mestres dizem: Não toque nisto, não prove aquilo ou não manuseie algo, podemos pensar que essas declarações têm autoridade. Mas isso é legalismo. Paulo nos exorta a não seguir essas opiniões, mas a obter nossa orientação do Senhor Jesus Cristo.

Nosso inimigo pode nos tentar a confiar em práticas ascéticas de abstenção e autoflagelação. Paulo nos diz para esquecermos essas coisas e colocarmos nosso pensamento nas coisas de Cristo e não em nós mesmos. O ascetismo gera introspecção mórbida e egoísmo. Quando tivermos uma visão verdadeira de Jesus Cristo, Ele será o foco de nosso pensamento. Essa visão nos livrará do domínio da carne. Precisamos basear nossa confiança na Palavra de Deus e não em tradições humanas que não refletem com precisão a revelação das Escrituras.

A questão de suprema importância para a igreja é sua doutrina de Cristo. Nossa vida cristã e nosso ministério fluirão de nossa doutrina de Cristo. Somos o que pensamos. “Porque, como imagina [qualquer pessoa] em sua alma, assim ele é” (Pv 23.7, NAA). Cristo não deve apenas ocupar o lugar central em nossa vida, mas nossa compreensão de Cristo deve ser precisa. Podemos evitar todos os erros contra os quais Paulo advertiu nessa epístola mantendo uma visão adequada de Cristo.<sup>21</sup>

A pregação moderna costuma ser bastante superficial porque se concentra no homem em vez de em Deus e em Cristo. Um de meus professores no seminário, o Dr. S. Lewis Johnson, costumava nos incentivar em sala de aula a "Pregar Cristo!" E ele sempre pregava Cristo quando pregava num culto na capela.

---

<sup>21</sup> Esta seção da Mensagem foi adaptada de G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 2:1:207-223.

E. V. Hill, pastor da Mount Zion Missionary Baptist Church em Los Angeles, contou sobre o ministério de uma senhora idosa em sua igreja, a quem a congregação se referia como “1800”, porque ninguém sabia quantos anos ela tinha. 1800 era difícil para os pregadores desavisados porque ela se sentava na primeira fila e, quando o pregador começava, ela dizia: “Exalte-O!”, referindo-se a Cristo. Depois de alguns minutos, se ela achasse que não estava acontecendo, ela gritava novamente: “Exalte-O!” Se um pregador não “O exaltasse!”, ele passaria por momentos difíceis ali.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> R. Kent Hughes, "Preaching: God's Word to the Church Today," em *The Coming Evangelical Crisis*, ed. John H. Armstrong, pág. 99.

# Exposição

## I. INTRODUÇÃO 1.1-14

Paulo começa esta epístola com uma saudação, uma palavra de ação de graças e uma oração. Nesta introdução ele deu sinais acerca do seu propósito ao escrever, o que normalmente fazia nas introduções de suas epístolas.

### A. SAUDAÇÃO 1.1-2

Paulo começou sua carta com esta saudação para se apresentar aos seus leitores e desejar a benção de Deus sobre eles.

1.1 Paulo citou seu chamado e ofício apostólico no início desta carta para fornecer autoridade ao que vem a seguir.

“Temos aqui, logo no início da carta, toda a doutrina da graça. Um homem não é o que ele fez de si mesmo, mas o que Deus o fez dele. Não existe algo como um homem auto existente; existem apenas homens que Deus fez, e existem aqueles que se recusaram a permitir que Deus os fizesse”.<sup>23</sup>

“Paulo” era o nome que o apóstolo usou para si mesmo no mundo greco-romano, ao invés de seu nome judaico: Saulo.

“Os judeus, nas regiões de fala grega, se apropriavam de nomes que se aproximavam muito do som de seus nomes hebraicos e aramaicos, por exemplo: Silas – Silvano; Jesus – Jason...”.<sup>24</sup>

“A designação que Paulo fez do Salvador como ‘Cristo Jesus’ (a leitura dos principais manuscritos) pode ser entendida como um esforço deliberado por enfatizar desde o início a real posição exaltada do Senhor ressurreto, contra um sistema de pensamento que pretendida rouba-Lo de Sua

---

<sup>23</sup> Barclay, pág. 123.

<sup>24</sup> O'Brien, pág. 2. Cf. Adolph Deissmann, *Bible Studies*, págs. 314-315.

plena majestade. Paulo não usa o nome de *Jesus* sozinho nesta carta”.<sup>25</sup>

Paulo não apresentou Timóteo como um como um apóstolo oficial, mas simplesmente como um irmão em Cristo. Ele estava com Paulo quando o apóstolo escreveu esta carta, mas não foi coautor dela (cf. 1.23-25, 29; 4.18, et al.).

James Dunn argumentou – a partir de algumas pequenas características estilísticas de Colossenses que diferem de outros escritos de Paulo – que Timóteo escreveu esta epístola tendo recebido do apóstolo um esboço do pensamento de Paulo acerca da epístola.<sup>26</sup> Dunn poderia escrever que esta era uma carta paulina, ainda que acreditasse que Timóteo fosse o escritor, porque acreditava que Timóteo interpretava a teologia de Paulo e que Paulo era a principal influência sobre Timóteo em seus escritos. Alguns outros estudiosos contemporâneos possuem uma posição semelhante, mas a maioria acredita que Paulo foi seu escritor e esta tem sido a opinião da maioria dos estudiosos através dos séculos.

Paulo relacionou Timóteo a si mesmo em suas introduções em 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemom. Ele também mencionou Timóteo em Romanos, 1 Coríntios e 2 Timóteo. O autor da epístola aos Hebreus também se referiu a Timóteo.

1.2 Os crentes colossenses eram santos (gr. *hagios*, aqueles separados para Deus) em sua posição, e irmãos e irmãs “fiéis” (gr. *pistis adelphois*) em sua prática.

“... o emprego de apenas um artigo ‘o’ significa que ‘santos’ e ‘irmãos fiéis’ não são dois grupos separados, mas simplesmente duas designações das mesmas pessoas”.<sup>27</sup>

“Ao declarar seus leitores como ‘fiéis’, é possível que Paulo esteja expressando sua confiança de que, quando ele lhes

---

<sup>25</sup> Harrison, págs. 19-20.

<sup>26</sup> Dunn, págs. 35-39.

<sup>27</sup> Homer A. Kent Jr., *Treasures of Wisdom*, pág. 29.

mostrar o perigo de serem influenciados por ensinamentos errados, eles se afastarão disso”.<sup>28</sup>

Os colossenses viviam em Colossos, que era uma pequena cidade localizada às margens do rio Lico, no Vale do Lico, no distrito geográfico chamado Frígia. Este distrito ficava na província romana da Ásia, no oeste da Ásia Menor (atual Turquia). Colossos ficava cerca de 160 quilômetros a leste de Éfeso, 17,5 quilômetros a leste de Laodiceia, e 21 quilômetros a sudeste de Hierápolis.

A graça (gr. *charis*) de Deus é Seu favor imerecido e capacitação sobrenatural. Esta palavra é muito proeminente no Novo Testamento, onde ocorre cerca de 155 vezes, principalmente nos escritos de Paulo. A paz de Deus é a confiança interior que Ele concede.

“Em geral, as cartas do Novo Testamento começam como as cartas seculares da época. A fórmula frequentemente usada era ‘A a B, saudações’ (cf. At 23.26; 15.23-29). Existem, no entanto, algumas diferenças significativas. Em primeiro lugar, as saudações cristãs dirigem o pensamento dos leitores imediatamente para a obra de Deus em favor dos homens (cf. Cl 1.1-2). Em segundo lugar, as saudações frequentemente preparam a carta por alusão aos seus temas principais (cf. Rm 1.1; 1 Co 1.2)”.<sup>29</sup>

### **B. AÇÕES DE GRAÇA 1.3-8**

Paulo deu graças a Deus por seus leitores com frequência. Ele lhes disse isso para capacitá-los a apreciar o fato de que ele sabia de sua situação e se alegrava com seu bom testemunho. Estes seis versículos são todos uma frase no texto grego, indicando uma unidade de pensamento nesta perícopa (seção de versículos).

1.3-4 Sempre que Paulo e Timóteo oravam pelos colossenses, davam graças a Deus por eles. Observe as muitas referências em relação a ação de graças nesta carta (1.3, 12; 2.7; 3.15, 16, 17; 4.2).

---

<sup>28</sup> Harrison, pág. 20.

<sup>29</sup> Johnson, 473:335.

“Paulo talvez quisesse dizer que toda vez que orava, se lembrava de suas várias igrejas. Talvez ele mantivesse a prática da oração judaica três vezes ao dia (cf. Dn 6.11; At 3.1; Didaque 8.3), ou talvez ele usava as longas horas de viagem e de trabalho costurando [Paulo era um fabricante de tendas] para levar suas igrejas diante de Deus (veja também em 1.9 e 4.2)”.<sup>30</sup>

Especificamente, Paulo e Timóteo se regozijaram com a contínua demonstração da fé dos colossenses em Cristo, em contraste com sua aceitação inicial Dele como Salvador deles. Isso fica claro a partir da preposição grega *en*, traduzida por “em”. Além disso, os colossenses manifestaram amor sacrificial por outros cristãos.

“A fé é a raiz da vida cristã, e o amor é o fruto”.<sup>31</sup>

1.5-6 Paulo também deu graças pela esperança de bênçãos futuras que seus leitores possuíam, mas que ainda não haviam experimentado. Eles demonstraram sua esperança em sua vida diária ao manifestar fé (v. 4) e amor (v. 8). Os colossenses tinham ouvido falar dessa esperança pela primeira vez quando ouviram o evangelho que lhes havia sido pregado.

“A fé se fundamenta no passado; o amor trabalha no presente; a esperança olha para o futuro. Elas podem ser consideradas como as causas eficiente, material e final, respectivamente, da vida espiritual”.<sup>32</sup>

Paulo relembrou seus leitores de que o evangelho não havia chegado exclusivamente a eles, mas estava se espalhando pelo mundo todo. A referência a todo o mundo é provavelmente uma hipérbole (exagero que não deve ser tomado literalmente), embora alguns intérpretes a tenham aceitado literalmente.<sup>33</sup> Paulo pode ter pretendido usar essa expressão para contrastar o evangelho universal com a mensagem exclusiva que os falsos mestres em Colossos estavam tentando fazer com que os cristãos

---

<sup>30</sup> Dunn, pág. 56.

<sup>31</sup> Harrison, pág. 22.

<sup>32</sup> Lightfoot, pág. 132.

<sup>33</sup> P. ex.: J. Vernon McGee, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 5:335-536.

abraçassem.<sup>34</sup> Paulo glorificou ainda mais a mensagem do evangelho referindo-se ao seu poder dinâmico de transformar vidas – estava constantemente crescendo e dando frutos – e ao seu conteúdo exclusivamente gracioso.

“O verdadeiro evangelho, parece dizer o apóstolo, proclama sua verdade por sua universalidade. Os falsos evangelhos são o resultado de circunstâncias locais, de idiosincrasias especiais; o verdadeiro evangelho é o mesmo em toda parte. Os falsos evangelhos se dirigem a círculos limitados; o verdadeiro evangelho se anuncia com ousadia em todo o mundo. As heresias são, na melhor das hipóteses, étnicas: a verdade é essencialmente católica [ou seja, para todas as pessoas em todos os lugares]”.<sup>35</sup>

“Os pecadores não são salvos pelo estudo dos céus ou pela observação da vida dos cristãos. Eles precisam ouvir a palavra registrada da graça divina [Rm 10.17]”.<sup>36</sup>

1.7-8 Epafras havia evangelizado os colossenses. Ele pode ter fundado a igreja lá.<sup>37</sup> É improvável que esse Epafras seja o mesmo homem a quem Paulo se referiu como Epafrodito em Filipenses 2.25, 4.18 e 4.23, porque esse Epafras parece ter sido da Ásia Menor e esse Epafrodito era, evidentemente, da Macedônia. Como Epafras havia evangelizado em Colossos, ele chegou a Roma e agora estava ministrando ao apóstolo Paulo durante a primeira prisão romana de Paulo (v. 7; cf. 4.12).

Parece que a escravidão de Epafras (“companheiro de servidão”) era a vontade de Deus como um companheiro escravo de Deus com Paulo, não como um companheiro de prisão com Paulo na prisão (cf. Fl 23). Ele havia dado a Paulo um bom relatório sobre os cristãos colossenses, embora os falsos mestres estivessem tentando se infiltrar na igreja. Paulo o mencionou aqui para transmitir uma boa palavra sobre seu “pai na fé” e para associar Epafras a si mesmo. Provavelmente, ele fez isso para que

---

<sup>34</sup> Lenski, pág. 26.

<sup>35</sup> Lightfoot, págs. 132-133.

<sup>36</sup> Robert G. Gromacki, *Stand Perfect in Wisdom*, pág. 37.

<sup>37</sup> Peake, 3:498.

seus leitores percebessem que o fundador da igreja deles compartilhava os pontos de vista que Paulo apresentou nesta carta. Isso deve ter tornado os ensinamentos de Paulo mais persuasivos para os colossenses.

O Espírito Santo havia criado amor nos colossenses. Essa é a única referência ao Espírito Santo nessa epístola. Em Colossenses, Paulo atribuiu a Cristo as atividades de Deus que ele normalmente associava ao Espírito Santo. Ele provavelmente fez isso para glorificar Jesus Cristo na visão dos colossenses. Eles estavam sendo ensinados por falsos mestres que Cristo era menos do que realmente é.

“Como nas outras cartas paulinas, os temas e a linguagem da ação de graças ecoam no restante da carta...”<sup>38</sup>

### **C. ORAÇÃO 1.9-14**

Toda essa seção, juntamente com os versículos de 15 a 20, ocorrem numa única sentença no texto grego. Nos versículos 9 a 14, Paulo disse a seus leitores que orava para que percebessem plenamente e compreendessem profundamente a vontade de Deus para eles e para todos os crentes. Ele fez isso para que fossem capazes de glorificar a Deus em sua conduta. Ele lhes disse isso para lembrá-los de que a compreensão deles deve vir por meio da atuação do Espírito de Deus neles e que a compreensão correta é fundamental para a conduta correta.

“Muitas vezes acontece que, ao orar, estamos realmente dizendo: ‘Seja mudada a Tua vontade’, quando deveríamos dizer: ‘Seja feita a Tua vontade’”.<sup>39</sup>

“Oramos, não para escapar da vida, mas para sermos mais capazes de enfrenta-la. Oramos não para nos retirarmos dessa vida, mas para vive-la no mundo dos homens como ela deve ser vivida”.<sup>40</sup>

1.9 Considerando a confiança dos colossenses em Cristo e o amor mútuo (vv. 4-8), Paulo e seus companheiros oravam constantemente por eles. Eles haviam orado, tanto por ações de graças quanto por petições, desde o dia

<sup>38</sup> Dunn, pág. 55. Cf. pág. T. O'Brien, *Introductory Thanksgivings in the Letters of Paul*, pág. 69; e T. Y. Mullins, "The Thanksgivings of Philemon and Colossians", *New Testament Studies* 30 (1984):291.

<sup>39</sup> Barclay, pág. 130.

<sup>40</sup> Ibid.

em que ouviram falar da recepção da Palavra pelos colossenses e do contínuo amor que o Espírito Santo havia produzido neles.

“Orar é o termo mais geral e abrangente. Indica qualquer forma de reverência dirigida à Deidade, quer ‘nos apeguemos a Deus’ por meio de intercessão, súplica, adoração ou ação de graças. Pedir é mais específico. Refere-se a fazer pedidos humildes e específicos”.<sup>41</sup>

De maneira específica, Paulo e Timóteo pediram que Deus desse aos crentes de Colossos o conhecimento pleno e exato de toda a Sua vontade para eles. A palavra grega traduzida como conhecimento é *epignosis*. Essa palavra pode significar tanto conhecimento pleno quanto conhecimento mais preciso.<sup>42</sup> Paulo provavelmente orou para que os colossenses tivessem maior conhecimento em ambos os aspectos. Essa palavra sempre descreve o conhecimento moral e religioso no Novo Testamento. Ela se refere especialmente ao conhecimento pleno e amplo da vontade de Deus que se baseia no conhecimento de Deus e de Cristo.<sup>43</sup> *Gnosis* (conhecimento) era o termo favorito dos filósofos gnósticos e Paulo, sem sombra de dúvidas, os tinha em mente quando orou por *epignosis* em favor de seus leitores.

“Os colossenses tinham *gnosis*, mas o apóstolo desejava que eles fossem preenchidos com conhecimento extra e suplementar, não um novo conhecimento, ou uma forma ou seção diferente da ciência cristã, mas um desenvolvimento mais completo da informação teológica parcial que eles já possuíam”.<sup>44</sup>

“Paulo não disse, como alguns evangelistas dizem hoje: ‘a salvação dos pecadores é tudo que desejo; meu único objetivo’. Ele desejava que aqueles que haviam sido feitos

---

<sup>41</sup> Hendriksen, pág. 56.

<sup>42</sup> Lightfoot, pág. 136; J. Armitage Robinson, *St. Paul's Epistle to the Ephesians*, págs. 248-254.

<sup>43</sup> Cf. Lightfoot, pág. 138.

<sup>44</sup> Eadie, pág. 21.

santos pudessem ser cheios do conhecimento da vontade de seu Senhor”.<sup>45</sup>

A vontade (*thelematos*) de Deus é o que Deus revelou em Sua Palavra como sendo correto tanto em relação à crença (fé) quanto ao comportamento (obras, moralidade; cf. 4.12; At 22.14; Rm 12.2). No sentido mais amplo, a vontade de Deus é todo o propósito de Deus revelado em Cristo.<sup>46</sup>

“Para um teísta que acredita que o propósito ativo de Deus determina a ordem do mundo, está por trás dos eventos na Terra e molda suas consequências, um dos objetivos mais desejáveis deve ser conhecer a vontade de Deus”.<sup>47</sup>

Esse conhecimento incluía a sabedoria espiritual (o termo mais amplo que abrange toda a gama de faculdades mentais) e o entendimento (conhecimento de como aplicar a sabedoria em casos específicos).

“‘Sabedoria’ e ‘entendimento’ provavelmente não devem ser tratados separadamente, mas devem ser vistos como expressão de um único pensamento, algo como sabedoria prática ou clareza de discernimento”.<sup>48</sup>

Essa interpretação toma as palavras sabedoria e entendimento como uma hendíade.<sup>49</sup> Esse conhecimento viria a eles somente pela concessão e iluminação do Espírito Santo (“sabedoria espiritual”). Obviamente, os falsos mestres em Colossos estavam promovendo o que eles chamavam de um conhecimento mais profundo que só podia ser alcançado por poucos privilegiados, ou seja, pelos falsos mestres e seus seguidores. O fato de Paulo ter se referido à sabedoria seis vezes nessa curta epístola (1.9, 28; 2.3, 23; 3.16; 4.5) ressalta sua importância.

---

<sup>45</sup> William Lincoln, *Lectures on the Epistle to the Colossians*, pág. 7.

<sup>46</sup> Vaughan, pág. 177.

<sup>47</sup> Dunn, pág. 69.

<sup>48</sup> Vaughan, pág. 177.

<sup>49</sup> Uma hendíade é uma figura de linguagem em que uma única ideia é expressa por duas palavras conectadas com "e".

“Os falsos mestres prometeram aos crentes de Colossos que eles estariam ‘por dentro do assunto’ se aceitassem as novas doutrinas. Palavras como *conhecimento*, *sabedoria* e *entendimento espiritual* faziam parte do vocabulário religioso deles; por isso, Paulo usou essas palavras em sua oração”.<sup>50</sup>

“O verdadeiro antídoto para a heresia é sempre um conhecimento mais profundo e mais rico da verdade a respeito de Jesus Cristo”.<sup>51</sup>

1.10-12a O objetivo de compreender plenamente a vontade de Deus era que os colossenses fossem capazes de viver um dia de cada vez de forma a glorificar e agradar ao Senhor. Essa seria uma caminhada de vida digna do que Cristo havia feito por eles. A metáfora da caminhada – que significa conduta no progresso da vida – tem sua origem na cultura judaica e não na grega. O verbo hebraico *halak*, traduzido como andar, deu origem ao termo técnico "halakhah", que indica as decisões rabínicas sobre como os judeus deveriam interpretar a lei em sua vida diária.<sup>52</sup> Agrado (v. 10, gr. *aresko*) refere-se a uma atitude que antecipa todo desejo (cf. 2 Co 5.9).

“Em meu ministério pastoral, conheci pessoas que ficaram intoxicadas com o ‘estudo das verdades mais profundas da Bíblia’. Normalmente, elas receberam um livro ou foram apresentadas às gravações de algum professor. Em pouco tempo, elas ficam tão inteligentes que se tornam burras! As ‘verdades mais profundas’ que descobrem apenas as desviam da vida cristã prática. Em vez de ficarem com o coração ardente de devoção a Cristo (Lc 24.32), ficam com a cabeça inchada e começam a criar problemas em seus lares e igrejas. Todas as verdades bíblicas são práticas, não teóricas. Se estamos crescendo em conhecimento, também deveríamos crescer em graça (2 Pe 3.18)”.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Wiersbe, 2:110.

<sup>51</sup> Johnson, 472:341.

<sup>52</sup> Veja Dunn, pág. 71.

<sup>53</sup> Wiersbe, 2:111.

“Para Paulo, a doutrina e a ética são inseparáveis. A conduta correta deve ser baseada no pensamento correto, mas o pensamento correto também deve levar à conduta correta”.<sup>54</sup>

Quatro características, cada uma das quais é um particípio presente no texto grego, distinguem esse “andar” digno, que é um infinitivo aoristo no texto grego. Primeira, andar de maneira digna inclui dar frutos continuamente em caráter e conduta em todo tipo de boa obra (cf. Gl 5.22-23). Em segundo lugar, inclui o crescimento. A ideia de Paulo era que o cristão continuasse a crescer em seu conhecimento da vontade de Deus revelada nas Escrituras. Ao fazer isso, ele não apenas dá frutos, mas cresce em sua capacidade de dar frutos, como acontece com uma árvore frutífera.

“O que a chuva e o sol são para a nutrição da planta, o conhecimento de Deus é para o crescimento e amadurecimento da vida espiritual”.<sup>55</sup>

Em terceiro lugar, andar dignamente inclui ganhar força que se manifesta na perseverança (continuar apesar da provação, do medo, da intimidação ou do desânimo: “a capacidade de levar as coisas até o fim”).<sup>56</sup>

“Crisóstomo chama a ‘perseverança’ de a rainha das virtudes”.<sup>57</sup>

Junto com a perseverança, uma caminhada digna também é marcada pela paciência (longanimidade diante da ira ou da vingança) e pela alegria (cf. Fp 4.13; 2 Tm 2.1).

“Há um tipo de paciência que ‘suporta, mas não desfruta’. Paulo orou para que os cristãos colossenses pudessem experimentar uma paciência e longanimidade *contentes*”.<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup> Peake, 3:499.

<sup>55</sup> Vaughan, pág. 178.

<sup>56</sup> F. W. Beare, *The Epistle to the Colossians*, pág. 158.

<sup>57</sup> Lenski, pág. 39.

<sup>58</sup> Wiersbe, 2:113.

“A glória de Deus [‘de acordo com Seu glorioso poder’] possui um poder peculiar e esse poder não é meramente amor... Se observarmos a glória de Deus na criação, a imensidão de seu poder arquitetônico nos assombra; ou na providência, sua energia exaustiva e versátil nos deixa perplexos; ou na redenção, suas realizações morais nos encantam e surpreendem”.<sup>59</sup>

“Quando o multimilionário doa ‘de’ sua riqueza para alguma boa causa, ele pode estar doando muito pouco; mas quando ele doa ‘de acordo com’ suas riquezas, a quantia será substancial. O Espírito Santo dá não apenas ‘de’, mas ‘de acordo com’”.<sup>60</sup>

Quarto, andar de maneira digna inclui expressar gratidão a Deus de maneira consistente. Três causas para a gratidão estão nos versículos 12b-13.

1.12b-13 Primeira, Deus qualificou o crente por Sua graça. Ele nos fez herdeiros de uma herança (cf. 1 Pe 1.4).<sup>61</sup> Nossa qualificação para receber uma herança se deu na conversão, embora a posse efetiva da maior parte dela ainda seja futura. Em segundo lugar, Ele nos resgatou do império das trevas de Satanás (v. 13a). Isso também ocorreu na conversão, mas se tornará mais evidente no futuro. Terceiro, Ele nos transportou para o reino de Cristo (v. 13b). O verbo traduzido por transportar (*metestesen*) em outros lugares descreve a realocação de grandes grupos de pessoas, como exércitos capturados ou colonos, de um país para outro (cf. At 26.18).<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> Eadie, pág. 28. Providência refere-se ao trabalho de Deus por meio do curso natural dos acontecimentos, em contraste com Suas intervenções sobrenaturais no curso dos acontecimentos.

<sup>60</sup> Hendriksen, pág. 58.

<sup>61</sup> Veja John A. Witmer, "The Man with Two Countries", *Bibliotheca Sacra* 113:532 (Outubro-Dezembro 1976):338-349.

<sup>62</sup> Johnson, 472:344. Veja também meu comentário acerca de Antioquia transferindo famílias judaicas para a região de Colossos na seção do Contexto Histórico deste comentário bíblico expositivo.

O reino em vista é provavelmente o atual governo de Cristo sobre os Seus.<sup>63</sup> É o reino de luz de Deus que se opõe à esfera de autoridade e poder de Satanás, caracterizada pelas trevas.

“O contexto aqui sugere que a ação precisa ser considerada como *de jure* [por direito] e não *de facto* [na realidade]. Os crentes terão sido ‘[tirados] do poder das trevas’, declara o apóstolo. Todavia, em outro lugar ele adverte que ainda precisamos lutar ‘contra os príncipes do mundo destas trevas’ (Ef 6.12). Portanto, nosso transporte para o Reino de Cristo precisa ser similar ao ato de Deus quando ele ‘nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus’ (Ef 2.6). Embora não estejamos *de facto* assentados nos tronos celestiais, isso é algo tão certo que Deus pode falar disso como se já tivesse acontecido. No mesmo sentido, fomos (tempo verbal aoristo) transferidos *judicialmente* para o Reino do nosso Senhor antes mesmo de sua instauração [na terra]”.<sup>64</sup>

O apóstolo provavelmente usou essas figuras de luz versus trevas porque os falsos mestres em Colossos aparentemente estavam promovendo uma forma de gnosticismo que se tornou muito influente no segundo século.

“O gnosticismo brotou do desejo humano natural de criar uma teodiceia, uma explicação para a origem do mal. ...Foi necessária toda a habilidade intelectual e poder espiritual do polemista Irineu e o desenvolvimento de uma regra de fé e um cânon das Escrituras por parte da Igreja para superar a ameaça ao cristianismo feita por este movimento”.<sup>65</sup>

O gnosticismo fez muito do contraste entre luz e trevas em seu sistema filosófico. As trevas também são uma figura proeminente no simbolismo bíblico, onde representam a ignorância, a falsidade e o pecado (cf. Jo 3.19;

---

<sup>63</sup> P. ex.: Eadie, pág. 38; Robert L. Saucy, *The Case for Progressive Dispensationalism*, págs. 107-110; idem, "The Presence of the Kingdom and the Life of the Church", *Bibliotheca Sacra* 145:577 (Janeiro-Março 1988):42-43; e Charles A. Bigg, *The Messiah of the Apostles*, págs. 211-212.

<sup>64</sup> Alva J. McClain, *A Grandeza do Reino*, pág. 656.

<sup>65</sup> Earle E. Cairns, *Christianity Through the Centuries*, pág. 105.

Rm 13.12; et al.). Também são comuns no material de Qumran (1QS 1.9; 2.5, 16; 11.7-8; 1QM 1.1, 5, 11; 4.2; 13.2; 1QH 11.11-12)".<sup>66</sup>

- 1.14 Talvez Paulo tenha explicado a redenção porque os falsos mestres também haviam redefinido esse termo. A redenção é um benefício da união com Cristo (v. 13b). A ideia de emancipação expressa esse aspecto da obra de Cristo por nós.

“A verdadeira redenção [*apolutrosis*, lit. resgate] de que os homens necessitam não é uma redenção do destino por meio de éons gnósticos [divindades intermediárias]; é uma redenção do pecado por meio de um Mediador Divino-humano”.<sup>67</sup>

“Redenção e perdão não são conceitos exatamente paralelos ou idênticos, mas ao colocar os dois termos em justaposição [lado a lado] um com o outro, o apóstolo ensina que a característica central da redenção é o perdão dos pecados”.<sup>68</sup>

O perdão dos pecados é um tema importante nessa epístola (cf. 2.13; 3.13).

Essa perícopé contém uma bela imagem do crescimento cristão, que é a vontade de Deus para todo crente. Paulo mencionou o mesmo conceito de crescimento cristão mais tarde (2.7). O cristão cresce mais como uma árvore frutífera do que como um talo de trigo. Não apenas damos frutos e depois morremos. Continuamos a crescer em nossa capacidade de dar frutos à medida que aumentamos nosso conhecimento de Deus. A cada ano que passa, deve haver um crescimento na vida espiritual do cristão e um aumento em sua frutificação.

## **II. EXPLICAÇÃO DA PESSOA E OBRA DA PESSOA DE CRISTO 1.15-29**

A seguir, Paulo passou a discutir mais profundamente o conhecimento pleno sobre Jesus Cristo que os falsos mestres em Colossos estavam atacando. Ele fez isso para dar a seus leitores um conhecimento mais completo da vontade revelada de Deus, para que eles

<sup>66</sup> O material de Qumran refere-se aos Manuscritos do Mar Morto.

<sup>67</sup> Johnson, 472:345.

<sup>68</sup> Vaughan, pág. 180.

rejeitassem o falso ensino daqueles que estavam rebaixando Cristo e para que continuassem a crescer.

“A doutrina de Cristo era a principal verdade ameaçada pelo falso ensino em Colossos e é esta a doutrina que Paulo apresenta a seus leitores antes de tratar especificamente do falso ensino”.<sup>69</sup>

#### **A. A PESSOA PROEMINENTE DE CRISTO 1.15-20**

Nessa seção, Paulo revelou em quais sentidos Cristo é supremo.<sup>70</sup>

“Essas coisas não são novas para os colossenses. De forma sucinta, elas reafirmam aos colossenses os fatos grandiosos sobre o Filho do amor do Pai, porque esses fatos destroem pela raiz o erro usado pelos judaizantes em Colossos”.<sup>71</sup>

Essa passagem “representa uma visão mais elevada da pessoa de Cristo do que a encontrada em qualquer outro lugar nos escritos de Paulo”.<sup>72</sup>

“Nenhuma lista semelhante contendo tantas características de Cristo e Sua divindade é encontrada em qualquer outra passagem das Escrituras”.<sup>73</sup>

Paulo descreveu Jesus Cristo em três relacionamentos: com Sua divindade, com Sua criação e com Sua igreja. Alguns escritores entendem que essa passagem é um hino cristão primitivo.<sup>74</sup>

“Aqui são dadas nove marcas de identificação de Cristo que O tornam diferente e superior a qualquer outra pessoa que já viveu”.<sup>75</sup>

Acredito que há treze marcas.

---

<sup>69</sup> Bruce, 562:99.

<sup>70</sup> Veja também o gráfico resumido em *The Nelson Study Bible*, pág. 2015.

<sup>71</sup> Lenski, págs. 46-47.

<sup>72</sup> E. F. Scott, *The Epistles of Paul to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians*, pág. 20.

<sup>73</sup> Geisler, pág. 672.

<sup>74</sup> P. ex.: Hendriksen, págs. 66-69; Dunn, págs. 85-86.

<sup>75</sup> McGee, 5:338.

### **1. Em relação a Deus, o Pai 1.15a**

O conceito de imagem envolve três coisas: semelhança (Cristo é a semelhança exata de Deus, uma imagem espelhada, cf. Hb 1.3), representação (Cristo representa Deus para nós) e manifestação (Cristo torna Deus conhecido a nós [cf. Jo 1.18]).<sup>76</sup> Enquanto Deus fez o homem à imagem de Deus (Gn 1.27), Cristo é a imagem de Deus (cf. Jo 1.18; 14.8-9; 2 Co 4.4).

A palavra grega traduzida como “imagem” (*eikon*), “... não implica um enfraquecimento ou uma cópia fraca de algo. Ela implica a iluminação de seu núcleo e essência internos”.<sup>77</sup>

“Chamar Cristo de imagem de Deus é dizer que nEle o ser e a natureza de Deus foram perfeitamente manifestados - que nEle o invisível se tornou visível”.<sup>78</sup>

### **2. Em relação a toda criação 1.15b-17**

1.15b Primogênito (Gr. *prototokos*) pode denotar tanto prioridade no tempo (o primeiro filho nascido) quanto supremacia na posição (soberania; cf. v. 18; Êx 4.22; Sl 89.27; Rm 8.29; Hb 1.6; Ap 1.15). A palavra também pode denotar essas duas qualidades. Ambas parecem estar em vista aqui.<sup>79</sup> Cristo era antes de toda a criação no tempo e Ele está acima de toda a criação em autoridade. Mas, à luz do contexto (vv. 16-20), aparentemente, a ênfase principal repousa na soberania Dele.<sup>80</sup>

Ser o primogênito não significa que Cristo foi o primeiro ser criado, algo que os antigos arianos acreditavam e os modernos Testemunhas de Jeová ensinam.<sup>81</sup> Isso está claro porque os versículos 16 a 18 afirmam que Cristo existia antes de todas as coisas e é o Criador de todas as coisas. Outras passagens também afirmam Sua responsabilidade pela criação (cf. Jo 1.3; 3.16; Rm 8.29; Hb 1.6; 11.28; 12.23). Em Jo 3.16, a palavra grega traduzida como unigênito (*monogenes*) significa o único de Sua espécie, não o primeiro a ser criado (*prototiskos*).

<sup>76</sup> Lightfoot, págs. 143-144; Vaughan, pág. 182.

<sup>77</sup> *Theological Dictionary of the New Testament*, s.v. “The Greek use of eikon”, por Hermann Kleinknecht, 2(1964):389.

<sup>78</sup> Bruce, 562:101.

<sup>79</sup> Lightfoot, págs. 144-148; Kenneth S. Wuest, *Word Studies in the Greek New Testament*, 1:4:183.

<sup>80</sup> O'Brien, *Colossians ...*, pág. 44.

<sup>81</sup> Veja Jan Karel Van Baalen, *The Chaos of Cults*, págs. 238-240; John H. Gerstner, *The Theology of the Major Sects*, págs. 161-162. Veja também *The Nelson ...*, pág. 2013.

"Embora seja gramaticalmente possível traduzir isso como 'Primogênito *na* Criação', o contexto torna isso impossível por cinco razões: (1) O objetivo da passagem (e do livro) é mostrar a superioridade de Cristo *sobre* todas as coisas. (2) Outras declarações sobre Cristo nessa passagem (como Criador de tudo [1.16], sustentador da Criação [v. 17], etc.) indicam claramente Sua primazia e superioridade sobre a Criação. (3) O "Primogênito" não pode ser parte da Criação se Ele criou "todas as coisas". Não se pode criar a si mesmo. (As Testemunhas de Jeová acrescentam erroneamente a palavra 'outro' seis vezes nessa passagem em sua *Tradução Novo Mundo*. Assim, elas sugerem que Cristo criou todas as outras coisas depois que Ele foi criado! Mas a palavra 'outro' não está no Grego). (4) O 'Primogênito' recebeu a adoração de todos os anjos (Hb 1.6), mas as criaturas não deveriam ser adoradas (Êx 20.4-5). (5) A palavra grega para 'Primogênito' é *prototokos*. Se Cristo fosse o 'primeiro criado', a palavra grega seria *protoktisis*".<sup>82</sup>

1.16 Cristo também é o originador da criação ("por Ele", v. 16a). Todas as coisas – em todos os lugares, de todos os tipos e de todos os graus – originaram-se a partir dEle. Deus mediou o início da vida para todo o universo por meio de Seu Filho (cf. Jo 1.3, 10; Hb 1.2). Cristo é o Arquiteto da criação. Paulo listou várias categorias de seres angelicais, ou seja, governantes e autoridades invisíveis. É possível que estivesse utilizando a terminologia usada pelos falsos mestres, que ensinavam várias categorias dentro da esfera angelical.<sup>83</sup> Ou é possível que existam estas categorias. Alguns estudiosos acreditam que tronos, domínios, governos e autoridades se referem tanto a anjos santos quanto a anjos caídos, a demônios e ao homem.<sup>84</sup>

No gnosticismo e em seu desenvolvimento primitivo em Colossos, os anjos recebiam vários graus de veneração de acordo com sua suposta posição. Provavelmente, as classificações dos poderes celestiais estão em vista aqui

---

<sup>82</sup> Geisler, págs. 672-673.

<sup>83</sup> Vaughan, pág. 182.

<sup>84</sup> P. ex.: Wuest, 1:4:184.

(v. 16).<sup>85</sup> Então, Paulo afirmou que Cristo é superior a todos os seres angelicais, bons e maus (cf. Hb 1.1-14).<sup>86</sup>

“Os anjos *bons* não podem *acrescentar* qualquer coisa à plenitude de riquezas e recursos que os crentes têm em Cristo. Os anjos *maus* não podem separá-los de seu amor (Rm 8.35-39)”.<sup>87</sup>

“Se for perguntado se as forças espirituais que Cristo venceu na cruz devem ser consideradas pessoais ou impessoais, a resposta provavelmente será ‘ambas’. Sejam quais forem as forças, de qualquer tipo, que mantêm as almas humanas em cativeiro, Cristo demonstrou ser o Mestre delas, e aqueles que estão unidos a Ele pela fé não precisam temê-las”.<sup>88</sup>

Cristo também é o agente da criação (“por meio Dele”, v. 16b). Ele realizou a criação (cf. Jo 1.3; Hb 1.2). Ele é tanto o Arquiteto quanto o Construtor da criação.

Cristo também é o alvo da criação (“para Ele”, v. 16b). A história está se movendo em direção a um objetivo, quando todo o universo criado glorificará a Cristo (cf. 1 Co 15.25; Fp 2.10-11; Ap 19.16).<sup>89</sup>

“Várias etapas são necessárias para a construção de um edifício substancial. Primeiro, um arquiteto é contratado para projetar o edifício e elaborar planos e especificações de acordo com os desejos expressos pelo proprietário. Em seguida, os planos são submetidos a licitações de construtores ou empreiteiros e um construtor é contratado. Após a construção do edifício, ele é ocupado pelo proprietário e destinado ao uso pretendido. Nosso Senhor não é apenas o construtor do universo; Ele também é seu

---

<sup>85</sup> Eadie, pág. 54; Dunn, pág. 92.

<sup>86</sup> Harrison, pág. 34.

<sup>87</sup> Hendriksen, pág. 74.

<sup>88</sup> Bruce, 564:299.

<sup>89</sup> Veja Handley C. G. Moule, *Colossian Studies*, pág. 78.

arquiteto e proprietário. Todas as coisas foram criadas *nEle* (os planos eternos para a criação residem nEle), *por Ele* (Ele agiu como construtor) e *para Ele* (a criação pertence a Ele e deve refletir Sua glória)".<sup>90</sup>

“Por séculos, os filósofos gregos ensinaram que tudo precisava de uma causa primária, uma causa instrumental e uma causa final. A causa primária é o plano, a causa instrumental é o poder e a causa final é o propósito. Quando se trata da Criação, Jesus Cristo é a causa primária (Ele a planejou), a causa instrumental (Ele a produziu) e a causa final (Ele a fez por Sua própria vontade)".<sup>91</sup>

Paulo usou o verbo traduzido por “criou” duas vezes no versículo 16. Na primeira delas, ele está no tempo aoristo do grego e se refere à criação como um ato. Na segunda, está no tempo perfeito do grego e retrata “o universo como ainda permanecendo o monumento e a prova de Seu poder criativo”.<sup>92</sup>

1.17 Cristo também antecede a criação (“antes de todas as coisas”, v. 17a). Essa revelação separa claramente Cristo de toda entidade criada. "Ele" tem a força de "Ele e nenhum outro" no texto grego. A palavra é um pronome intensivo. Ele é anterior a tudo temporalmente (preexistente) e com autoridade (soberano).<sup>93</sup> Essa afirmação, combinada com a anterior de que Ele é o primogênito de toda a criação (v. 15b), prova que Cristo não é um ser criado. Se fosse, Ele teria de criar a Si mesmo. Para fazer isso, Ele teria que existir antes de existir, o que é absurdo e impossível.

“A frase ‘antes de todas as coisas’ resume a essência de Sua designação como ‘Primogênito antes de toda a criação’ e exclui qualquer possibilidade de interpretar essa designação como significando que Ele próprio faz parte da ordem criada (embora seja a primeira e principal parte)".<sup>94</sup>

---

<sup>90</sup> Johnson, 473:15.

<sup>91</sup> Wiersbe, 2:116.

<sup>92</sup> Eadie, pág. 56.

<sup>93</sup> C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, pág. 74.

<sup>94</sup> Bruce, 562:104.

Cristo também é o sustentador da criação (“mantém tudo em harmonia”, v. 17b). Cristo é a Pessoa que preserva e mantém a existência do que Ele criou. Deus, o Pai, delegou a administração do universo a Deus, o Filho.<sup>95</sup>

“Ele é o princípio de coesão no universo. Ele imprime na criação a unidade e a harmonia que fazem dela um cosmo em vez de um caos”.<sup>96</sup>

“Toda lei da ciência e da natureza é, de fato, uma expressão do pensamento de Deus. É por meio dessas leis e, portanto, pela mente de Deus, que o universo se mantém unido e não se desintegra no caos”.<sup>97</sup>

“Assim sendo, o conceito passa de criação para preservação”.<sup>98</sup>

O versículo 17 resume o pensamento dos versículos 15-16 e completa a declaração da relação de Cristo com a criação.

### **3. Em relação à igreja 1.18-20**

Até agora, tudo o que Paulo havia escrito sobre Cristo havia sido revelado por outros escritores do Novo Testamento. Mas o que se segue no versículo 18 é exclusivamente paulino.

Em 1 Coríntios 12.12-31 e Romanos 12.4-8, Paulo usou o corpo humano para ilustrar a unidade e a diversidade presentes na igreja. Aqui ele o usou para ilustrar a soberania de Cristo sobre os cristãos (cf. Ef 4.11-13). Nosso Senhor concede autoridade e direção ao Seu corpo.<sup>99</sup>

1.18 O termo cabeça (gr. *kephale*) pode se referir à origem ou à autoridade. Certo escritor argumentou que cabeça aqui não aponta para Cristo como o governante da igreja, embora Ele seja isso, mas para o fato de Ele ser o

---

<sup>95</sup> Veja McClain, pág. 31.

<sup>96</sup> Lightfoot, pág. 154. Cf. Peake, 3:505.

<sup>97</sup> Barclay, pág. 144.

<sup>98</sup> Johnson, 473:16.

<sup>99</sup> Para uma discussão sobre o termo *ekklesia* (igreja) em Colossenses e Filemom, veja O'Brien, *Colossians ...*, págs. 57-61.

início dela.<sup>100</sup> Outros intérpretes consideram que cabeça se refere tanto à origem quanto à autoridade, ou a ambos.

“Na época de São Paulo, de acordo com a psicologia popular, tanto grega quanto hebraica, um homem raciocinava e fazia propósitos, não ‘com a mente’, mas ‘em seu coração’”.<sup>101</sup>

Cristo é o cabeça da igreja porque Ele é o primogênito dentre os mortos. Cristo é o início da igreja, pois Ele a estabeleceu, é sua autoridade, seu poder e sua fonte de vida espiritual. Ele se tornou todas essas coisas em Sua ressurreição, quando se tornou o primogênito dentre os mortos no tempo. Cristo foi a primeira pessoa a ressuscitar dos mortos para nunca mais morrer. Ele quebrou o domínio da morte sobre a humanidade (1 Co 15.20, 23). Por isso, Cristo se tornou preeminente também na nova criação, a igreja, bem como na velha criação (vv. 16-17).

“Paulo não disse que Jesus foi a primeira pessoa a ressuscitar dos mortos, pois não foi. Mas Ele é o mais importante de todos os que ressuscitaram dos mortos, pois, sem Sua ressurreição, não poderia haver ressurreição para os outros (1Co 15.20ss.)”.<sup>102</sup>

“*Prototokos* [primogênito], usado em ambas as partes da passagem (vv. 15, 18) une Sua supremacia nos dois domínios, criação e salvação (cf. At 26.23)”.<sup>103</sup>

1.19 O propósito da supremacia de Cristo na nova criação foi a obra de reconciliação do Filho (v. 20). Os versículos 19-23 apresentam a razão pela qual Paulo pôde dizer o que acabara de dizer sobre a supremacia de Cristo.

Mais tarde, na literatura gnóstica, a plenitude (gr. *pleroma*) se referia à série completa de manifestações angelicais que supostamente faziam a

<sup>100</sup> Stephen Bedale, "The Meaning of kephale in the Pauline Epistles", *Journal of Theological Studies* NS5 (1954):213.

<sup>101</sup> *Ibid.*, pág. 212.

<sup>102</sup> Wiersbe, 2:117.

<sup>103</sup> Johnson, 473:18. Cf. Rom. 1.4; 8.29; 1 Co 15.20.

mediação entre Deus e a humanidade.<sup>104</sup> Aqui Paulo usou essa palavra para significar a totalidade da graça e do poder salvador de Cristo (cf. At 5.31, 17.31). Seu argumento era que todo o poder divino reside em Cristo como resultado da Sua ressurreição (v. 18) e que não existe nenhum outro agente mediador (cf. 2.9; Ef 1.23; 3.19; 4.13; 1 Tm 2.5).

“(...) a importância da linguagem é indicar que a totalidade da auto revelação de Deus foi concentrada em Cristo, que a totalidade da interação de Deus com o universo encontra-se resumida em Cristo”.<sup>105</sup>

“Os judaizantes imaginaram um domínio no qual Cristo e Sua obra não atingiram totalmente e inventaram um sistema no qual os cristãos, segundo eles, poderiam se proteger dos efeitos nocivos provenientes desse domínio”.<sup>106</sup>

A palavra grega traduzida como habitar (*katoikesai*) significa morar (em casa) permanentemente. Isso contradiz a ideia de que Jesus era apenas um homem e que o Cristo era um ideal, o que a religião da Ciência Cristã ensina.<sup>107</sup> Em resumo, plenitude aqui provavelmente se refere ao poder oficial de Cristo, dado a Ele depois da Sua ressurreição, e não ao Seu poder original, que sempre foi Seu em virtude de Sua divindade.

1.20 O propósito final de Deus em tudo isso era “[reconciliar] consigo todas as coisas”. A cruz tornou a reconciliação possível. Agora cabe às pessoas receber a provisão de Deus e “reconciliar-se” com Deus pela fé em Cristo (2 Co 5.20).

“A implicação é que o propósito, os meios e a maneira da reconciliação (final) já foram expressos por Deus, não que a reconciliação já esteja completa”.<sup>108</sup>

---

<sup>104</sup> Lightfoot, págs. 255-271.

<sup>105</sup> Dunn, pág. 101.

<sup>106</sup> Lenski, pág. 64.

<sup>107</sup> Gerstner, pág. 163. Van Baalen chamou a Ciência Cristã de “gnosticismo puro”, pág. 108.

<sup>108</sup> Dunn, pág. 103.

“...Paulo nunca vê a reconciliação como concessão mútua após hostilidade mútua. A reconciliação é *voltada para o homem*, não para Deus, em Sua direção. É a reconciliação do homem ‘consigo mesmo’ por parte de Deus (v. 20). Deus nunca teve necessidade de se reconciliar com o homem; Ele sempre amou o homem. É fácil ver a importância de se ter uma visão correta aqui, já que nossa atitude em relação à obra de Cristo e nossa própria ideia de Deus são afetadas”.<sup>109</sup>

Todas as coisas nesse versículo incluem o mundo angelical e o restante da criação, bem como a humanidade. A morte de Cristo tratou da contaminação causada pelo pecado, bem como de sua culpa.

Em que sentido Cristo reconciliou consigo mesmo todas as coisas no céu, inclusive Satanás e seus anjos? Ele não fez isso no sentido comum de trazê-los para a salvação, mas no sentido mais amplo de submetê-los à Sua vontade.<sup>110</sup> Por Sua morte, Cristo derrotou Satanás e seus anjos. Eles agora têm de se submeter a Ele (cf. 2.15).<sup>111</sup>

Essa passagem (1.15-20) contém uma das maiores revelações sobre Jesus Cristo na Bíblia.<sup>112</sup> Os estudiosos têm se referido com frequência aos versículos 15-18 como “A Grande Cristologia”.<sup>113</sup> Eles também têm chamado os versículos 15-20 de “O Hino de Cristo”.<sup>114</sup> O formato desses versículos é provavelmente de poesia hebraica em vez de poesia grega.<sup>115</sup> Um escritor argumentou que Paulo pegou as declarações cristológicas em 1.9-23 e 2.6-15 de fontes judaicas em vez de seu próprio estoque de ideias teológicas

<sup>109</sup> Johnson, 474:143. Veja também James S. Stewart, *A Man in Christ*, págs. 204-272; e Barclay, pág. 147.

<sup>110</sup> Veja Gary L. Shultz Jr., “The Reconciliation of All Things in Christ”, *Bibliotheca Sacra* 167:668 (Outubro-Dezembro 2010):442-459.

<sup>111</sup> Para uma crítica acerca da posição universalista, baseada nesse versículo, de que, como o grande propósito de Deus é a reconciliação, ninguém se perderá no final, veja pág. T. O'Brien, “Col. 1:20 and the Reconciliation of all Things”, *Reformed Theological Review* 33:2 (Maio-Agosto 1974):45-53.

<sup>112</sup> Para uma resenha e avaliação das opiniões recentes sobre essa passagem, veja Larry L. Helyer, “Cosmic Christology and Col 1:15-20”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:2 (Junho 1994):235-246; idem, “Colossians 1:15-20: Pre-Pauline or Pauline?” *Journal of the Evangelical Theological Society* 26:2 (Junho 1983):167-179; idem, “Arius Revisited: The Firstborn Over All Creation (Col 1:15)”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 31:1 (Março 1988):59-67; idem, “Recent Research on Col 1:15-20 (1980-1990)”, *Grace Theological Journal* 12:1 (1992):51-67; e Jeffrey S. Lamp, “Wisdom in Col 1:15-20: Contribution and Significance”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 41:1 (March 1998):45-53.

<sup>113</sup> P. ex.: Johnson, 473:12

<sup>114</sup> P. ex.: Bruce, 562:99.

<sup>115</sup> Steven M. Baugh, “The Poetic Form of Col. 1:15-20”, *Westminster Theological Journal* 47:2 (Outono 1985):227-244.

ou dos primeiros hinos cristãos.<sup>116</sup> Provavelmente ele fez isso. Outro erudito sugeriu que a supremacia de Cristo nessa passagem deveria ser entendida como sobre a Torá, Adão e Israel.<sup>117</sup> Isso me parece desnecessariamente limitado.

“O hino de Cristo de Colossenses 1.15-20 é uma declaração poderosa sobre a Pessoa e a obra de Jesus Cristo. A supremacia de Cristo é vista a cada passo. A primeira parte se concentra em Seu papel proeminente na criação, enquanto a segunda enfatiza Sua obra como Redentor. Para qualquer cristão, em Colossos ou em qualquer outro lugar hoje, que possa ter ficado ou esteja confuso sobre o papel de Cristo no mundo, esses seis versículos testificam a autoridade absoluta de Cristo, que não deve ser compartilhada com nenhuma pessoa, anjo ou demônio”.<sup>118</sup>

#### **TREZE AFIRMAÇÕES SOBRE CRISTO EM COLOSSENSES 1.15-20**

1. Ele é a imagem do Deus invisível (v. 15).
2. Ele é o primogênito da criação (v. 15).
3. Ele é o originador da criação (v. 16).
4. Ele é o agente da criação (v. 16).
5. Ele é o objetivo da criação (v. 16).
6. Ele é o antecedente da criação (v. 17).
7. Ele é o sustentador da criação (v. 17).
8. Ele é o cabeça da igreja (v. 18).
9. Ele é o primogênito dentre os mortos (v. 18).
10. Ele é o mais importante (v. 18).
11. Ele é a plenitude de Deus (v. 19).
12. Ele é o reconciliador de todas as coisas consigo mesmo (v. 20).
13. Ele é o criador da paz (v. 20).

#### **B. A OBRA RECONCILIADORA DE CRISTO 1.21-29**

Paulo continuou sua exposição da superioridade de Cristo com ênfase na Sua obra de reconciliação. Ele fez isso para fundamentar ainda mais seus leitores na verdade plena da revelação de Deus, para que os falsos mestres entre eles não os desviassem do caminho.

<sup>116</sup> J. C. O'Neill, "The Source of the Christology in Colossians", *New Testament Studies* 26:1 (Outubro 1979):87-100.

<sup>117</sup> T. E. Pollard, "Colossians 1:12-20: a Reconsideration", *New Testament Studies* 27:4 (Julho 1981):572-575.

<sup>118</sup> H. Wayne House, "The Doctrine of Christ in Colossians", *Bibliotheca Sacra* 149:594 (Abril- Junho 1992):187.

### **1. Conforme experimentada pelos Colossenses 1.21-23**

Agora, o apóstolo passou para a aplicação da reconciliação de Cristo. Ele foi da afirmação objetiva para a experiência subjetiva.

1.21-22 A igreja em Colossos era predominantemente uma congregação de gentios, como fica evidente na descrição de Paulo da condição pré-conversão de seus leitores. A referência de Paulo ao corpo de carne de Cristo provavelmente o ajudou a distingui-lo de Seu corpo espiritual, a igreja (v. 18). Ele também pode ter mencionado esse fato para contradizer a falsa ideia de que Cristo não tinha um corpo físico genuíno.<sup>119</sup> Uma das heresias da igreja primitiva foi o Docetismo, embora possa não ter sido comum antes dos anos 60 a 62 A.D.<sup>120</sup> O docetista ensinava que Jesus apenas aparentava ter um corpo físico. Eles baseavam essa visão na noção incorreta de que a carne física é inerentemente má.

“... essa ênfase teria sido um escudo contra quaisquer tendências gnósticas que tentassem questionar a realidade da morte de Cristo: o primogênito de toda a criação alcançou seu status de primogênito dentre os mortos ao experimentar a plena realidade da morte física”.<sup>121</sup>

A palavra “santo” significa separado do pecado. “Sem culpa” significa sem mácula ou defeito. “Livres de qualquer acusação” significa totalmente sem motivos para críticas. Paulo não estava falando sobre a conduta pessoal do cristão, mas sobre sua posição em Cristo.

“Isso é colocado de maneira tão forte porque os judaizantes afirmavam que esse estado só poderia ser alcançado quando seu sistema de purificação e manutenção da pureza fosse seguido, em acréscimo à fé em Cristo. Os hereges sempre gostam de acrescentar pelo menos alguma coisa à fé na morte de Cristo, muitas vezes até mesmo a principal característica salvadora”.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Vaughan, pág. 187.

<sup>120</sup> Peake, 3:512.

<sup>121</sup> Dunn, pág. 109.

<sup>122</sup> Lenski, pág. 70.

1.23 A palavra “se” (ARA) introduz uma condição que o escritor supôs ser verdadeira para o bem de seu argumento (uma condicional de primeira classe no grego). Poderíamos traduzi-la: “Uma vez que”. Paulo supôs que seus leitores fariam o que ele descreveu porque a perseverança é normal para o crente genuíno (cf. 2 Co 5.17; Fp 1.6; 1 Jo 2.19).<sup>123</sup> Porém, a perseverança na fé não é inevitável ao crente. A apostasia (abandono de uma posição anteriormente mantida) é uma possibilidade real à qual ele aludiu aqui (cf. 1 Tm 4.1-2 etc.). É necessário permanecer na fé para obter um bom testemunho do Senhor no tribunal de Cristo. Este era o interesse de Paulo com seus leitores aqui.<sup>124</sup>

“Esse ‘se’ contempla a realidade, a realidade de que eles continuarão sendo aquilo que foram feitos. Entretanto, o ‘se’ lhes pede que examinem e observem a si mesmos”.<sup>125</sup>

Paulo estava pensando em seus leitores como um edifício firmemente estabelecido sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas (Ef 2.20). Ele os via firmemente sólidos, não sendo levados pelos ventos da falsa doutrina (cf. Ef 4.14). Como os terremotos não eram incomuns no Vale do Lico, a declaração de Paulo “não vos deixando afastar da esperança do evangelho” (ARA) pode ter lembrado os colossenses de sua segurança a partir de outra perspectiva.<sup>126</sup>

“...os destinatários devem permanecer tão solidamente ancorados no evangelho quanto um deus em seu templo ou um cavaleiro habilidoso em um cavalo vigoroso”.<sup>127</sup>

O evangelho teve ampla circulação. “Em todo o mundo” deve ser uma hipérbole, significando que ele tinha ido a todos os lugares em um sentido geral (cf. Rm. 15.19).<sup>128</sup> Paulo estava contrastando o amplo apelo e a proclamação do evangelho com o apelo exclusivo e a circulação

<sup>123</sup> Herbert M. Carson, *The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon*, pág. 48.

<sup>124</sup> Veja Bob Wilkin, “Is Continuing in the Faith a Condition of Eternal Life?” *Grace Evangelical Society News* 6:3 (Março 1991):2; e Charles C. Bing, “The Warning in Colossians 1:21- 23”, *Bibliotheca Sacra* 164:653 (Janeiro-Março 2007):74-88.

<sup>125</sup> Lenski, pág. 70.

<sup>126</sup> Wiersbe, 2:120-121.

<sup>127</sup> Dunn, pág. 111.

<sup>128</sup> Harrison, pág. 41.

comparativamente limitada da mensagem dos falsos mestres. A palavra traduzida como ministro (gr. *diakonos*) também significa servo.

## **2. Conforme ministrada por Paulo 1.24-29**

Paulo havia recebido uma única função para cumprir no corpo de Cristo. Ele ministrava o evangelho da reconciliação principalmente aos gentios não evangelizados (v. 25). Ele explicou seu ministério aos leitores, em primeiro lugar, para que apreciassem mais profundamente a obra reconciliadora de Deus e, em segundo lugar, para estimulá-los a prosseguir rumo à maturidade.

### **Os sofrimentos de Paulo 1.24**

Esse versículo é “... provavelmente o mais controverso da carta”.<sup>129</sup>

Pode ter parecido irônico o fato de Paulo estar na prisão, tendo em vista o que ele tinha acabado de dizer sobre o sucesso do evangelho. Por isso, ele rapidamente explicou que seus sofrimentos faziam parte do plano de Deus e que ele se alegrava neles.<sup>130</sup> Paulo podia se alegrar porque sabia que sua prisão beneficiaria seus leitores, pelo menos por meio de seu ministério a eles nesta carta, se não de outra forma. Além disso, ele considerava seus sofrimentos como aquilo que qualquer servo de Cristo poderia esperar em vista do modo como o mundo tratava seu Mestre.

“... a palavra *thlipseon* (‘aflições’, ARA) nunca é usada no Novo Testamento para se referir aos sofrimentos expiatórios de Cristo. Por isso, devemos rejeitar qualquer concepção de um tesouro de mérito, como os católicos romanos acreditam, composto dos sofrimentos de Cristo mais os sofrimentos dos santos e concedido como indulgências. Se também rejeitarmos as interpretações que entendem que Paulo está se referindo aos sofrimentos exigidos por Cristo ou sofridos por causa Dele (o sentido natural do genitivo é oposto a isso), ainda nos restam várias alternativas”.<sup>131</sup>

Um ponto de vista é que a frase “o que resta das aflições de Cristo” (ARA) se refere à cota de sofrimentos que a igreja deve passar coletivamente antes do fim da presente era (cf.

<sup>129</sup> Johnson, 475:229.

<sup>130</sup> Veja Stanley D. Toussaint, "Suffering in Acts and the Pauline Epistles", em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and Church*, pág. 192.

<sup>131</sup> Johnson, 475:229-230. Divisão de parágrafo omitida. Cf. Carson, pág. 50.

Mt 24.6; Hb 11.40; Ap 6.11).<sup>132</sup> Porém, essa ideia é estranha ao contexto, que enfatiza a contribuição dos sofrimentos de Paulo para o bem-estar dos colossenses. O argumento de Paulo não era que seus sofrimentos aliviaram os colossenses de sua parcela de sofrimento por Cristo (cf. 1.28-29; 2.1-2).

Um segundo ponto de vista é de que Paulo estava dizendo que seus sofrimentos eram semelhantes aos de Cristo. Tanto ele quanto Cristo sofreram pelos crentes: Cristo na cruz e Paulo no presente.<sup>133</sup> Ainda assim, Paulo escreveu aqui sobre os sofrimentos de Cristo. Eles eram os Seus próprios sofrimentos.

Um terceiro ponto de vista é que os sofrimentos de Cristo aos quais Paulo se referiu são as obras de sacrifício que o Senhor deixou para os crentes realizarem.<sup>134</sup> Assim como Cristo sofreu durante Seu ministério, nós, cristãos, devemos sofrer durante nossos ministérios. Mas, se era isso que Paulo queria dizer, por que ele falou delas como as aflições de Cristo? Esse ponto de vista, assim como os dois anteriores, expressam uma revelação Escriturística, mas essa revelação não parece ser o objetivo de Paulo aqui.

Um quarto ponto de vista, o qual prefiro, considera as aflições de Cristo como os sofrimentos reais de Cristo agora, não na cruz, mas em e por meio de Paulo, em quem Ele habitou (cf. At 9.16; 2 Co 11.23-28).<sup>135</sup> Quando o crente sofre, Cristo também sofre porque Ele habita em nós (cf. At 9.4).

“Não é de se admirar, então, que Paulo tenha se alegrado em seus sofrimentos. Vistos à luz de sua união com Cristo, eles foram transfigurados e se tornaram uma ocasião de comunhão com Ele, bem como um benefício para o corpo, a igreja”.<sup>136</sup>

### **A mensagem de Paulo 1.25-27**

1.25 O papel de Paulo na casa ou na administração da casa de Deus (o significado literal de “dispensação da parte de Deus”, ARA) era o de um servo administrador que expunha plenamente a revelação de Deus para o benefício de seus leitores.

<sup>132</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*, pág. 76; Henry Alford, *The Greek Testament*, 3:2:210.

<sup>133</sup> T. K. Abbott, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and to the Colossians*, pág. 232; Ellis, pág. 1339.

<sup>134</sup> Lightfoot, pág. 163; McGee, 5:343-345.

<sup>135</sup> Peake, 3:514-515; Johnson, 475:230-231; Eadie, págs. 90-91; Hendriksen, pág. 87; Dunn, pág. 114; E. M. Blaiklock, *Today's Handbook of Bible Characters*, págs. 584-585.

<sup>136</sup> Johnson, 475:231.

“Ele era um servo da igreja, mas, no sentido mais profundo, era um mordomo de Deus”.<sup>137</sup>

1.26 Essa revelação incluía um mistério. Nas Escrituras, esse termo se refere a uma verdade antes desconhecida, mas agora revelada por Deus. No mundo grego, também se referia às cerimônias secretas dos cultos pagãos que somente os iniciados conheciam. O uso que Paulo faz dessa palavra é semelhante ao uso que os gregos faziam dela, com a diferença de que agora Deus havia revelado esse segredo.

“O movimento da história mundial é uma progressão linear que também tem sido dirigida por um propósito secreto determinado desde o princípio pelo único Deus”.<sup>138</sup>

Deus havia ocultado essa nova revelação nas épocas passadas das gerações passadas. Paulo a expôs de forma mais completa em Efésios 3.3-9 e somente aqui deu sua essência como “Cristo em vós” (v. 27; cf. Rm 8.10; 2 Co 13.5; Gl 2.20; Ef 1.13-14; 3.17).

“Para Cristo estar *entre* os gentios, era necessário estar naqueles que creram. E Ele era e é para eles *a esperança da glória*, a garantia de que participarão de Sua glória vindoura (cf. 3.4)”.<sup>139</sup>

“O mistério não era o fato de que os gentios seriam salvos, mas *como* eles poderiam ser ‘co-herdeiros’ (Ef 3.6), no mesmo nível dos judeus, sem nenhuma parede de separação entre eles (Ef 2.12-14)”.<sup>140</sup>

1.27 O fato de que Deus salvaria os gentios não era uma nova revelação (p. ex.: Is 49.6), mas o fato de que Ele habitaria neles e lidaria com eles da mesma forma que lidava com os judeus era uma nova revelação.<sup>141</sup> Aqueles que

---

<sup>137</sup> Vaughan, pág. 191.

<sup>138</sup> Dunn, pág. 120.

<sup>139</sup> Johnson, 475:233.

<sup>140</sup> Geisler, pág. 675. Cf. Eadie, pág. 95; McGee, 5:346.

<sup>141</sup> Veja Lightfoot, págs. 166-167.

rejeitaram essa revelação insistiam que os gentios tinham que se tornar judeus antes de se tornarem cristãos (cf. At 15.1).

“Pelo menos quatro características que definem a igreja são descritas como um mistério. (1) O conceito de corpo de crentes judeus e gentios unidos em um só corpo é designado como um mistério em Efésios 3.1-12. (2) A doutrina de Cristo habitando em cada crente, o conceito de Cristo em você, é chamada de mistério em Colossenses 1.24-27 (cf. Cl 2.10-19; 3.4, 11). (3) A igreja como a Noiva de Cristo é chamada de mistério em Efésios 5.22-32. (4) O Arrebatamento é chamado de mistério em 1 Coríntios 15.50-58. Esses quatro mistérios descrevem qualidades que distinguem a igreja de Israel”.<sup>142</sup>

Alguns intérpretes entendem o mistério de “Cristo em nós” como a realização da promessa do Antigo Testamento de que Deus colocaria Seu Espírito dentro dos crentes (Ez 36.27; cf. 37.14).<sup>143</sup> Outros entendem esse mistério como uma nova revelação de que Cristo habitaria os crentes na igreja.<sup>144</sup> A diferença não está na distinção entre Espírito e Cristo. Ambas as posições enxergam a unidade entre o Espírito e Cristo. A diferença entre essas duas interpretações está em seu conceito de igreja. Alguns enxergam a igreja como a fase atual do reino messiânico. Outros enxergam a igreja como distinta do reino messiânico.

“É impressionante o fato de que, pela terceira vez nesses parágrafos iniciais, o tema da esperança ocupa um lugar central no evangelho (1.5, 23, 27...). Essa é uma observação apropriada para encerrar essa breve referência ao mistério do propósito de Deus, moldado desde antes das eras e gerações, e que agora caminha para seu clímax escatológico”.<sup>145</sup>

---

<sup>142</sup> Arnold G. Fruchtenbaum, "Israel and the Church", em *Issues in Dispensationalism*, págs. 117-118.

<sup>143</sup> Veja Saucy, *The Case ...*, págs. 167-173.

<sup>144</sup> Charles C. Ryrie, *Dispensationalism Today*, pág. 135; idem, *Dispensationalism*, págs. 124-125; Wiersbe, 2:122.

<sup>145</sup> Dunn, pág. 123.

### O propósito de Paulo 1.28

Paulo proclamou essa nova revelação como um fato completo. A palavra *katangellogen*, traduzida como proclamar, implica seu caráter completo.

“‘Aconselhar’ (‘advertindo’, *nouthetountes*) e ‘ensinando’ (*didaskontes*) descrevem duas circunstâncias que acompanham a pregação de Paulo. A primeira palavra (...) tem a ver com a vontade e as emoções, e refere-se à advertência. Aqui, ela se refere ao não cristão, e o pensamento provavelmente é que o apóstolo procurou despertar cada um deles para sua necessidade de Cristo. ... ‘Ensino’, que provavelmente se refere a um ministério para convertidos, enfatiza a importância da instrução na proclamação da Palavra. ‘Com toda a sabedoria’ parece expressar a maneira como o ensino era feito”.<sup>146</sup>

As admoestações e o ensino, apresentados por meio de métodos apropriados (“em toda sabedoria”), eram e são necessários para levar todas as pessoas, não apenas as poucas privilegiadas como no gnosticismo, à maturidade em Cristo. James Stewart argumentou que a expressão “em Cristo” é a chave para a teologia de Paulo.<sup>147</sup> Paulo tinha em vista o iminente aparecimento de Cristo como o momento em que ele desejava apresentar cada pessoa madura em Cristo (cf. Ef 4.13). Outro ponto de vista é que ele tinha em mente o tempo presente.<sup>148</sup> Paulo proclamava uma Pessoa, não uma filosofia.

“Paulo pregou, não tanto um sistema de doutrina, mas uma Pessoa, o Senhor Jesus. Suas declarações sobre essa Pessoa e o que Ele fez na cruz constituíam a doutrina que ele pregava”.<sup>149</sup>

Observe que Paulo não pregava apenas a mensagem do evangelho, mas todo o conselho de Deus (“toda a sabedoria”). Seu objetivo não era apenas salvar as pessoas, mas também levá-las à maturidade em Cristo (cf. Mt 28.20).

“Aqui, mais uma vez, pode haver um lembrete suave de que qualquer um dos destinatários colossenses tentados a procurar em outro lugar para

---

<sup>146</sup> Vaughan, pág. 193.

<sup>147</sup> Stewart, págs. vii, 147.

<sup>148</sup> Lenski, págs. 81-82.

<sup>149</sup> Wuest, 1:4:194.

uma experiência e sabedoria ‘mais completas’ precisavam procurar, e deveriam procurar, não mais do que Cristo para sua ‘conclusão’”.<sup>150</sup>

“Paulo dedicou tempo para ministrar a indivíduos; observe a repetição de ‘todo homem’ em Colossenses 1.28. Se ministrarmos a apenas alguns crentes, estaremos ajudando toda a igreja”.<sup>151</sup>

### **O poder de Paulo 1.29**

Paulo teve de despendar energia física, mental e espiritual para atingir seu objetivo de levar os colossenses à maturidade. Às vezes, ele tinha que se esforçar e lutar contra os adversários do mundo, bem como contra sua própria carne e o diabo. Mesmo assim, o poder sobrenatural do Cristo que habitava em seu interior o fortalecia.

“Essa combinação notável e tipicamente cristã de esforço humano e auxílio [socorro] divino tem um paralelo óbvio em Fp 2.12ss. Mas isso ocorre em todo o Novo Testamento”.<sup>152</sup>

“A raiz [da palavra grega traduzida como obras, *energoumenen*] geralmente se refere ao poder sobrenatural, seja de Deus ou de Satanás”.<sup>153</sup>

“Toda a declaração mostra que, por meio da fé em Cristo, podemos unir nossa vida a uma fonte de força que nos permite superar nossas limitações naturais”.<sup>154</sup>

A visão de Paulo a respeito do seu ministério era certamente elevada. Ele teria se desesperado se não tivesse aprendido a suficiência da graça de Deus em sua vida (2 Co 12.9).

### **III. ADVERTÊNCIAS CONTRA FILOSOFIAS HUMANAS CAP. 2**

O apóstolo passou a exortar seus leitores a perseverarem na verdade. Ele então esclareceu a verdadeira doutrina de Cristo e a contrastou com as falsas doutrinas humanas. Seu objetivo era estabelecê-los na verdade sobre Cristo.

---

<sup>150</sup> Dunn, pág. 126.

<sup>151</sup> Wiersbe, 2:123.

<sup>152</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 85.

<sup>153</sup> Johnson, 475:234.

<sup>154</sup> Vaughan, pág. 193.

“O crente que domina este capítulo provavelmente não será desviado por nenhuma sedutora e atraente ‘versão nova e melhorada do cristianismo’”.<sup>155</sup>

#### **A. EXORTAÇÕES PARA PERSEVERAR NA VERDADE 2.1-7**

Paulo exortou seus leitores a continuar crendo e praticando a verdade da revelação de Deus. Ele fez isso para evitar que eles aceitassem as orientações errôneas dos falsos mestres que estavam tentando desviá-los da vontade de Deus para eles.

##### **1. O interesse de Paulo 2.1-5**

2.1 Paulo usou uma metáfora atlética para descrever suas ansiedades e preocupações profundas com seus leitores e seus irmãos cristãos. Seus esforços (1.29) incluíam lutas e conflitos específicos por eles. Laodicéia ficava a cerca de 18 quilômetros a oeste de Colossos e também no Vale do Lico. Outra cidade próxima era Hierápolis. Evidentemente, os falsos mestres estavam promovendo seus pontos de vista em toda aquela região. Paulo se preocupou com todos os cristãos que estavam sob essa influência, inclusive os crentes de Colossos e Laodicéia. “Quantas lutas tenho enfrentado por causa de vocês” pode ter significado que ele estava lutando em oração por eles.<sup>156</sup>

“O Vale do Lico não foi evangelizado pelo próprio Paulo; está claro em Colossenses 2.1 que ele não conhecia pessoalmente as igrejas de lá”.<sup>157</sup>

2.2-3 Conforme a Bíblia usa o termo, o coração inclui a totalidade do homem interior, inclusive a mente (cf. Pv 23.7).

“O *cerne* de toda atividade pastoral verdadeira é ser um instrumento nas mãos de Deus para levar ao *coração* daqueles que foram confiados aos seus cuidados ao *coração* de Cristo”.<sup>158</sup>

<sup>155</sup> Wiersbe, 2:105.

<sup>156</sup> Vaughan, pág. 194; Lightfoot, pág. 170.

<sup>157</sup> Bruce, 561:8. Cf. Lightfoot, págs. 170-171.

<sup>158</sup> Hendriksen, pág. 103.

A riqueza do cristão é seu pleno discernimento da verdade de Deus. Com esse entendimento, o crente está bem equipado para lidar com os falsos ensinamentos.

“A prosperidade espiritual consiste em compreender a verdade de Deus e ter confiança nela”.<sup>159</sup>

A essência da revelação de Deus é o próprio Cristo (cf. 1.27). Quanto melhor o cristão entender a revelação de Deus a respeito da pessoa e da obra de Jesus Cristo, melhor ele será capaz de reconhecer e refutar a falsa doutrina.

“Somente um amor que penetra no coração e brota do coração pode sustentar o tipo de unidade que Paulo buscava (veja também ... 1.4)”.<sup>160</sup>

O amor mútuo é uma fonte de grande encorajamento.

“O apóstolo está dizendo que a percepção da verdade de Deus é muito afetada pelo estado dos relacionamentos humanos dentro do corpo de Cristo”.<sup>161</sup>

Deus revelou no próprio Cristo tudo o que uma pessoa precisa saber para estabelecer um relacionamento com Deus.

“O mistério aqui não é ‘Cristo’, mas Cristo ‘em Quem estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e conhecimento’ ...”.<sup>162</sup>

“‘Tenham plena certeza de que entendem’ é a firme convicção de que você compreende a verdade e que esta é a verdade que você compreende. Não é meramente a crença vívida de que o que ocupa a mente é a verdade divina, mas que essa verdade é plenamente compreendida.

---

<sup>159</sup> Kent, pág. 70.

<sup>160</sup> Dunn, pág. 130.

<sup>161</sup> Harrison, pág. 49.

<sup>162</sup> Lightfoot, pág. 171.

“A mente que alcançou essa posição elevada está confiante de que não interpreta mal as declarações do evangelho nem atribui a elas um significado que não têm”.<sup>163</sup>

“A mente mais propensa a ser seduzida é aquela que, tendo alcançado apenas uma visão imperfeita e unilateral, é continuamente perturbada e perplexa por ideias opostas e conflitantes que, a partir de sua posição, é incapaz de conciliar, mas é forçada a se perguntar se realmente chegou a concepções justas da verdade. O viajante que já fez algum progresso, mas que começa gradualmente a duvidar e questionar, a perder a fé em si mesmo e a se perguntar se, afinal, está no caminho certo, está preparado para ouvir as sugestões de qualquer um que, sob a aparência de amizade desinteressada, possa aconselhar um caminho de perigo e de ruína”.<sup>164</sup>

Pensar que a fonte da verdadeira sabedoria espiritual está em outro lugar que não em Cristo pode produzir uma terrível confusão na vida cristã. A palavra conhecimento refere-se ao entendimento genuíno e sabedoria é a verdade genuína (cf. 1.9).

“O conhecimento é a compreensão da verdade; a sabedoria é a sua aplicação à vida. O conhecimento é um julgamento prudente e a sabedoria é uma ação prudente. Ambos são encontrados em Cristo (cf. Rm 11.33; 1 Co 12.8).”<sup>165</sup>

“A sabedoria resulta da penetração nesse conhecimento. O conhecimento é o estudo, e a sabedoria é o seu fruto”.<sup>166</sup>

“A palavra *apokruphoi* (‘escondido’) é enfática por posição [no texto grego] e, à luz disso, é bem possível que Paulo tenha em mente algo semelhante às religiões de mistério. Nessas religiões, o iniciado, depois de um longo período de

---

<sup>163</sup> Eadie, pág. 111.

<sup>164</sup> Eadie, pág. 112.

<sup>165</sup> Geisler, pág. 676.

<sup>166</sup> Eadie, pág. 115.

treinamento e instrução, tinha permissão para estar presente em uma apresentação semelhante a uma peça de teatro da paixão. Por meio da apresentação, o iniciado deveria ter uma experiência de identificação com seu deus. A instrução dada anteriormente permitia que o iniciado entendesse a peça. Para pessoas de fora, o ritual seria um mistério”.<sup>167</sup>

“No Novo Testamento, a palavra ‘mistério’ sempre significa algo que não pode ser descoberto pelo intelecto, mas que pode ser revelado; e que, sendo revelado, pode ser apreendido”.<sup>168</sup>

2.4-5 A descrição que Paulo faz da igreja colossense como se comportando de maneira ordeira também poderia descrever uma companhia de soldados bem disciplinados que se mantêm em posição de alerta, todos alinhados. A palavra grega *stereoma*, traduzida como “forte” (ARA), ocorre somente aqui no Novo Testamento.

Ela “... aponta para aquela característica da fé dos colossenses que a recomendava especialmente à atenção e ao elogio do apóstolo, a saber, sua natureza inabalável ou a rigidez de sua adesão ao seu único objeto – Cristo”.<sup>169</sup>

Até o momento, os crentes colossenses estavam sustentando sua posição contra os falsos mestres, mas Paulo temia que essa situação pudesse mudar. Ele não queria que os falsos mestres os levassem a crer em algo falso usando argumentos enganosos.

“A implicação de que Paulo pode realmente ver o estado das coisas em Colossos (‘me alegro de que estejam vivendo como devem [...]’) é, evidentemente, mais uma expressão do que ele esperaria ver se fosse possível”.<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> Johnson, 475:236.

<sup>168</sup> G. Campbell Morgan, *The Unfolding Message of the Bible*, pág. 400.

<sup>169</sup> Eadie, pág. 123.

<sup>170</sup> Dunn, pág. 134.

“Essa chamada final para a fé forma um inclusio com 1.4 e assim inclui toda a ação de graças e a declaração pessoal intermediárias como uma exposição dessa fé...”.<sup>171</sup>

## **2. A exortação de Paulo 2.6-7**

“Os versículos 6 e 7 ocupam uma posição central na carta. Eles servem de base para a interação de Paulo com a heresia colossense (vv. 8-23), tendo resumido muito do que já foi escrito na epístola”.<sup>172</sup>

2.6 Paulo encorajou seus leitores a continuarem seguindo a Cristo em harmonia com o ensino sólido que resultou na salvação deles.<sup>173</sup> Seu argumento não era que, como os colossenses haviam se tornado cristãos pela fé em Cristo, eles deveriam continuar a caminhar pela fé. Isso fica claro na palavra usada por Paulo *paralabete*, traduzida como recebido, que geralmente se refere à recepção da verdade por meio da transmissão (cf. 4.6; 1 Co 11.23; 15.1, 3; Gl 1.9, 12). Isso também fica claro na expressão “verdade que lhes foi ensinada” (v. 7) e no contexto (vv. 4-5, 8).

“Cristo Jesus, o Senhor” é uma frase que Paulo não usou em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Ela se opõe a três falsas concepções do Salvador. Ela afirma Sua divindade (Cristo), que o judaísmo negava; Sua humanidade (Jesus), que os docetistas negavam; e Sua soberania (Senhor), que muitas variedades de ensino falso negavam.

“... Paulo aqui fala das duas formas de heresia gnóstica sobre a Pessoa de Cristo (o reconhecimento do Jesus histórico em sua humanidade real contra os gnósticos docetistas, a identidade do Cristo ou Messias com esse Jesus histórico contra os gnósticos cerintianos, e o reconhecimento dele como Senhor)”.<sup>174</sup>

<sup>171</sup> Ibid., pág. 135. Inclusio é um dispositivo literário baseado em um princípio concêntrico, também conhecido como colchete, suporte de livro ou uma estrutura de envelope, que consiste em criar uma moldura colocando material semelhante no início e no final de uma seção.

<sup>172</sup> O'Brien, *Colossians ...*, pág. 108. Para uma discussão mais aprofundada sobre a heresia colossense, veja Lightfoot, págs. 71-111; Barclay, págs. 115-118; Wuest, 1:4:163-168.

<sup>173</sup> Veja H. Wayne House, "The Christian Life according to Colossians", *Bibliotheca Sacra* 151:604 (Outubro-Dezembro 1994):440-454.

<sup>174</sup> A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, 4:489.

"Uma vez que o sentido básico de *kurios* [senhor] é o de superior para inferior (mestre para servo; rei para súdito; deus para adorador), com direitos formalmente reconhecidos do primeiro para comandar ou dispor do segundo (ver também 3.22 e 4.1), todos teriam reconhecido que a aceitação de Cristo Jesus como Senhor incluía a submissão do crente a esse Cristo e a prontidão incondicional para agir em obediência a ele".<sup>175</sup>

Os defensores da "Salvação pelo Senhorio" têm problemas quando vão além dessa declaração. A posição deles é que, a menos que uma pessoa obedeça consistentemente – eles nunca especificam o quão consistente ela deve ser – ela nunca recebeu a Cristo de verdade.

2.7 Nesse versículo, quatro características descrevem o cristão saudável: Primeira, o cristão está firmemente enraizado, como uma árvore. Segunda, o cristão está sendo edificado, como um edifício em construção (cf. 1 Pe 2.2). Terceira, o cristão está se firmando na fé, como uma casa que está sendo construída sobre uma rocha. Quarta, o cristão está transbordando de gratidão, como uma pessoa agradecida. Quatro participios no texto grego descrevem essas características. O primeiro está no tempo perfeito, indicando o recebimento inicial da nova vida. Os três últimos estão no tempo presente, revelando as maneiras pelas quais a nova vida deve se expressar continuamente.

"A fé é, por assim dizer, o concreto do edifício...".<sup>176</sup>

"A presente passagem pode sugerir que aqueles que não têm um profundo senso de gratidão a Deus são especialmente vulneráveis à dúvida e à ilusão espiritual".<sup>177</sup>

"Um espírito grato é uma marca da maturidade cristã. Quando um crente transborda em ações de graças, ele está realmente progredindo!"<sup>178</sup>

---

<sup>175</sup> Dunn, pág. 140.

<sup>176</sup> Lightfoot, pág. 175.

<sup>177</sup> Vaughan, pág. 196.

<sup>178</sup> Wiersbe, 2:125.

"A ênfase na gratidão é muito marcante nessa epístola".<sup>179</sup>

"Como em Rm 1.16-17 e Gl 1.11-12, esses dois versículos [2.6-7] fornecem um breve resumo do ponto central a ser apresentado no corpo da carta, para servir de cabeçalho para o que vem a seguir...".<sup>180</sup>

| <b>A CAMINHADA CRISTÃ</b>                 |                               |
|---|-------------------------------|
| "Andai... de modo digno do Senhor" (1.10) | "Andem nEle" (2.6)            |
| • Dando frutos (1.10)                     | • Firmemente enraizados (2.7) |
| • Crescendo como uma árvore (1.10)        | • Sendo edificados (2.7)      |
| • Ganhando força (1.11)                   | • Estabelecidos (2.7)         |
| • Dando graças (1.12)                     | • Dando graças (2.7)          |

### **B. A VERDADEIRA DOCTRINA DE CRISTO 2.8-15**

Nessa perícopes, Paulo revelou o que seus leitores desfrutavam em Cristo a fim de incentivá-los a permanecerem fiéis à verdadeira revelação que tinham recebido e crido.

"O apóstolo agora faz seu ataque mais direto contra 'a heresia colossense'. A passagem inteira está repleta de complexidades exegéticas e requer mais atenção ao texto e ao argumento do que qualquer outra parte da epístola".<sup>181</sup>

"2.8 funciona como um título e uma declaração inicial do tema da seção, em forma quiástica:

|    |                            |                       |
|----|----------------------------|-----------------------|
| 8a | denúncia polêmica          | 16-23                 |
| 8b | em conformidade com Cristo | 9-15". <sup>182</sup> |

<sup>179</sup> Peake, 3:521.

<sup>180</sup> Dunn, pág. 138.

<sup>181</sup> Vaughan, pág. 197.

<sup>182</sup> Dunn, pág. 144. Quiasmo é uma figura retórica ou literária na qual palavras, construções gramaticais ou conceitos são repetidos em ordem inversa, na mesma forma ou de forma modificada.

"A única coisa que está clara é que os falsos mestres desejavam que os colossenses aceitassem o que só pode ser chamado de *acréscimos a Cristo*".<sup>183</sup>

- 2.8 Paulo advertiu seus leitores a não se deixarem levar cativos (lit. carregados corporalmente, gr. *sulagogon*). Ele deu a entender que os falsos mestres estavam se comportando como traficantes de seres humanos.<sup>184</sup>

A palavra "filosofias" não se refere aqui ao estudo de questões básicas sobre Deus, o homem e o significado da vida. Essa, aliás, é a única ocorrência da palavra grega *philosophia* no Novo Testamento.

"Filosofia é a tentativa de correlacionar todo o conhecimento existente sobre o universo em uma forma sistemática e de integrar a experiência humana a ela".<sup>185</sup>

Aqui, filosofia se refere às especulações e ideias das pessoas que não estão enraizadas na revelação divina. Essas ideias são transmitidas de geração em geração por tradição meramente humana, e não por revelação divina.

"'Filosofia' é usada aqui no sentido geral segundo o qual, até hoje, chamamos de filosofia qualquer esquema especulativo".<sup>186</sup>

"... a falsa filosofia é como um cego procurando, em um quarto escuro, um gato preto que não está lá – não há esperança para sua busca pela verdade".<sup>187</sup>

"Muito depende da nossa semântica neste ponto. Se por filosofia entendemos a busca por clareza e compreensão em relação a toda a realidade, então o cristão deve, de certa forma, filosofar. Ele deve pensar com clareza e deve se esforçar para ter uma visão auto consistente da vida. Porém, nessa busca, ele deve sempre se submeter à

---

<sup>183</sup> Barclay, pág. 161.

<sup>184</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 90.

<sup>185</sup> Merrill C. Tenney, *The New Testament: An Historical and Analytic Survey*, pág. 103.

<sup>186</sup> Lenski, pág. 97.

<sup>187</sup> McGee, 5:350.

orientação, limitação e crítica à luz da revelação divina. Por outro lado, se por filosofia entendermos a especulação humana a respeito das questões básicas do ser humano sem o devido respeito pela revelação de Deus, então o cristão, sem dúvida, atribuirá à essa filosofia uma relevância muito menor para sua vida e seu chamado...

Questiono seriamente a visão de que Paulo, assim como Tertuliano depois dele, deva ser entendido como condenando todo o estudo de filosofia [cf. 1 Co 15.1-58; At 17.22-30]...

Tomo a palavra, então, como limitada pelo contexto; a filosofia colossense está em mente, assim como qualquer outra, é claro, que não esteja em harmonia com a revelação divina".<sup>188</sup>

“Invenções enganosas” descreve a filosofia. Isso fica claro pelo fato de que os dois substantivos são objetos de uma preposição: por meio de (*gr. dia*), e não há artigo antes de engano vazio. A ideia é que a filosofia em particular sobre a qual Paulo estava alertando seus leitores eram a invenções enganosas (“vãs sutilezas”, ARA). Esses não são dois perigos separados, mas um só. Ela havia chegado a seus leitores como tradição pagã.

“Embora o contexto de Cl 2.8 provavelmente faça referência a um tipo de filosofia proto-gnóstica em Colossos, que tinha uma mistura desastrosa de legalismo, ascetismo e misticismo com o cristianismo, as implicações da exortação de Paulo para ‘tomar cuidado com a filosofia’ são apropriadamente aplicadas a outros sistemas externos de pensamento que invadiram o cristianismo ao longo dos séculos desde então”.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> Johnson, 476:302-303, 307. Veja David L. Mosher, “St. Paul and Philosophy”, *Crux* 8:1 (Novembro 1970):3-9.

<sup>189</sup> Norman L. Geisler, “Beware of Philosophy: A Warning to Biblical Scholars”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 42:1 (Março 1999):3.

*“... Não podemos nos precaver adequadamente da filosofia a menos que estejamos cientes da filosofia”.*<sup>190</sup>

Os princípios elementares (gr. *stoicheia*) do mundo provavelmente se referem às práticas religiosas que os falsos mestres estavam promovendo, que eram simplesmente atos externos e físicos (v. 20; cf. Gl 4.3, 9). Alguns intérpretes identificaram esses princípios como anjos ou “espíritos elementares pessoais”.<sup>191</sup> Mas essa visão parece muito restrita. A opinião de muitos comentaristas é que esse falso sistema religioso de adoração tinha os princípios elementares como seu objeto (regras, alimentos, dias especiais, rituais, anjos; cf. vv. 18, 20-22).<sup>192</sup> Essas práticas provavelmente envolviam a observância da Lei de Moisés. Cristo não era nem a fonte nem o conteúdo desses ensinamentos.

“O contexto deixa claro que essas proibições se referem a coisas que são eticamente neutras, não a coisas que são inerentemente pecaminosas. ... A abnegação voluntária em questões de alimentação pode ser um exercício espiritual útil e pode, ocasionalmente, ser recomendada a partir de questões de caridade cristã; mas o que é depreciado [desaprovado] aqui é uma forma de ascetismo pelo ascetismo, cultivado como uma obrigação religiosa”.<sup>193</sup>

“Como mencionado, a heresia colossense era basicamente judaica. Porém, o legalismo judaizante puro de Gálatas não estava previsto em Colossenses. Ao contrário, era uma forma de misticismo que tentava seus adeptos a se considerarem uma elite espiritual”.<sup>194</sup>

“Procurar nos movimentos do judaísmo a fonte da heresia colossense é um caminho mais sensato do que postular

---

<sup>190</sup> Ibid., pág. 18.

<sup>191</sup> P. ex.: Peake, 3:482, 523.

<sup>192</sup> Para uma discussão mais aprofundada, veja O'Brien, *Colossians ...*, págs. 129-132.

<sup>193</sup> Bruce, 563:196-197.

<sup>194</sup> Ibid., pág. 200.

influências diretas da cultura iraniana [mesopotâmica] ou grega”.<sup>195</sup>

“É melhor reconhecer que tanto os elementos judaicos quanto os gentílicos estavam presentes na heresia colossense, muitos dos quais eram geralmente compartilhados pela população no mundo extremamente tumultuado do primeiro século, especialmente no ambiente sincretista e helenístico da Acaia e do oeste da Ásia Menor. Muitos dos elementos se desenvolveram no gnosticismo do segundo século, mas com visões filosófico-religiosas muito mais elaboradas do que as encontradas em Colossenses. O máximo que se pode dizer do erro em Colossenses é que se tratava de um sincretismo de características judaicas, gentílicas e cristãs que diminuía a suficiência total da salvação de Cristo e Sua proeminência pessoal”.<sup>196</sup>

2.9-10a “Pois” introduz outra razão para abandonar o falso ensino. O que o leitor de Paulo tinha em Cristo era completamente adequado para suas necessidades espirituais. Cristo é a própria essência da Divindade em Quem a plenitude divina reside permanentemente (cf. 1.19). A palavra grega traduzida como Deidade (*theotetos*) refere-se à essência única de Deus (cf. Jo 1.1). Divindade (*theiotes*, Rm 1.20; At 17.25), por outro lado, refere-se à qualidade divina de Deus, que outros seres podem compartilhar (cf. Jo 1.14).

“Paulo aqui descarta a teoria docetista de que Jesus não tinha corpo humano, bem como a separação cerintiana entre o homem Jesus e o aeon [poder que emana de Deus] Cristo. Ele afirma claramente a divindade e a humanidade de Jesus Cristo em forma corpórea [corporal]”.<sup>197</sup>

Essa plenitude da Deidade (a Divindade) estava presente na forma corpórea de Cristo durante Seu ministério terreno. Ele não abriu mão de

---

<sup>195</sup> Ibid., pág. 201.

<sup>196</sup> House, "Heresies in ...", pág. 59.

<sup>197</sup> Robertson, 4:491.

Sua Deidade quando se tornou homem.<sup>198</sup> E continua em Sua forma corpórea ressuscitada.<sup>199</sup>

“Ele não renunciou à Sua deidade em Sua encarnação e não abdicou de Sua humanidade em Sua ressurreição”.<sup>200</sup>

Como alguém em Cristo, o cristão também participa de Sua plenitude, tendo sido feito completo. O cristão não tem qualquer necessidade essencial que Ele não supra. Mas o cristão não participa de Sua Deidade.

“Essa declaração coroa o argumento de Paulo. Pelo fato de Cristo ser plenamente Deus e realmente homem, os crentes, em união com Ele, ‘estão completos’, ou seja, participam de Sua plenitude”.<sup>201</sup>

“Ele tinha de ser Quem era para fazer o que fez”.<sup>202</sup>

“...os crentes encontram sua própria plenitude somente como incorporados em Cristo”.<sup>203</sup>

“O que Paulo quer dizer é que em Cristo eles encontram a satisfação de toda necessidade espiritual”.<sup>204</sup>

“Nas seitas ocultas que floresceram na era apostólica, a grande promessa que se fazia era a salvação por meio da iluminação”.<sup>205</sup>

O arianismo ensinava que Cristo era de uma essência diferente da de Deus, o Pai. O Docetismo ensinava que a matéria é inerentemente má, portanto, a encarnação de Cristo não era real. Ele apenas aparentava ser humano. O

---

<sup>198</sup> Veja Hendriksen, pág. 112.

<sup>199</sup> Veja Johnson, 476:309-310.

<sup>200</sup> Gromacki, pág. 104.

<sup>201</sup> Vaughan, pág. 199.

<sup>202</sup> H. A. Ironside, *Lectures on the Epistle to the Colossians*, pág. 80.

<sup>203</sup> C. D. F. Moule, *The Epistles ...*, pág. 93.

<sup>204</sup> Peake, 3:524.

<sup>205</sup> Carson, p. 17.

gnosticismo ensinava que o corpo de Jesus apenas parecia ser real, portanto, Ele não deixou pegadas por onde andou.<sup>206</sup>

2.10b-12 Cristo é o cabeça de todos os seres espirituais (“todo governante e autoridade”). A suficiência de Cristo é evidente em três aspectos que Deus fez por nós Nele: Ele nos circuncidou espiritualmente (ou seja, nos deu novo coração e novas atitudes, vv. 11-12), perdoou nossos pecados (vv. 13-14) e nos deu vitória sobre as forças do mal (v. 15).

“Moisés ordenou que parte da carne [física] fosse cortada; aqui toda a carne [metafórica] é cortada e eliminada”.<sup>207</sup>

“Essa circuncisão, ele [Paulo] diria que é a remoção da carne, que foi primeiramente experimentada por Cristo na cruz, e o que aconteceu com você idealmente naquela época é realizado por meio da união com Ele hoje”.<sup>208</sup>

Nossa circuncisão espiritual (v. 11), que foi feita sem mãos, ocorreu quando Deus nos regenerou (cf. Gl 5.24).<sup>209</sup> Ela envolveu Cristo cortando o domínio de nossa natureza pecaminosa (carne), a escravidão do pecado que caracteriza a pessoa não regenerada (cf. Rm 7.24-25). O batismo aqui (v. 12) refere-se ao batismo no Espírito, que é simbolizado pelo batismo na água (cf. Rm 6.3-4).<sup>210</sup>

“Paulo passou [no versículo 11] dos erros teológicos dos falsos mestres para os erros práticos deles – do ‘gnosticismo’ ao legalismo”.<sup>211</sup>

2.13-14 Os incrédulos são pecadores por natureza (“a incircuncisão de sua natureza humana”, ou seja, a natureza pecaminosa) e por prática (“os nossos pecados”, ou seja, violações dos padrões de Deus). Ainda assim, Deus perdoou os crentes. Ele cancelou nosso certificado de dívida, que

---

<sup>206</sup> Barclay, pág. 119.

<sup>207</sup> Lincoln, pág. 26.

<sup>208</sup> Peake, 3:525.

<sup>209</sup> Veja R. Bruce Compton, "The Ordo Salutis and Monergism: The Case for Faith Preceding Regeneration, Part 3", *Bibliotheca Sacra* 175:699 (Julho-Setembro 2018):288-292.

<sup>210</sup> Veja Kent, pág. 86.

<sup>211</sup> Geisler, "Colossians", pág. 677.

provavelmente se refere ao registro de Deus dos nossos pecados. Isso era verdade se, como judeus, eles violassem a Lei de Moisés (revelação especial).<sup>212</sup> E também é verdade se, como gentios, eles violassem a lei de Deus que está escrita em nossos corações (revelação geral, Rm 2.14-15). A referência à incircuncisão dos leitores indica que eles eram, em sua maioria, gentios.

A palavra grega traduzida como “cancelou” (v. 14, *exaleipsas*) sugere a mancha de letras escritas em cera.<sup>213</sup> Nosso certificado de dívida era hostil contra nós, pois nos perseguia por meio de uma consciência culpada e das advertências das Escrituras. Cristo apagou a dívida e removeu esse certificado. Deus crucificou esse certificado com Cristo na cruz. Ele o “pregou-a na cruz”.

“Nosso escrito de dívida morreu quando Ele morreu”.<sup>214</sup>

“Uma maneira antiga de cancelar títulos era pregar um prego na escrita: isso parece ter ocorrido na Ásia naquela época...”<sup>215</sup>

A frase final do versículo 14 pode ser uma alusão à inscrição acima da cruz de Jesus.

“O que a metáfora diz é que Jesus pegou a acusação condenatória e a pregou em Sua cruz – provavelmente como um ato de triunfo desafiador em relação aos poderes chantagistas que a mantinham sobre homens e mulheres como um meio de comandar sua lealdade. Se há uma analogia aqui, ela pode estar no fato de que a própria acusação de Jesus foi fixada em Sua cruz. Assim como Sua própria acusação foi fixada ali, diz Paulo, Ele pega a acusação feita contra Seu povo e a prega em Sua cruz. Sua paixão vitoriosa os liberta de sua falência e escravidão”.<sup>216</sup>

---

<sup>212</sup> Veja Hal Harless, “The Cessation of the Mosaic Covenant”, *Bibliotheca Sacra* 160:639 (Julho-Setembro 2003):349-366.

<sup>213</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 98. Cf. Barclay, págs. 170-171.

<sup>214</sup> Hendriksen, pág. 121. Veja também Kent, pág. 88.

<sup>215</sup> Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 1322.

<sup>216</sup> Bruce, 564:296. Cf. Eadie, págs. 170-171; O'Brien, *Colossians ...*, pág. 124.

“Cristo foi pregado na cruz e, nEle, a lei foi pregada nela; Cristo, quando foi pregado, morreu, e a lei também. Cristo ressuscitou, mas *não* a lei; Cristo ressuscitou porque sua morte matou a lei para sempre. Se a lei não tivesse morrido no sangue da cruz, Cristo não poderia ter ressuscitado. Uma vez que a lei morreu e desapareceu, a vivificação espiritual e a ressurreição são agora nossas”.<sup>217</sup>

Na verdade, Cristo morreu como nosso Substituto sob a pena da Lei Mosaica quebrada, não sob a suposta acusação de que Ele falsamente alegou ser o Rei dos Judeus.<sup>218</sup>

- 2.15 O “desarmar” dos governantes e autoridades espirituais provavelmente se refere à derrota de Satanás e de seus assistentes demoníacos malignos por Cristo, por meio de Sua morte e ressurreição.<sup>219</sup> Essa parece ser uma explicação melhor do que a noção de que Ele retirou uma função mediadora dos anjos bons, como a de dar a Lei.<sup>220</sup> Essa última visão sustenta que, uma vez que a Lei foi abolida, os anjos que trouxeram a Lei agora foram degradados.<sup>221</sup>

“Cristo despojou-Se na cruz dos poderes malignos que lutaram com Ele tão fortemente durante todo o Seu ministério em tentativas de forçá-Lo a abandonar o caminho da cruz (cf. Lc 4.1-13; Mt 16.22-23; Lc 22.53 etc.)”.<sup>222</sup>

A exibição pública que está em vista provavelmente se refere ao fato de Jesus ter humilhado os poderes malignos quando morreu na cruz, carregando o pecado que era a reivindicação e o domínio deles sobre os seres humanos. Cristo triunfou sobre as hostes de Satanás na cruz (cf. 2 Co 2.14). Não está claro se Paulo quis dizer que Cristo fez uma demonstração

---

<sup>217</sup> Lenski, págs. 116-117.

<sup>218</sup> F. F. Bruce, *Commentary on the Epistle to the Colossians in Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians* por E. K. Simpson e F. F. Bruce, págs. 238-239.

<sup>219</sup> Lightfoot, págs. 187-189.

<sup>220</sup> Kent, págs. 88-89.

<sup>221</sup> Peake, 3:529.

<sup>222</sup> Johnson, 477:20.

pública de Sua vitória sobre os poderes malignos por Ele mesmo ou por meio da cruz. A frase grega *en auto* pode significar Nele ou nela. Em ambos os casos, o significado é claro.

“É mais natural ver os principados e potestades aqui como os inimigos derrotados, conduzidos à frente da carruagem triunfal como testemunhas involuntárias e impotentes do poder superior de seu conquistador”.<sup>223</sup>

“A imagem, bastante familiar no mundo romano, é a de um general triunfante liderando um desfile de vitória. ... Para o observador casual, a cruz parece ser apenas um instrumento de morte, o símbolo da derrota de Cristo; Paulo a representa como a carruagem da vitória de Cristo”.<sup>224</sup>

“Veja Sua coroa de espinhos transformada em uma coroa de louros”.<sup>225</sup>

“A verdade expressa é que houve uma subjugação completa e irremediável”.<sup>226</sup>

#### **RESUMO DA PLENITUDE DO CRENTE EM CRISTO EM 2.11-15**

- Domínio da nossa carne foi quebrado (2.11)
- Nosso velho estilo de vida terminou (2.12a)
- Fomos ressuscitados da morte espiritual (2.12b)
- Foi-nos dada uma nova vida (2.13a)
- Nossas transgressões foram perdoadas (2.13b)
- Nossa dívida com Deus foi paga (2.14)
- Nosso inimigo espiritual foi derrotado (2.15)

<sup>223</sup> Bruce, "Colossians Problems", 563:298-299. Para uma breve explicação e avaliação das três principais teorias da expiação de Cristo, veja Johnson, 477:21-22.

<sup>224</sup> Vaughan, pág. 202.

<sup>225</sup> Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1872.

<sup>226</sup> Eadie, pág. 173.

Essa passagem (2.8-15) é outra (cf. 1.15-20) que enfatiza a supremacia de Jesus Cristo e explica o forte aroma cristológico dessa epístola.

### **C. AS FALSAS DOUTRINAS HUMANAS 2.16-23**

Tendo revelado o que o crente tem em Cristo, em seguida Paulo apontou os erros dos falsos mestres, mais especificamente a fim de ajudar seu leitor a identificar e rejeitar suas instruções.

“A conexão com o argumento anterior é a seguinte: Uma vez que o vínculo escrito nas ordenanças foi abolido, e os poderes angelicais foram destruídos e conduzidos em triunfo, não permita que ninguém critique sua ação com base no fato de que ela não está em harmonia com os preceitos da Lei, ou que o afasta da comunhão com os anjos. Você não tem nada a ver com a Lei ou com os anjos. Na melhor das hipóteses, eles eram apenas a sombra, e em Cristo você possui a essência”.<sup>227</sup>

“É triste dizer que existem muitos cristãos que realmente acreditam que alguma pessoa, sistema religioso ou disciplina pode acrescentar algo à sua experiência espiritual. Mas eles já têm tudo o que precisam na pessoa e na obra de Jesus Cristo”.<sup>228</sup>

2.16-17 Os falsos mestres estavam incentivando os colossenses a colocar sua liberdade cristã sob controle deles (dos falsos mestres). Eles queriam limitá-la proibindo certas atividades perfeitamente legítimas, como comer determinados alimentos, participar de refeições especiais ou abster-se de participar de festas religiosas. Os cinco itens mencionados no versículo 16 faziam parte do judaísmo e envolviam observâncias anuais, mensais e diárias. Por isso, é muito provável que os falsos mestres legalistas fossem, até certo ponto, judeus (ou seja, defendiam a obediência à Lei de Moisés para justificação e santificação). Seu legalismo parece ter envolvido ascetismo.

“Os crentes gentios de Colossos nunca estiveram sob a Lei de Moisés, uma vez que essa Lei foi dada somente a Israel

---

<sup>227</sup> Peake, 3:530.

<sup>228</sup> Wiersbe, 2:105.

(Rm 9.4). Parece estranho que, agora que eram cristãos, eles quisessem se submeter ao legalismo judaico!”<sup>229</sup>

As observâncias alimentares e festivas eram como sombras de Cristo.

Eles eram “... um contorno tênue, um esboço de um objeto em contraste com o próprio objeto. ... As ofertas eram reflexos da única e genuína oferta salvadora na cruz, o sacerdócio era um prenúncio do ministério sacerdotal de Cristo e os reis de Israel sugeriam ligeiramente a vinda do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Assim sendo, esta nova era não é a extensão do judaísmo; ao contrário, o judaísmo era uma mera sombra da era atual projetada no passado”.<sup>230</sup>

“Esse versículo [17] contém uma sugestão do argumento fundamental da Epístola aos Hebreus (cf. especialmente Hb. viii. 5, x. 1)”.<sup>231</sup>

Quando Cristo veio, Ele explicou que a Lei Mosaica não estava mais em vigor (p. ex.: Mc 7.18-19; Lc 16.16; cf. Jo 1.17; At 10.12; Rm 7.6; 10.4; 14.17; 1 Co 8.8; 2 Co 3.6-11; Gl 3.19, 23; 4.9-11; 5.1; Hb 7.12; 9.10). O fato de os falsos mestres não reconhecerem esse fato, na verdade, equivalia a um fracasso em valorizar Cristo.

“A nova religião [o cristianismo] é livre e exuberante demais para ser treinada para ‘tempos e estações’ como seu predecessor dócil e rudimentar [o judaísmo]. Sua festa é diária, pois todos os dias são sagrados; sua lua nunca diminui, e sua serena tranquilidade é um Sabbath ininterrupto”.<sup>232</sup>

“Quando a observância da lei é exigida pelos legalistas atuais, o evangelho é prejudicado e devemos lutar como

---

<sup>229</sup> Ibid., 2:128-129.

<sup>230</sup> Johnson, 478:112.

<sup>231</sup> Peake, 3:531.

<sup>232</sup> Eadie, pág. 177.

Paulo faz em Gálatas. Mas quando certas observâncias, regras e regulamentos são anexados ao evangelho, que supostamente produzem um cristianismo muito mais seguro e superior, devemos lutar, como Paulo faz em Colossenses, desprezando essa segurança e superioridade fictícias com a absoluta plenitude e superioridade do evangelho, com a supremacia infinita do Deus-homem, a total plenitude e completude de sua obra salvadora, e a plenitude (v. 10) que Ele nos concedeu”.<sup>233</sup>

2.18-19 Um segundo erro era o misticismo. Enquanto o legalismo colossense (vv. 16-17) era principalmente de origem judaica, o misticismo colossense (vv. 18-19) parece ter sido principalmente gnóstico e pagão. O leitor de Paulo corria o risco de se desviar enquanto corria a corrida cristã e de não permanecer na pista. Ele poderia perder o prêmio que Deus dará àqueles que correrem bem a corrida (cf. 2 Tm 4.7-8). Um falso tipo de humildade inclui a humilhação pessoal, que pode envolver negar a si mesmo com a ideia de que isso ganhará mérito com Deus. O jejum, especificamente, parece estar em vista.

Os falsos mestres também defendiam a adoração dos anjos, provavelmente com a noção de que os anjos são os mediadores competentes da oração e da adoração a Deus. Da mesma forma, muitos católicos romanos consideram dessa maneira os cristãos mortos, alguns dos quais eles rotularam de “santos”. A base para essas afirmações era a experiência ou observação pessoal, coisas que o falso mestre tinha visto em sua mente carnal, e não na revelação de Deus.

Alguns tradutores acrescentaram visões (v. 18) para dar a ideia de alguma experiência superior. Porém, o contraste pretendido é entre as ideias geradas pelo ser humano e a revelação divina. Essas ideias grandiosas davam aos que as defendiam um falso senso de orgulho. O cristão, por outro lado, deve obter sua direção a partir de Cristo, por meio da revelação divina, e desfrutar do crescimento que Ele proporciona, em vez do crescimento que não é genuíno. As juntas e os ligamentos provavelmente

---

<sup>233</sup> Lenski, pág. 124.

se referem aos crentes no corpo de Cristo, do qual Ele é o Cabeça (cf. 1.18; Ef 4.7-16).<sup>234</sup>

“O precedente para essa abordagem da espiritualidade no judaísmo [que Paulo estava combatendo nessa epístola] é visto num movimento que veio a ser conhecido como ‘misticismo Merkabah’. O Merkabah se refere a Ezequiel 1 e à carruagem do trono de Deus que Ezequiel viu. Esse ensino falava de dias de jejum para se preparar para uma viagem aos céus para ver Deus e ter uma visão Dele e de Sua hoste angelical em adoração (Philo, *Die Somniis* 1.33-37; *De Vita Mosis* 2.67-70; 1QH 6.13; 1 Enoque 14.8-25; 2 Baruque 21.7-10; Apocalipse de Abraão 9.1-10; 19.1-9; Ascensão de Isaías 7.37; 8.17; 9.28, 31, 33). A pessoa poderia se retirar e, eventualmente, entrar diretamente na presença de Deus. Assim, esse falso ensino enfatizava a humildade da prática ascética, as visões, os rigores da devoção, o tratamento severo do corpo e as regras sobre o que não deveria ser comido ou quais dias deveriam ser observados (2.16-23). Toda essa atividade tinha como objetivo ajudar a preparar as pessoas para a experiência que as levaria além do que Jesus já havia proporcionado, para que pudessem ver Deus e Seus anjos no céu”.<sup>235</sup>

2.20-23      Nesses versículos, Paulo ampliou o terceiro erro já mencionado, o ascetismo. As práticas ascéticas às quais ele se referiu pareciam conectadas aos ou eram extensões dos princípios elementares aos quais ele havia se referido antes (v. 8). “Se” (v. 20, ARA) poderia ser lido como “Já/desde que”. É uma condicional de primeira classe no grego que, nesse caso, é uma condição de verdade para a realidade. Os cristãos morreram de fato para essas ideias elementares na conversão (cf. Rm 6.1-4; 7.1-6; 2 Co 5.14; Gl 2.19). Ainda assim, é possível submeter-se a essas coisas pós-morte, por assim dizer, e voltar a viver como incrédulos no mundo.

<sup>234</sup> Veja Michael P. V. Barrett, "Complete in Christ", *Biblical Viewpoint* 13:1 (Abril 1979):27-32.

<sup>235</sup> Darrell L. Bock, "A Theology of Paul's Prison Epistles", em *A Biblical Theology of the New Testament*, pág. 305.

“O jejum era praticado, até certo ponto, na igreja primitiva, especialmente em ocasiões solenes ou em circunstâncias críticas (At 13.2-3; 14.23), mas não aparece nas exortações das epístolas. Era estritamente uma questão de escolha individual ou acordo mútuo, e não algo obrigatório. A ênfase no Novo Testamento recai antes sobre a autodisciplina como a chave para a utilidade dedicada no reino de Deus (1 Co 9.24-27)”.<sup>236</sup>

Os falsos mestres estavam, na verdade, forçando os colossenses a viver de acordo com o sistema mundano, impondo-lhes várias exigências ascéticas. Os rituais específicos citados como exemplos (v. 21) têm a ver com alimentos, mas são apenas exemplos de muitas dessas leis. Essas leis são inadequadas por três motivos: (1) as coisas proibidas estão destinadas a perecer. A comida e a bebida são consumidas no corpo e “se deterioram com o uso”; (2) as leis mencionadas são de origem humana (“ensinamentos humanos”); (3) elas não resolvem o problema real, a saber, os desejos da carne (“mas em nada contribuem para vencer os desejos da natureza pecaminosa”).

“A maneira humana de se proteger é colocando várias restrições e negações do mal... A maneira de Deus é ‘despir o corpo da carne’ por meio da morte e ressurreição com Cristo, dando-nos uma nova vida, uma nova natureza e um fluxo contínuo de alimento para essa nova vida, diretamente do Cabeça Ressuscitado no Céu”.<sup>237</sup>

“Só existe uma coisa que colocará a coleira no pescoço do animal que existe dentro de nós e estamos falando do poder do Cristo que habita em nós”.<sup>238</sup>

“Uma pessoa pode se fechar em um mosteiro para fugir do mundo, mas acaba descobrindo que levou o mundo consigo”.<sup>239</sup>

---

<sup>236</sup> Harrison, pág. 71.

<sup>237</sup> Lincoln, pág. 35.

<sup>238</sup> Alexander Maclaren, "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon", em *The Expositor's Bible*, pág. 255.

<sup>239</sup> Ironside, pág. 112.

“O orgulho é uma das piores manifestações da carne; mas o ascetismo vai além da sujeição do corpo, pois trata o corpo como uma coisa má e, assim, desrespeita a ordem natural que Deus ordenou. O caminho certo é dedicar o corpo com todos os seus atributos a Deus para um serviço frutífero (Rm 12.1)”.<sup>240</sup>

“O ascetismo não toca a essência do pecado. Toda a sua força é exercida contra o corpo. O pecado é da alma, tem sua origem na alma. Enquanto o coração estiver corrompido, nenhuma restrição corporal santificará a vida”.<sup>241</sup>

Quatro ênfases de ensino prejudiciais desses falsos mestres ainda existem em nossos dias: O primeiro ensinamento prejudicial é o chamado conhecimento superior (gnosticismo). Alguns dos exemplos são: os chamados fatos científicos, arqueológicos ou paleontológicos que contradizem as Escrituras, as chamadas revelações que afirmam estar no mesmo patamar das Escrituras e o ensino que contradiz diretamente a revelação bíblica. O segundo ensinamento prejudicial é a observância de leis para ganhar o favor de Deus (legalismo). Alguns dos exemplos são: a salvação pelas obras, o ensino que coloca os cristãos sob a Lei Mosaica e o ensino que diz que a santificação vem pela observância de regras criadas pelo ser humano.

O terceiro ensinamento prejudicial é a crença de que outros seres, além de Cristo, devem ser mediadores entre as pessoas e Deus (misticismo). Alguns dos exemplos são: os ensinamentos de que certos seres (p. ex.: anjos, santos canonizados, antepassados) ou experiências (p. ex.: glossolalia, ouvir de vozes) podem melhorar nosso relacionamento com Deus. O quarto ensinamento prejudicial é a prática de se abster de coisas para ganhar mérito com Deus (ascetismo). Alguns dos exemplos são: o jejum para forçar a mão de Deus, viver em isolamento para evitar a tentação e a automutilação para mortificar a carne.

“Qualquer sistema de religião que não esteja disposto a aceitar Jesus Cristo como o único e suficiente Salvador é uma indulgência da carne, uma

---

<sup>240</sup> Harrison, pág. 73.

<sup>241</sup> Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 4:1:72.

concessão à vaidade pecaminosa do ser humano, como se a pessoa, por seus próprios meios, fosse capaz de aperfeiçoar a obra imperfeita (?) de Cristo. Isso piora as coisas ao invés de melhorá-las”.<sup>242</sup>

“Quando tornamos Jesus Cristo e a revelação cristã apenas *parte* de um sistema religioso ou filosofia completos, deixamos de dar a Ele a primazia. Quando buscamos a ‘perfeição espiritual’ ou a ‘plenitude espiritual’ por meio de fórmulas, disciplinas ou rituais, estamos retrocedendo ao invés de avançar. O cristão deve tomar cuidado ao misturar sua fé cristã com coisas atraentes como ioga, meditação transcendental, misticismo oriental e coisas do gênero. Também devemos tomar cuidado com os ‘coaches’ em uma ‘vida mais profunda’ que oferecem um sistema de vitória e plenitude que ignora a devoção a Jesus Cristo. Em todas as coisas, Ele deve ter a primazia!”<sup>243</sup>

A teologia reformada tem ensinado historicamente que um verdadeiro cristão jamais renunciará à sua fé em Cristo. O fato de Paulo ter escrito essa epístola aos cristãos que corriam o risco de fazer exatamente isso deveria provar que esse ensinamento está errado. Em nenhum lugar da epístola ele fez distinção entre os cristãos professos, que alguns afirmam serem o alvo de suas advertências, e os verdadeiros cristãos. Em vez disso, ele apelou aos colossenses como cristãos genuínos para que tomassem cuidado com esse perigo real. O cristão genuíno pode ser enganado por falsos ensinamentos, até mesmo ensinamentos sobre a pessoa e a obra de Cristo.

#### **IV. EXORTAÇÕES À VIDA CRISTÃ PRÁTICA 3.1–4.6**

Paulo passou de doutrina para a prática, da verdade para sua aplicação na vida cotidiana. Ele passou a explicar o verdadeiro misticismo cristão.

“Agora ele passa a delinear a verdadeira vida cristã decorrente da verdadeira doutrina; e mostra que ela é o oposto da vida que os judaizantes tentam viver de acordo com sua doutrina. ...Seria um mal-entendido do propósito de Paulo considerar essa parte como um esboço geral da ética cristã”.<sup>244</sup>

---

<sup>242</sup> Hendriksen, pág. 133.

<sup>243</sup> Wiersbe, 2:104.

<sup>244</sup> Lenski, pág. 148.

Paulo começou essa próxima importante seção da epístola estabelecendo um princípio básico. Em seguida, ele explicou o método adequado de viver. Isso o levou a discutir os relacionamentos fundamentais do cristão. Ele concluiu essa seção resumindo a prática essencial dos crentes.

#### **A. O PRINCÍPIO BÁSICO 3.1-4**

A fim de encorajar seus leitores a se afastarem dos falsos mestres, Paulo os lembrou de sua união com Cristo. Ele também os incentivou a continuar vivendo de acordo com sua posição em Cristo.

3.1-2 Novamente, poderíamos traduzir “Se” (NAA) por “Uma vez que” (NVT) (condicional de primeira classe no grego). Ele introduz outra posição “em Cristo” que Paulo supôs ser verdadeira para o bem de seu argumento e que é de fato verdadeira (cf. 2.20). Paulo retornou ao seu pensamento sobre a união do crente com Cristo em Sua morte, sepultamento e ressurreição (2.9-15). Outra visão é que Paulo estava se referindo ao fato de o crente ser ressuscitado com Cristo na conversão e/ou no batismo (cf. Ef 2.6).<sup>245</sup>

Dois imperativos presentes identificam as responsabilidades do cristão: “mantenham os olhos” (v. 1) e “pensem” (v. 2). Uma vez que Deus nos ressuscitou com Cristo e já estamos assentados com Ele no céu, devemos continuar buscando coisas celestiais. Continuar olhando para cima (cf. Hb 12.1-2).

“‘Buscai’ (ARA) (*zeteite*) implica aqui não uma investigação, mas em um esforço para obter”.<sup>246</sup>

“O horizonte da realização espiritual cresce à medida que o crente avança mais e mais na vontade de Deus”.<sup>247</sup>

“O céu e a terra são contrários um ao outro, e a prevalência de nossa afeição por um enfraquecerá proporcionalmente nossa afeição pelo outro”.<sup>248</sup>

---

<sup>245</sup> Peake, 3:36.

<sup>246</sup> Kent, pág. 105.

<sup>247</sup> Gromacki, pág. 127.

<sup>248</sup> Henry, pág. 1873.

“O peregrino não deve desprezar os confortos que pode encontrar pelo caminho, mas não deve se demorar neles ou deixá-los com pesar”.<sup>249</sup>

“Essa preocupação com as ‘coisas que são do alto’ não nasce da melancolia, como se fosse possível encontrar alívio para as pressões do mundo apenas olhando para um mundo melhor. Não se trata de um esforço para se distanciar, para encontrar uma fuga. Em vez disso, é a atitude encontrada em Cristo durante os dias de Sua carne, que viveu no seio do Pai, mesmo quando Ele continuou Seu trabalho extenuante entre os filhos dos homens”.<sup>250</sup>

“A descrição de Cristo como ‘assentado à direita de Deus’ é outra resposta implícita àqueles que estavam tentando diminuir o papel de Cristo como mediador, uma vez que a direita de Deus é uma metáfora para o lugar de privilégio supremo e autoridade divina”.<sup>251</sup>

A segunda responsabilidade do cristão é manter sempre a mente nas coisas do alto (as coisas do céu, ou seja, nossas bênçãos e esperanças espirituais, os desejos de nosso Salvador etc.) em vez de colocar a mente nas coisas que são apenas físicas e temporais. Elas devem ocupar um lugar de destaque em nossos pensamentos.

“Você não deve apenas *buscar* o céu; deve também *pensar* no céu”.<sup>252</sup>

“... de agora em diante, o cristão verá tudo à luz e no contexto da eternidade. Ele não viverá mais como se este mundo fosse tudo o que realmente importa; ele verá este mundo tendo como pano de fundo o mundo maior da eternidade. ...Por exemplo: ele colocará o dar acima do

---

<sup>249</sup> Eadie, pág. 215.

<sup>250</sup> Harrison, pág. 75.

<sup>251</sup> Vaughan, pág. 209.

<sup>252</sup> Lightfoot, pág. 207.

receber, o servir acima do dominar, o perdoar acima do se vingar. O cristão verá as coisas não como elas parecem aos olhos humanos, mas como elas parecem a Deus”.<sup>253</sup>

“O cristão precisa manter os pés na terra, mas a cabeça nas coisas do céu. Ele deve ter a mente voltada para o céu enquanto aqui na terra e assim ajudar a tornar a terra parecida com o céu”.<sup>254</sup>

Esse é o “misticismo” legítimo de Paulo.<sup>255</sup> Os dois mandamentos diferem no fato de que o primeiro enfatiza as buscas mais práticas da vida, enquanto o segundo enfatiza toda a essência da vida. O primeiro é externo e o segundo é interno.

O brilhantismo intelectual, a educação avançada ou a força física incomum não são necessários para que um cristão se torne grande aos olhos de Deus. O que Ele exige é a perseverança fiel nos princípios básicos da vida cristã. Qualquer cristão pode fazer isso, uma vez que todos nós temos a ajuda do próprio Senhor.

Lembro-me de ouvir a análise do comentarista esportivo John Madden sobre o sucesso do time de basquete Boston Celtics há vários anos. Ele disse que o motivo de tanto sucesso era o fato deles praticarem constantemente os fundamentos de um bom basquete – como atacar rapidamente, manter as mãos para cima e dar sequência aos arremessos. Ele disse que a maioria das equipes poderia ser tão boa se executasse os fundamentos de forma tão consistente quanto o time do Celtics fazia. O mesmo acontece na vida cristã. Infelizmente, muitas vezes somos tentados a abandonar o básico pelo que parece ser mais exótico e interessante.

O atual governo de Jesus Cristo no trono de Seu Pai sobre a igreja não é o mesmo que Seu governo no trono de Davi sobre toda a Terra, que começará quando Ele retornar à Terra em Seu segundo advento.<sup>256</sup>

---

<sup>253</sup> Barclay, pág. 177. Divisão de parágrafo omitida.

<sup>254</sup> Robertson, 4:500.

<sup>255</sup> Veja Stewart, págs. 147-200.

<sup>256</sup> Veja Cleon L. Rogers Jr., "The Davidic Covenant in Acts-Revelation", *Bibliotheca Sacra* 151:601 (Janeiro-Março 1994):81-82; John F. Walvoord, "Biblical Kingdoms Compared and Contrasted", em *Issues in Dispensationalism*, especialmente págs. 89-90; David A.

“Cristo estar sentado à direita de Deus é o exercício de toda a majestade e poder da divindade de acordo com Sua natureza humana”.<sup>257</sup>

“O próprio céu é um lugar onde um Homem glorificado, o próprio Deus Filho, está assentado, com Sua obra de salvação concluída”.<sup>258</sup>

3.3 Essa declaração, de que o crente morreu com Cristo no passado (tempo aoristo no grego) e continua a viver com Cristo no presente (tempo perfeito), sugere três ideias: (1) Nossa vida se alimenta de fontes secretas (cf. Jo 14.19; Fp 3.20). (2) Nossa vida está tão segura quanto um depósito trancado em um cofre de banco. (3) Nossa vida é uma com Cristo, que está à direita do Pai.<sup>259</sup>

“O [tempo verbal] aoristo é simplesmente uma metáfora poderosa para o fato de que, ao crerem em Cristo no batismo, eles estavam fazendo morrer seu modo de vida anterior e enterrando-o fora do alcance da vista. Conseqüentemente, isso não deveria mais ser um fator em seu novo modo de vida”.<sup>260</sup>

Para os falsos mestres, os tesouros de sabedoria estavam escondidos em seus livros secretos (Gr. *apokryphoi*). Mas para os crentes, Cristo é o tesouro da sabedoria e nossa vida está escondida (Gr. *kekryptai*) Nele.

“Ter a vida escondida em Cristo também implica que ela não é observada por outros. Isso explica por que as pessoas de fora de Cristo não conseguem entender a verdadeira

---

Dean, "A Study of the Enthronement of Christ in Acts 2 and 3" (Tese de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1992); John A. McLean, "Did Jesus Correct the Disciples' View of the Kingdom?" *Bibliotheca Sacra* 151:602 (Abril-Junho 1994):215-227; Charles C. Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith*, págs. 81-82; e John F. Walvoord, *Jesus Christ Our Lord*, págs. 224-226.

<sup>257</sup> Lenski, pág. 150.

<sup>258</sup> Wuest, 1:4:217.

<sup>259</sup> Johnson, 479:212-213.

<sup>260</sup> Dunn, pág. 206.

condição de um filho de Deus. Muitas vezes eles o consideram estranho ou fanático”.<sup>261</sup>

### 3.4

“Às vezes dizemos de uma pessoa: ‘A música é a sua vida - o esporte é a sua vida - ele vive para o seu trabalho’. Tal pessoa encontra a vida e tudo o que a vida significa na música, no esporte, no trabalho, seja qual for o caso. Para o cristão, Cristo é sua vida. Jesus Cristo domina seus pensamentos e preenche sua vida”.<sup>262</sup>

“Quando” indica que uma revelação de Cristo no futuro é certa, mas seu tempo é desconhecido. A palavra grega *phaneroo* (“revelado”) enfatiza a manifestação pública de Cristo em Sua vinda. Essa é provavelmente uma referência à Sua vinda para a igreja no Arrebatamento. Quando Ele for revelado a nós, nossas vidas não estarão mais ocultas nEle, mas serão reveladas pelo que são em nossa glorificação (“com Ele em glória” – NAA). O Arrebatamento será uma revelação gloriosa de Cristo a nós, mas também nos revelará em nosso estado glorificado. Agora nossa vida eterna está oculta (v. 3), mas depois será manifesta.

“Em Colossenses... há uma ênfase na escatologia realizada. Dentro da tensão ‘já – mas, ainda não’, a ênfase recai sobre a primeira, motivada pelas circunstâncias da carta. ... O ‘já’ da salvação precisava ser afirmado repetidas vezes contra aqueles que estavam interessados no reino celestial, mas que tinham noções falsas sobre ele, acreditando que poderia ser alcançado por meio de observâncias legalistas, conhecimento, experiências visionárias e coisas do gênero. ...Mas se o ‘já’ recebeu a ênfase, o ‘ainda não’ da salvação ainda precisava ser mencionado, e aqui no versículo 4 encontramos uma clara referência futura”.<sup>263</sup>

“Essa linguagem específica – de despojar e revestir – foi, sem dúvida, dramaticamente simbolizada pelo fato do

---

<sup>261</sup> Kent, pág. 109.

<sup>262</sup> Barclay, pág. 179. Cf. Fp 1.21.

<sup>263</sup> O'Brien, *Colossians ...*, págs. 171-172. Divisão de parágrafo omitida.

batizando tirar a roupa antes da imersão e vestir-se novamente depois dela”.<sup>264</sup>

Em vista dessa revelação, o cristão não precisa buscar outro sistema que afirme fornecer mais do que já temos em Cristo. Deus providenciou tudo o que precisamos, tanto para sermos aceitos por Ele quanto para vivermos piedosamente em Cristo. Tudo o que precisamos fazer é agir de acordo com (aplicar) as implicações dessas verdades, o que Paulo passou a ajudar seus leitores a fazer nos versículos posteriores.

## **B. O MÉTODO APROPRIADO 3.5-17**

“3.1-4 forneceu a perspectiva a partir da qual a vida diária dos cristãos colossenses deveria ser vivida. Agora, seguem conselhos mais específicos que devem ajudá-los a cumprir melhor a exortação temática do ‘andar nele’ (2.6)”.<sup>265</sup>

### **1. Coisas a despir 3.5-11**

Tendo em vista a posição que ocupavam em Cristo, Paulo exortou seus leitores a se separarem das práticas de seu antigo modo de viver. Ele fez isso para que eles pudessem perceber em sua experiência tudo o que Jesus Cristo poderia produzir neles e por meio deles. Três imperativos indicam os pontos principais de Paulo: considerem-se como mortos (lit. mortos, v. 5), livrem-se (v. 8) e não mintam (v. 9).

3.5 Considerando nossa posição atual (v. 1), devemos adotar uma certa atitude em relação à fase atual de nossa experiência. Isso nos ajudará a nos tornarmos, em nossa experiência, o que já somos na realidade em Cristo. A palavra-chave grega *nekrosate*, traduzida como “façam morrer”, é um imperativo aoristo e significa “matar”. Deve haver um ato inicial decisivo (tempo aoristo) que introduza uma atitude estabelecida (tempo presente).<sup>266</sup>

“Deus, na salvação, quebrou o poder da natureza maligna sobre o corpo físico do crente. Agora, o crente tem a responsabilidade de manter em sua experiência esse estado de libertação e, à medida que os mandamentos da natureza

<sup>264</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 114.

<sup>265</sup> Dunn, pág. 211.

<sup>266</sup> Bruce, *Commentary on ...*, pág. 267.

maligna se apresentam a ele, ele deve matá-los, ou seja, recusar-se a obedecê-los”.<sup>267</sup>

“A despeito do poder de terem sido identificados com Cristo em Sua morte, ainda havia coisas, partes de sua antiga vida, hábitos de mão e mente, que os prendiam ‘à terra’ e impediam a realização da ‘mente voltada para as coisas do alto’”.<sup>268</sup>

Fazer algo morrer nunca é agradável. Mas isso não é o mesmo que praticar o ascetismo. O ascetismo diz que eu, por minha própria vontade, posso subjugar a carne simplesmente negando seus desejos. O domínio próprio cristão diz que posso subjugar a carne confiando no Espírito Santo para me capacitar a negar seus desejos.

“Essa prática de considerar mortos encontra uma excelente ilustração na prática de enxerto em jardinagem. Depois que o enxerto é feito no tronco antigo, o jardineiro tem o cuidado de cortar qualquer ramo do tronco antigo que possa aparecer. Assim, na vida do crente, uma vez que ele agora foi enxertado no Último Adão e em Sua nova vida, ele deve, pelo Espírito, matar todos os vestígios da velha vida que possam aparecer (cf. Rm 8.13)”.<sup>269</sup>

“A falsa doutrina dos gnósticos fracassou em controlar a indulgência sensual (2.23). A verdadeira doutrina do apóstolo tem poder para matar todo o homem carnal”.<sup>270</sup>

A primeira lista paulina de itens a serem eliminados diz respeito às práticas sexuais. Listas de virtudes e vícios comum nos sistemas éticos do mundo antigo bem e a imagem de adiar e abandonar também eram bastante comuns.<sup>271</sup>

---

<sup>267</sup> Wuest, 1:4:219.

<sup>268</sup> Dunn, pág. 212.

<sup>269</sup> Johnson, 481:24.

<sup>270</sup> Lightfoot, pág. 208.

<sup>271</sup> Dunn, pág. 211; O'Brien, *Colossians ...*, págs. 179-181. Cf. Rm 1.29-32; 1 Co 5.9-11; 6.9-10; Gl 5.19-23; Fp 4.8; 1 Tm 3.1-13; Tt 1.5-9; 1 Pe 4.3; etc. Veja René A. López, "A Study of Pauline Passages with Vice Lists", *Bibliotheca Sacra* 168:671 (Julho-Setembro 2011):301-316.

- Imoralidade sexual (gr. *porneia*) refere-se à atividade sexual ilícita.
- A impureza (*akatharsia*) em qualquer formato é o que está em vista nesse contexto, especialmente a impureza moral.
- Paixão (*pathos*) significa desejo ilegítimo descontrolado, “como um fogo interior que se acende no coração”.<sup>272</sup>
- Desejo maligno (*epithymian kaken*) significa qualquer desejo maligno em um sentido mais geral que busca algo proibido para se satisfazer.
- A cobiça (*pleonexian*, lit. desejo de ter mais) é qualquer desejo materialista, incluindo a luxúria, que desconsidera o direito dos outros. É “a suposição arrogante e impiedosa de que todas as outras pessoas e coisas existem para o benefício próprio”.<sup>273</sup>

“Todo pecado é basicamente egoísmo, a adoração de si mesmo em vez da adoração de Deus, a substituição de Cristo por si mesmo em nossas afeições (cf. Cl 3.1-3)”.<sup>274</sup>

As várias listas de vícios do Novo Testamento, em seus diferentes contextos, revelam até certo ponto as condições sociais que prevaleciam naqueles lugares.<sup>275</sup>

3.6-7      Esse comportamento carnal acabará provocando a ira de Deus. Deus disciplinará tanto o cristão quanto o incrédulo (“filhos da desobediência” – NAA) que praticar essas coisas. Essas atividades normalmente caracterizam o não salvo, portanto, o cristão deve deixá-las de lado (v. 8; cf. Mt 5.29-30; Rm 8.13; Ef 5.3-14) ou enfrentará a disciplina divina.

“O cristão deve matar o egocentrismo; ele deve considerar mortos todos os desejos e ambições particulares. Deve haver em sua vida uma transformação radical da vontade e

---

<sup>272</sup> Lenski, pág. 158.

<sup>273</sup> G. B. Caird, *Paul's Letters from Prison*, pág. 205.

<sup>274</sup> Hendriksen, pág. 147.

<sup>275</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 117.

uma mudança radical do seu coração. Tudo o que o impediria de obedecer totalmente a Deus e de se render totalmente a Cristo deve ser cirurgicamente extirpado [cortado]”.<sup>276</sup>

A frase “a ira de Deus” (v. 6) é geralmente escatológica no Novo Testamento e normalmente se refere ao período da Tribulação (cf. 1 Ts 1.10; 5.9; Rm 5.9). Essa é provavelmente uma das referências aqui também.<sup>277</sup>

3.8-9 A segunda lista de Paulo de coisas que devem ser mortas trata dos pecados da fala:

- A raiva (gr. *orge*) é uma atitude de hostilidade.
- A ira (*thymos*) significa uma explosão de raiva verbal de má intenção.
- Malícia (*kakia*) é uma vontade perversa, uma atitude perversa que resulta em dano ao próximo.

“Temos aqui três categorias de pecado: a raiva acalentada gera a ira, e a ira, quando não julgada, gera a malícia”.<sup>278</sup>

- A difamação (*blasphemia*) refere-se ao discurso insultuoso, injurioso e malicioso em geral.
- Discurso obsceno (*aischrologia*) significa discurso imundo, vergonhoso e desonroso.
- Mentira (*pseudesthe*) refere-se à fala enganosa, distorcida e inverídica.

O mandamento imperativo contra a mentira é muito forte. Paulo disse literalmente: Nunca minta! A razão para essa ordem é dada nos versículos

---

<sup>276</sup> Barclay, págs. 180-181.

<sup>277</sup> Shawn R. Leach, "The Epistle of Paul the Apostle to the Colossians", em *The Grace New Testament Commentary*, 2:921.

<sup>278</sup> Ironside, pág. 136.

9b-10 e se aplica a todas as atividades anteriores. O velho eu é a pessoa que o cristão era antes de Deus uni-lo a Cristo.

3.10 O novo eu é quem o cristão é após sua união com Cristo. Um escritor argumentou que o novo eu se refere à igreja, o corpo de Cristo.<sup>279</sup> Mas essa é uma visão minoritária. O versículo 10 descreve o processo de santificação individual, pelo qual o novo eu está sendo renovado ou transformado à imagem de Cristo. “Pleno conhecimento” (ARA) provavelmente significa; de acordo com um verdadeiro conhecimento. O verdadeiro conhecimento (*epignosis*) é o pleno conhecimento de Deus e de Sua vontade, em contraste com o falso conhecimento que os falsos mestres estavam promovendo. A santificação resulta numa semelhança cada vez maior com Cristo. Somente por meio da santificação as pessoas podem alcançar a imagem completa de Deus e de Cristo que Deus as criou para ter (Gn 1.26-28).

3.11 Não há distinção nacional ou racial que determine a aceitabilidade de alguém perante Deus ou que o coloque em uma posição melhor em relação a Deus. Também não existe nenhuma distinção religiosa, cultural ou social que faça isso. Jesus Cristo é essencialmente tudo o que precisamos para o novo nascimento e crescimento, em contraste com os aditivos que os judaizantes promoviam. Cristo habita em cada crente e permeia todos os relacionamentos da vida. “Em todos” provavelmente significa que Cristo é tudo (cf. 1 Co 15.28; Gl 3.28).<sup>280</sup>

Um bárbaro (NAA), um inculto (NVT) era uma pessoa que não conhecia o grego; sua língua era estrangeira. Os bárbaros vinham principalmente da Ásia Ocidental e da região do Mar Negro.<sup>281</sup> Os citas (NAA), incivilizado (NVT) eram originários das áreas do Mar Negro e do Mar Cáspio e os gregos os consideravam o tipo mais baixo de bárbaro.<sup>282</sup> Paulo costumava usar o termo grego para descrever qualquer pessoa que praticasse a cultura grega, não necessariamente um gentio, um pagão ou um grego nativo (cf.

<sup>279</sup> Darrell L. Bock, “The New Man’ as Community in Colossians and Ephesians”, em *Integrity of Heart, Skillfulness of Hands*, págs. 158-160.

<sup>280</sup> Veja C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, págs. 121-122.

<sup>281</sup> *Ibid.*, pág. 121.

<sup>282</sup> Hendriksen, págs. 153-154; McGee, 5:358. Veja também Kent, págs. 120-121.

Rm 1.13-16).<sup>283</sup> Enquanto para os judeus o mundo era dividido entre judeus e gentios, para os gregos e romanos ele era dividido entre gregos e bárbaros: aqueles educados na cultura grega e aqueles que não eram.<sup>284</sup>

“O novo homem vive num novo ambiente em que todas as distinções raciais, nacionais, religiosas, culturais e sociais não existem mais. Ao contrário, Cristo é agora tudo o que importa e está em todo aquele que crê. A declaração é uma das mais inclusivas do Novo Testamento e é amplamente apoiada pela primazia de Cristo na teologia do Novo Testamento. É uma declaração particularmente apropriada para os colossenses e oferece um excelente resumo do ensino da carta. Existem três esferas, relevantes aos colossenses, nos quais Cristo é tudo. Ele é tudo na *salvação*; por isso, não há lugar para a mediação angelical na obra redentora de Deus (cf. 1.18-22; 2.18). Ele é tudo na *santificação*; portanto, o legalismo e o ascetismo não têm lugar na vida cristã (cf. 2.16-23). Ele é a nossa vida (3.3-4). Por fim, Ele é tudo o que é necessário para a *satisfação* humana; por isso não há necessidade de filosofia ou das obras do velho homem (1.26-28; 2.3, 9-10). Ele preenche toda a vida, e tudo mais é obstáculo e maléfico”.<sup>285</sup>

## **2. Coisas a vestir 3.12-17**

Paulo exortou seus leitores não apenas a se despojarem de comportamentos inadequados à sua união com Cristo, mas também a se revestirem de atitudes e ações apropriadas. Ele fez isso para que eles entendessem melhor suas responsabilidades como cristãos.

“A ênfase nessa seção se encontra nos *motivos*. Por que devemos nos despir das velhas ações e nos revestir das características da nova vida? Paulo explicou quatro motivos que devem nos encorajar a andar em novidade de vida (Rm 6.4)”.<sup>286</sup>

---

<sup>283</sup> Lenski, pág. 164.

<sup>284</sup> Veja Lightfoot, págs. 215-216.

<sup>285</sup> Johnson, 481:28.

<sup>286</sup> Wiersbe, 2:137.

“... Escrevi uma mensagem sobre essa passagem das Escrituras e a chamei de ‘O que o cristão bem vestido vestirá este ano’”.<sup>287</sup>

### 3.12-14

Paulo lembrou os colossenses de quem eles eram (“eleitos de Deus” – NAA) porque a apreciação de quem somos afeta a maneira como nos comportamos. Ao evangelizar em prisões, aprendi que muitos prisioneiros cresceram ouvindo de seus pais que nunca seriam importantes e que provavelmente acabariam na prisão. Pensando em si mesmos como perdedores, eles se tornaram aquilo que pensavam que eram (cf. Pv 23.7). Deus escolheu de forma especial os crentes, separou-os para grandes coisas e fez deles objetos do Seu amor. Diante desses privilégios, as características a seguir são perfeitamente razoáveis.

“Eles lidam com o tratamento que o crente dá aos outros, com a avaliação que ele faz de si mesmo e com a reação que ele tem ao tratamento que recebe dos outros”.<sup>288</sup>

- A compaixão (Gr. *splanchna oiktirmou*) demonstra sensibilidade para com aqueles que estão sofrendo e em necessidade.
- A bondade (*chrestotes*) manifesta-se em uma disposição doce e em um trato pessoal atencioso.
- Humildade (*tapeinophrosyne*) significa ter uma visão realista de si mesmo, “pensar pequeno sobre nós mesmos porque somos assim”.<sup>289</sup>
- Mansidão (*prautes*) significa não se comportar de forma ríspida, arrogante ou autoafirmativa, mas com consideração pelos outros.
- Paciência (*makrothymia*) é a qualidade de sofrer por muito tempo, de se autocontrolar. As duas qualidades a seguir expandem o pensamento sobre a paciência.

---

<sup>287</sup> McGee, 5:358.

<sup>288</sup> Carson, pág. 86.

<sup>289</sup> C. J. Ellicott, *A Critical and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistles to the Philippians, Colossians, and to Philemon*, pág. 190.

- Compreensão (*anechomenoi*) significa dar suporte aos outros e suportar o desconforto.
- Perdoar (*charizomenoi*) significa não guardar rancor ou mágoa, mas deixá-la de lado imediatamente.<sup>290</sup>
- Amor (*agape*) significa fazer o que é melhor para outra pessoa.

Todas essas características dizem respeito aos relacionamentos interpessoais do crente. É nessas coisas que o colossense e todo cristão deve se concentrar, e não nas exigências externas dos judaizantes. Elas foram chamadas de virtudes ordinárias (comuns) projetadas para reduzir ou eliminar o atrito.<sup>291</sup> Especialmente nos relacionamentos interpessoais, a vida de Cristo deve ser visível em nós. O amor é a virtude cristã mais importante.

“Não é visto aqui como contendo a perfeição em si mesmo, mas como unindo as outras graças de tal forma que lhes confere a perfeição e as mantém nela”.<sup>292</sup>

“O amor, então, é ‘o vínculo da perfeição’ no sentido de que é o que une os crentes, levando-os a avançar em direção à meta da perfeição”.<sup>293</sup>

3.15 Quatro imperativos nos versículos 15-17 identificam quais preceitos o cristão deve seguir. O primeiro deles é, literalmente: Que a paz de Cristo reine. Quando o cristão precisa fazer escolhas, a paz que Cristo produz em nosso coração deve ser um fator determinante.<sup>294</sup> Devemos escolher o que resultará em paz entre nós e Deus, e entre nós e os outros, se tal curso de ação estiver dentro da vontade moral de Deus (cf. Jo 14.27; Rm 12.18).

---

<sup>290</sup> Veja Lenski, págs. 171-172.

<sup>291</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 123.

<sup>292</sup> Eadie, pág. 246.

<sup>293</sup> Hendriksen, pág. 159. Cf. Lenski, pág. 174.

<sup>294</sup> Lightfoot, pág. 221.

“Essa diretriz forma, juntamente com a Palavra de Deus e o testemunho do Espírito que habita em nós, um dos mais importantes princípios de orientação na vida cristã”.<sup>295</sup>

Quando esses três indicadores se alinham, podemos seguir em frente com confiança. Alcançar a unidade do corpo de Cristo e a paz de Cristo normalmente resulta em um espírito de gratidão que também deve ser expresso em nosso comportamento. O segundo imperativo é: Sejam agradecidos.

3.16 O terceiro imperativo é, literalmente: Habite a palavra de Cristo. A palavra de Cristo, que é uma frase usada apenas aqui no Novo Testamento, são os ensinamentos de Cristo, não apenas durante Seu ministério terreno, mas também em toda a Escritura.<sup>296</sup> Sua Palavra deve permear todo o nosso ser para que tomemos todas as decisões e façamos planos à luz dela.

“...como os rabinos mais tarde apontaram, aquele que mora em uma casa é o dono da casa, não apenas um hóspede de passagem...”.<sup>297</sup>

“Assim, devemos nos submeter às exigências da mensagem cristã e deixar que ela se enraíze tão profundamente em nós a ponto de controlar todo o nosso pensamento”.<sup>298</sup>

“O Espírito Santo usa a Palavra de Deus que conhecemos para falar conosco e guiar nossa vida. Ele pode falar conosco com eficiência na medida em que conhecemos a Palavra. Essa é a linguagem que Ele usa”.<sup>299</sup>

“Muitos salvos não podem dizer, honestamente, que a Palavra de Deus habita ricamente em seu coração porque não dedicam tempo para lê-la, estudá-la e memorizá-la”.<sup>300</sup>

---

<sup>295</sup> Johnson, 481:30-31.

<sup>296</sup> Harrison, pág. 91; Wuest, 1:4:226. Cf. Eadie, pág. 250.

<sup>297</sup> Dunn, pág. 236.

<sup>298</sup> Vaughan, pág. 216.

<sup>299</sup> Wuest, 1:4:226-227.

<sup>300</sup> Wiersbe, 2:140.

“Ensinar” é a transmissão da verdade, e “aconselhar” é a advertência contra o erro. Os cristãos devem realizar essas atividades uns para com os outros – com alegria e com cânticos. “Salmos” provavelmente se refere aos salmos inspirados do Antigo Testamento. A palavra salmos implica que o crente cantava os salmos com acompanhamento musical. “Hinos” são canções de louvor e ação de graças a Deus. “Cânticos espirituais” provavelmente se referem a todos os tipos de expressões da experiência cristã com música.<sup>301</sup> A gratidão a Deus deve caracterizar nosso canto também (cf. v. 15).<sup>302</sup>

“Seja com instrumento ou com voz, ou com ambos, tudo é em vão se a adoração não estiver no coração”.<sup>303</sup>

“Uma das primeiras descrições de um culto da Igreja que possuímos é a de Plínio, o governador romano da Bitínia, que enviou um relatório das atividades dos cristãos a Trajano, o imperador romano. Nesse relatório, ele disse: ‘Eles se reúnem ao amanhecer para cantar um hino a Cristo como Deus’. A gratidão da Igreja sempre foi elevada a Deus em louvor cristão e cântico cristão”.<sup>304</sup>

Cantar no coração provavelmente significa cantar com o coração, não um canto inaudível.<sup>305</sup> Porém, tanto a adoração privada quanto a pública estão em vista.<sup>306</sup>

“Tem-se notado com frequência que a passagem de Colossenses é paralela à de Efésios 5.18-20. Nesta passagem, os hinos e cânticos são o resultado do preenchimento do Espírito, enquanto em Colossenses eles são o resultado da profunda assimilação da Palavra de Deus. Ou seja, o cristão cheio da Palavra é um cristão cheio do

---

<sup>301</sup> Lightfoot, pág. 223.

<sup>302</sup> Veja David F. Detwiler, “Church Music and Colossians 3:16”, *Bibliotheca Sacra* 158:631 (Julho-Setembro 2001):347-369.

<sup>303</sup> Robertson, 4:505.

<sup>304</sup> Barclay, pág. 191.

<sup>305</sup> Harrison, pág. 94.

<sup>306</sup> Lightfoot, pág. 223.

Espírito, e o estudo das duas passagens nos pouparia de muitos erros sobre esse assunto. A ênfase indisciplinada no Espírito Santo é acompanhada com muita frequência por uma base superficial na Palavra de Deus”.<sup>307</sup>

3.17 Esse versículo abrange todos os outros pensamentos, palavras e ações (“E tudo que fizerem ou disserem”).

“O NT não contém um código detalhado de regras para o cristão, como aqueles que foram elaborados com detalhes cada vez maiores na prática rabínica [raciocínio inteligente, mas insatisfatório]. Códigos de regras, como Paulo explica em outro lugar (p. ex.: em Gl 3.23-4.7), são apropriados para o período de imaturidade, quando ele e seus leitores ainda estavam debaixo de tutores; o filho que chegou aos anos de responsabilidade conhece a vontade de seu pai sem precisar receber uma longa lista de “Faça” e “não faça”. O que o NT fornece de fato são os princípios básicos da vida cristã que podem ser aplicados a todas as situações da vida à medida que elas surgem (cf. 1 Co 10.21)”.<sup>308</sup>

O princípio básico, em oposição a um conjunto específico de regras, é o seguinte: Devemos dizer todas as nossas palavras e praticar todas as nossas ações em harmonia com a revelação de Jesus Cristo, ou seja, sob Sua autoridade e como Seus discípulos. Agir em nome de alguém significa conduzir-se como representante dessa pessoa. O cristão deve fazer tudo com ações de graças a Deus. O quarto imperativo está implícito aqui no texto grego, mas os tradutores o forneceram no texto em português: Façam.

“Santidade e felicidade andam juntas”.<sup>309</sup>

Ao se deparar com uma pergunta sobre o que o cristão deve fazer, Paulo ensinou que devemos simplesmente nos perguntar qual conduta seria apropriada para alguém identificado com Cristo. Perguntar a si mesmo “O que Jesus faria?” é algo bastante

<sup>307</sup> Johnson, 481:32. Cf. Ironside, pág. 153.

<sup>308</sup> Bruce, *Commentary on ...*, pág. 285.

<sup>309</sup> Ironside, págs. 152-153.

semelhante. Essa abordagem é muito diferente da abordagem legal que fornece uma ordem específica para cada situação. Neste contraste, vemos uma diferença básica entre a Antiga e a Nova Aliança.

### **C. OS RELACIONAMENTOS FUNDAMENTAIS 3.18–4.1**

Em seguida, Paulo estabeleceu certos princípios para orientar seu leitor em seus relacionamentos interpessoais mais importantes. Geisler viu essa seção como contendo exortações para aperfeiçoar a vida privada do cristão (3.18-4.1), a vida de oração (4.2-4) e a vida pública (4.5-6). Ele também viu 4.7-18 como expressão da preocupação de Paulo em aperfeiçoar a vida pessoal dos crentes colossenses.<sup>310</sup> Paulo escreveu essa instrução para permitir que os leitores entendessem qual comportamento é consistente com a união com Cristo em vários relacionamentos. Essa é uma das várias listas de “regras da casa” no Novo Testamento (cf. Ef 5.22-6.9; 1 Tm 2.8-15; 6.1-2; Tt 2.1-10; 1 Pe 2.18-3.7). Os escritos de alguns pais apostólicos também contêm essas listas.<sup>311</sup> Lutero se referiu a essas seções como *haustafel*, e alguns estudiosos ainda usam essa palavra alemã quando se referem a essas listas.

“... as primeiras igrejas eram todas ‘igrejas domiciliares’ (veja em 4.15), de forma que o modelo de uma casa bem administrada forneceu o precedente para a igreja bem administrada...”<sup>312</sup>

Nos versículos seguintes, o apóstolo agrupou seis classes de pessoas em três pares. Em cada par, ele se dirigiu primeiro ao membro subordinado e depois ao que tinha autoridade. Lembre-se de que Paulo estava falando a pessoas que estão em Cristo em cada situação.

“A ética cristã é uma ética de *obrigação recíproca*. Nunca é uma ética em que todos os deveres estão de um lado”<sup>313</sup>.

“...a vida doméstica foi tão transformada ‘no Senhor’ a ponto de cada pessoa ser vista como preciosa para Deus, e os maridos e senhores reconhecerem que tinham deveres não menos do que direitos”<sup>314</sup>.

---

<sup>310</sup> Geisler, "Colossians", pág. 683.

<sup>311</sup> Geisler, "Colossians", pág. 683. Para uma discussão sobre eles, veja O'Brien, *Colossians ...*, págs. 214-219.

<sup>312</sup> Dunn, pág. 245.

<sup>313</sup> Barclay, pág. 192.

<sup>314</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 128.

**1. Esposas e maridos 3.18-19 (cf. Ef 5.22-33; 1 Pe 3.1-7)**

3.18 Paulo não disse que todas as mulheres deveriam estar sujeitas a todos os homens, mas apenas que as esposas deveriam estar sujeitas a seus próprios maridos.

“A exortação não deve ser enfraquecida na tradução em consideração às sensibilidades modernas (cf. novamente 1 Co 14.34...). Mas seu significado também não deve ser exagerado; ‘sujeição’ significa ‘subordinação’, não ‘subjugação’...”.<sup>315</sup>

Essa sujeição se baseia na autoridade divinamente prescrita, e não em qualquer inferioridade inerente em espiritualidade, inteligência, valor ou qualquer outra coisa.<sup>316</sup> Essa sujeição é adequada, pois é consistente com o que Deus ordenou na criação da raça humana (Gn 2.18; cf. 1 Tm 2.13).

“O pensamento dessa passagem se move no campo do *respeito* pela posição e pelo lugar do outro, não no campo da inferioridade”.<sup>317</sup>

A submissão é “uma atitude que reconhece os direitos da autoridade. Seu [de Paulo] pensamento principal é que a esposa deve se submeter, ou seja, estar disposta a ficar em segundo plano em relação ao marido”.<sup>318</sup>

Não creio que Deus pretenda que a esposa se submeta a um marido que a maltrata ou ordena que ela faça coisas contrárias à vontade de Deus.<sup>319</sup> Ela deve manter uma atitude submissa em relação a ele e se submeter a ele, mas não precisa sujeitar a si mesma e/ou seus filhos ao perigo. O argumento de Paulo é que a esposa deve sempre se relacionar com o marido como o líder designado por Deus no relacionamento deles.

<sup>315</sup> Barclay, pág. 247. Cf. Ralph P. Martin, *Colossians and Philemon*, pág. 119; and W. Schrage, *The Ethics of the New Testament*, pág. 253.

<sup>316</sup> Veja Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, pág. 57.

<sup>317</sup> Johnson, 482:109. Veja Anthonie von den Doel, "Submission in the New Testament", *Brethren Life and Thought* 31:2 (Primavera 1986):121-125; e Paul S. Fiddes, "'Woman's Head is Man' A Doctrinal Reflection upon a Pauline Text", *Baptist Quarterly* 31:8 (Outubro 1986):370-383.

<sup>318</sup> Vaughan, pág. 218.

<sup>319</sup> Veja Hendriksen, pág. 169.

Entendo a frase de Paulo “em tudo”, em Efésios 5.24, como sendo em todas as esferas da vida (ou seja, na vida doméstica, na vida da igreja e na vida civil).

- 3.19 O marido tem duas responsabilidades para com sua esposa: Primeira, ele deve amá-la em vez de tratá-la como súdita. Amar aqui envolve fazer o que é melhor para a pessoa amada, sacrificar os interesses próprios pelos da pessoa amada (cf. Jo 15.13) e comportar-se de forma altruísta (1 Co 13). A palavra grega traduzida como amor é *agapao*, o tipo de amor que dá tudo, não *phileo*, o tipo que dá e recebe, nem *eros*, o tipo que recebe tudo.

Em segundo lugar, o marido não deve permitir que se desenvolva uma atitude amarga em relação à sua esposa, seja por causa da falta de submissão da esposa ou por qualquer outro motivo. Amargo significa mentalmente ou verbalmente irritado. Essa atitude é uma manifestação específica e muito comum por falta de amor. O marido pode evitar a amargura lembrando das boas qualidades de suas esposas em vez de ficarem remoendo as coisas que as irritam.

“Tanto sob as leis e costumes judaicos quanto sob as leis e costumes gregos, todos os privilégios pertenciam ao marido e todos os deveres para com a esposa; mas aqui no cristianismo temos pela primeira vez uma ética de obrigação mútua e recíproca”.<sup>320</sup>

## **2. Filhos e pais 3.20-21 (cf. Ef 6.1-4)**

- 3.20 Os filhos devem obedecer (*hypakoute*) a ambos os pais. A palavra grega traduzida como “obedeçam” implica em prontidão para ouvir e executar as instruções dos pais. A palavra grega para “filhos” (*tekna*) significa jovens em contraste com bebês e crianças pequenas. Todas as coisas (“sempre”) é o princípio geral e abrangeria 99% dos casos envolvidos em um lar cristão. Mas, todo cristão é responsável primeiramente ao Senhor. Consequentemente, se os pais exigirem que o filho desobedeça a Deus, o filho deve obedecer a Deus e não ao ser humano (At 4.19; 5.29; Ef 6.1). A razão pela qual os filhos devem agradecer seus pais obedecendo-os é que esse comportamento agrada ao Senhor (cf. Êx 20.12; 2 Co 5.9).

---

<sup>320</sup> Barclay, p. 193.

“Vi algumas publicações que dizem aos jovens casais que eles ainda devem procurar seus pais e obedecê-los. Acredito que isso seja um absurdo e totalmente antibíblico (ver Gn 2.24). ‘Filhos, obedecem a seus pais em todas as coisas’ é um versículo para crianças, para os menores”.<sup>321</sup>

- 3.21 Embora os filhos devam obedecer a ambos os pais, o pai (*pateron*) é o principal responsável por seus filhos como chefe da família. Por essa razão, Paulo se dirigiu aos homens (pais) aqui. O que está em vista aqui, com as palavras “não irrite”, é a provocação habitual aos filhos por pais insensíveis, especialmente os homens. Alguns pais podem ser muito duros com os filhos, mantendo-os em padrões de conduta muito altos, não os ouvindo e tentando controlar o futuro deles, entre outras coisas.

“Como o semelhante gera o semelhante, um pai que provoca produzirá um filho briguento. Essa irritação faz exigências irracionais à criança, humilha-a e não manifesta nenhuma compreensão amorosa de sua personalidade única. Ela é marcada pela constante irritação”.<sup>322</sup>

Às vezes, algumas provocações são inevitáveis no processo de disciplina, mas a irritação incessante faz com que as crianças fiquem desanimadas, mal-humoradas, com raiva e até mesmo com ódio.

“‘Irritação’ é a primeira consequência de ser muito exigente com os filhos, e a irritação leva à morosidade (*athumia*)”.<sup>323</sup>

“É possível que Paulo tivesse em mente o sistema do ‘não faça isso’ que era tão importante na heresia colossense”.<sup>324</sup>

### **3. Servos e senhores 3.22-4.1** (cf. Ef 6.5-9; 1 Pe 2.18-25)

- 3.22 Paulo provavelmente fez essa seção mais longa do que as duas anteriores porque enviou essa epístola a Colossos junto com a epístola a Filemom.

<sup>321</sup> McGee, 5:361.

<sup>322</sup> Gromacki, pág. 150.

<sup>323</sup> Lightfoot, pág. 225.

<sup>324</sup> Vaughan, pág. 219.

Onésimo, o escravo fugitivo de Filemom, foi o portador de ambas.<sup>325</sup> Além disso, é bem provável a presença de mais escravos do que de senhores na igreja colossense (cf. 1 Co 1.26).<sup>326</sup> O atrito inerente ao relacionamento escravo-mestre provavelmente exigia comentários extensos sobre esse relacionamento no corpo de Cristo e nessa igreja em particular. Note também que Paulo não defendeu a abolição da escravatura, mas exortou os cristãos a se comportarem como cristãos dentro do grupo social ao qual pertenciam no momento.

“Está claro que Paulo não estava preocupado com as estruturas sociais, mas apenas com a forma como o cristão deveria viver sua vida cristã dentro da situação social contemporânea. ...Não há evidência de que Paulo considerava a igreja como uma estrutura que tomaria seu lugar juntamente com outras estruturas sociais e as mudaria para melhor”.<sup>327</sup>

“... aqueles que vivem em democracias sociais modernas, nas quais grupos de interesse podem esperar exercer pressão política por meio de lobby intenso, devem se lembrar que, nas cidades dos dias de Paulo, a grande maioria dos cristãos não teria tido nenhuma possibilidade de exercer qualquer pressão política para qualquer política ou reforma específica. Nessas circunstâncias, um quietismo pragmático era o meio mais eficaz de ganhar espaço suficiente para desenvolver a qualidade dos relacionamentos pessoais que estabeleceriam e construiriam os microcosmos (igrejas) de comunidades transformadas”.<sup>328</sup>

A visão de Paulo era a seguinte: É mais importante que o cristão cumpra sua missão enquanto cristão, em qualquer condição social que se encontre, do que fazer da mudança dessas condições sua principal

---

<sup>325</sup> Johnson, 482:109, 113; Lightfoot, pág. 226.

<sup>326</sup> Hendriksen, pág. 173.

<sup>327</sup> George E. Ladd, *A Theology of the New Testament*, pág. 530.

<sup>328</sup> Dunn, pág. 253.

preocupação (cf. Mt 28.19-20; 1Co 7.20-22).<sup>329</sup> Em questões espirituais, o escravo e seu senhor eram irmãos iguais em Cristo, mas na sociedade eles estavam em níveis diferentes. O escravo no Império Romano era, às vezes, semelhante ao empregado doméstico na Grã-Bretanha vitoriana.<sup>330</sup> Ou seja, ele era frequentemente membro honrado naquela casa. Mas em outras famílias o tratamento que o escravo recebia equivalia ao tratamento dado a uma ferramenta.

“O escravo era uma propriedade. O senhor tinha total controle sobre o escravo, até mesmo para matá-lo diante da mais simples provocação”.<sup>331</sup>

3.23-24 O escravo (ou trabalhador) deve fazer seu trabalho principalmente para o Senhor, não apenas para o seu senhor. Essa visão do verdadeiro mestre transforma as atitudes e o desempenho do trabalhador. Até mesmo o trabalho mais servil se torna um ministério e um ato de adoração. Todo emprego pode e deve, então, ser um trabalho cristão de tempo integral. Gideão era fazendeiro; Dorcas, costureira; Lucas, médico; Daniel, funcionário do governo; e Lídia, mulher de negócios – para citar apenas alguns. Deus usa todas as ocupações.

“Ele quer dizer: ‘Não fique de olho no relógio. Mantenha seus olhos em Cristo. Ele é a Quem você está servindo’. É assim que você deve fazer seu trabalho”.<sup>332</sup>

O escravo também deve cumprir sua palavra com sinceridade, de todo o coração (lit. da alma).

“Se você é preguiçoso no trabalho, você não é dedicado a Jesus Cristo”.<sup>333</sup>

O Senhor recompensará esse serviço com uma herança (1 Co 4.5; Ap 22.12). Imagine: um escravo recebendo uma herança!

---

<sup>329</sup> Veja Wiersbe, 2:144.

<sup>330</sup> Dunn, pág. 252.

<sup>331</sup> Harrison, p. 102.

<sup>332</sup> Autor desconhecido.

<sup>333</sup> McGee, 5:361.

“Essa promessa deve ser vista à luz do fato de que um escravo não tinha direito legal a uma herança na Terra, mesmo que lhe fosse deixada uma”.<sup>334</sup>

A expressão: “o Senhor... é Cristo”, ocorre somente aqui no Novo Testamento. Evidentemente, Paulo o cunhou aqui para enfatizar o senhorio de Jesus. Jesus é o Messias (Cristo) o qual, como Senhor, recompensará os fiéis no futuro.<sup>335</sup> Pode haver um contraste intencional aqui com o Senhor é César.

“A herança é uma recompensa recebida como ‘salário’ pelo trabalho realizado. Nada poderia ser mais claro. O contexto está falando do retorno que um homem deve receber por causa de seu trabalho, como em uma relação empregador-empregado. A herança é recebida como resultado do trabalho; ela não vem como um presente. O grego *antapodosis* significa reembolso ou recompensa. O verbo *antapodidomi* nunca significa receber como um presente; ele é sempre usado no Novo Testamento para designar um pagamento devido a uma obrigação”.<sup>336</sup>

A revelação do Novo Testamento sobre a herança que o crente pode merecer por meio da perseverança fiel na fé e nas boas obras é extensa. Todo crente receberá alguma herança simplesmente porque Deus escolhe concedê-la a todos (cf. Jo 3.3, 5, 16, 36; Rm 5.1, 9; 8.1, 31-39; 1 Co 15.53-57; 1 Ts 1.10; 4.13-17; 1 Pe 1.9). Mas, o crente que permanecer fiel ao Senhor receberá muito mais herança (cf. Mt 5.12, 46; 6.1, 2, 4, 5, 6, 16, 18; 10.41-42; 16.27; 25.21, 23; Mc 9.41; Lc 6.23, 35; 19.17, 19; Jo 12.26; 15.14; 1 Co 3.8, 14; 6.9; 9.16-18, 25, 27; 2 Co 5.9-11; Gl 5.21; Ef 5.5; Fp 4.1; Cl 3.24; 1 Ts 2.19; 1 Tm 4.14; 5.18; 2 Tm 2.5, 12; 4.8; Hb 11.6; Tg 1.12; 1 Pe 1.7; 5.4; 2 Jo 8; Ap 2.7, 10, 11, 17, 23, 26-27; 11.18; 22.12).

---

<sup>334</sup> Harrison, pág. 100.

<sup>335</sup> Veja René A. López, "A Study of Pauline Passages on Inheriting the Kingdom", *Bibliotheca Sacra* 168:672 (Outubro-Dezembro 2011):450-452.

<sup>336</sup> Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings*, pág. 68. Veja também O'Brien, *Colossians*, pág. 231.

Algumas passagens indicam que essa herança envolve o banquete de casamento no início do reino messiânico terreno (P. ex.: Mt 25; et al.). Outras passagens falam dela em conexão com o reinado com Cristo (Mt 19.27-28; Lc 19.17-19; 22.28-30; Rm 8.17-21) ou como um tesouro no céu (Mt 6.19-21, 29; 19.21; Lc 12.32-33; 1 Tm 6.17-19). Também envolve receber louvor e honra de Jesus Cristo e do Pai (Mt 6.1, 5, 16; 25.21; Jo 12.26; 1 Co 4.5; 1 Pe 1.6-7; 2 Pe 1.10-11). Essas honras às vezes são chamadas de coroas (Fp 4.1; 1 Co 9.24-27; 1 Ts 2.19; 2 Tm 4.6-8; Tg 1.12; 1 Pe 5.1-4; Ap 2.10; 4.9-10).<sup>337</sup>

3.25 Enquanto fazer o trabalho de coração, como para o Senhor, resulta em uma recompensa, não fazê-lo também resultará inevitavelmente em consequências ruins. Paulo não especificou quais consequências seriam essas, mas a falta de uma recompensa, no mínimo, e a punição, no máximo, podem ser razoavelmente esperadas (cf. Mt 25.14-30). Além disso, Paulo lembrou a seus leitores: o Juiz será imparcial.

4.1 O mestre/senhor devem se lembrar de que ele também possui um Mestre/Senhor. Essa visão deve transformar a maneira como ele considera e trata seus escravos, ou seja, com justiça e equidade. É interessante notar que, ao longo da história, sempre que os cristãos constituíram um segmento significativo da população e seguiram as orientações de Paulo aqui, o sistema escravagista morreu. Os princípios contidos nesses versículos (3.22-4.1) também se aplicam, é claro, aos relacionamentos entre empregador e empregado.<sup>338</sup>

William Webb ofereceu uma extensa discussão sobre como aplicar essas instruções.<sup>339</sup> Não concordo com sua “hermenêutica do movimento redentor”, ou o que eu chamaria de “hermenêutica da trajetória”, porque acredito que ela é subjetiva. Acredito, porém, que ele tenha oferecido algumas sugestões úteis.<sup>340</sup>

---

<sup>337</sup> Veja Dillow, págs. 551-583.

<sup>338</sup> Ellis, pág. 1344.

<sup>339</sup> William J. Webb, *Slaves, Women & Homosexuals*.

<sup>340</sup> Para uma análise mais longa do livro de Webb com críticas semelhantes às minhas, veja Wayne Grudem, "Should We Move Beyond the New Testament to a Better Ethic?" *Journal of the Evangelical Theological Society* 47:2 (Junho 2004):299-346.

O fato da palavra “Senhor” ocorrer sete vezes em 3.18-4.1 enfatiza a importância de aplicar o senhorio de Cristo em todos os nossos relacionamentos interpessoais.

"É preciso lembrar que, embora todo cristão esteja no mesmo nível no Senhor, ainda há esferas em que a subordinação deve ser reconhecida. De fato, há quatro esferas em que o crente vive: (a) em Cristo; (b) no lar; (c) na igreja; (d) no estado. Em Cristo, não há diferença entre judeu e grego, escravo e livre, ou homem e mulher (Gl 3.28). No lar, embora haja uma igualdade espiritual intrínseca, há distinções. O marido é o cabeça da esposa (Ef 5.23), e os filhos devem obedecer a ambos (6.1; cf. Cl 3.20), sendo o Senhor a ilustração suprema (Lc 2.51). O escravo também deve estar sujeito ao seu senhor (Tt 2.9; 1 Pe 2.18). Na igreja, todos estão sujeitos à autoridade dos presbíteros (1 Ts 5.12; Hb 13.7) e ao Senhor (Ef 5.24). No estado, até mesmo o crente, embora seja filho de Deus e cidadão celestial, está sujeito às autoridades seculares e aos estatutos terrenos (Rm 13.1; Tt 3.1; 1 Pe 2.13)".<sup>341</sup>

#### **D. A PRÁTICA ESSENCIAL 4.2-6**

Paulo concluiu suas exortações sobre a vida cristã com instruções relativas a três práticas essenciais para aqueles que estão em Cristo, com o intuito de impressionar seus leitores com sua importância. Uma exortação tratava do relacionamento de seus leitores com Deus, outra tratava do relacionamento com outras pessoas e a terceira tratava da autoconsciência.

4.2 A prática mais importante a ser adotada em relação a Deus é a oração. Isso é verdade porque, quando oramos, pedimos a Deus para agir e expressamos nossa fé nEle. Em toda essa epístola, a ênfase de Paulo tem sido a união do crente com Cristo e a completa adequação que essa união produz. O cristão que não ora está demonstrando independência de Deus (cf. Jo 15.5). É apenas quando pedimos a Deus para trabalhar que Ele fará muitas coisas (Tg 4.2).

Consequentemente, Paulo exortou seus leitores a se dedicarem à oração, ou seja, a darem a ela atenção e prioridade constantes (cf. Lc 18.1-8). Talvez o principal problema que enfrentamos quando oramos seja a

---

<sup>341</sup> Johnson, 482:109-110. Veja E. Glenn Hinson, "The Christian Household in Colossians 3:18—4:1", *Review and Expositor* 70:4 (Outono 1973):495-506.

concentração. Por isso, Paulo lembrou seus leitores de se manterem alertas na oração e de expressarem gratidão com ações de graças em vista da bondade e da graça de Deus para com eles.<sup>342</sup>

“Isso é como respirar: inspirar por meio da oração, expirar por meio de ações de graças”.<sup>343</sup>

“A alma floresce numa atmosfera de oração. ...Precisamos orar tanto quanto precisamos respirar. Nossa alma definhará sem ela e nosso testemunho será totalmente infrutífero se a negligenciarmos”.<sup>344</sup>

“O tempo prolongado de oração tende a produzir apatia. Daí o alerta adicional de que o coração deve estar *desperto*, para que a oração tenha algum valor. A palavra não deve ser tomada literalmente aqui, mas metaforicamente”.<sup>345</sup>

“O apóstolo recomenda, não a vigília física, mas a espiritual, como em Efésios 6.18, onde ele emprega *agrupnountes* [‘esteja alerta’]..”.<sup>346</sup>

“A exortação que acompanha ‘manter-se acordado, estar alerta’ (*gregoreo*) é extraída do imagem do dever de guarda (Ne 7.3; 1 Macabeus 2.27; Mc 14.34, 37) ...”.<sup>347</sup>

A ênfase recorrente de Paulo na ação de graças faz dessa epístola um dos livros mais repletos de gratidão do Novo Testamento (cf. 1.3, 12; 2.7; 3.17; 4.2).

4.3-4 Paulo pediu a intercessão de seus leitores para dois assuntos em particular: Primeiro, ele pediu que eles orassem para que Deus desse a ele e a seus companheiros oportunidades de evangelismo e edificação.

<sup>342</sup> Veja Howard Tillman Kuist, "Zest for Prayer", *Theology Today* 11 (1954):48-52; e Thomas L. Constable, *Talking to God: What the Bible Teaches about Prayer*, págs. 65-66.

<sup>343</sup> McGee, 5:363.

<sup>344</sup> Ironside, págs. 166-167.

<sup>345</sup> Lightfoot, pág. 229.

<sup>346</sup> Eadie, pág. 273.

<sup>347</sup> Dunn, pág. 262.

“Deus abre a porta por meio de sua providência. Muitos não percebem isso e tentam abrir as portas por si mesmos. Quando estamos anunciando o evangelho, devemos seguir as indicações providenciais de Deus quanto ao local onde devemos trabalhar”.<sup>348</sup>

Em segundo lugar, Paulo pediu que, quando essas oportunidades surgissem, ele fosse capaz de apresentar o evangelho com clareza.<sup>349</sup>

“Um homem realmente grande não é orgulhoso demais para pedir que seja lembrado em oração...”.<sup>350</sup>

“As pessoas devem orar especialmente por seus ministros e levá-los sempre em seu coração ao trono da graça”.<sup>351</sup>

“O mistério de Cristo” (v. 3; 1.26-27) é o evangelho. Paulo estava mais preocupado em divulgar o evangelho do que em sair da prisão.

4.5 Com relação ao relacionamento de seus leitores com os incrédulos (“os de fora”), Paulo aconselhou o uso da sabedoria como a coisa mais importante. Isso envolve viver a vida à luz da revelação de Deus e em seguida aplicar o conhecimento adquirido pela revelação a situações específicas (1.9).

“Paulo provavelmente tem em mente a diferença entre o testemunho corajoso e firme da lealdade cristã quando a ocasião se apresenta, e uma obstrução [o forçar] dura, sem amor e sem tato no momento errado”.<sup>352</sup>

“A Bíblia do mundo é a vida diária da igreja, cada página da qual seu olho rápido examina minuciosamente e cada mancha que detecta com exatidão alegre e maliciosa”.<sup>353</sup>

---

<sup>348</sup> Lenski, p. 191.

<sup>349</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 133.

<sup>350</sup> Hendriksen, pág. 201.

<sup>351</sup> Henry, pág. 1874.

<sup>352</sup> C. F. D. Moule, *The Epistles ...*, pág. 133. Veja também o apêndice na obra de Hendriksen: “Scripture on Tactfulness”, págs. 231-232.

<sup>353</sup> Eadie, pág. 279.

A palavra grega traduzida como oportunidade (*kairos*, lit. tempo, que significa “um ponto estratégico do tempo”<sup>354</sup>) provavelmente implica o momento oportuno (ou seja, o melhor, mais eficaz e mais produtivo), como essa palavra grega faz em alguns outros lugares. A oportunidade em vista parece ser a oportunidade de levar os outros à plena união com Cristo (cf. v. 3).

- 4.6 Paulo passou do modo de andar de seus leitores para o modo de falar. Um aspecto muito importante a ser considerado em relação às práticas dos colossenses era o discurso deles. A fala expressa, de forma mais clara, o que está dentro de uma pessoa. O discurso do cristão deve representar o caráter gracioso e a conduta de seu Deus, demonstrando: amor, paciência, sacrifício, favor imerecido etc.

O sal provavelmente representa tanto a atração, já que o sal torna os alimentos atraentes, quanto a salubridade, já que o sal era um conservante que retardava a deterioração ou o apodrecimento dos alimentos (cf. Mt 5.13; Mc 9.50; Ef 4.29).<sup>355</sup> O cristão deve adaptar sabiamente seu discurso a cada situação. A frase “temperado com sal” (NAA) se refere a um discurso espirituoso no grego clássico, mas Paulo provavelmente se referia a uma fala atraente e saudável, tendo em vista outros usos bíblicos do termo sal.<sup>356</sup>

“... deve haver um sabor cristão na conversa, que não deve se limitar a uma conversa insípida ou a meros chavões, mas deve se mover para assuntos importantes que convidem a luz que a revelação pode proporcionar. O objetivo aqui é cultivar uma sensibilidade para cada indivíduo, de modo a ser capaz de enfrentar suas objeções e mostrar como o evangelho pode suprir suas necessidades”.<sup>357</sup>

Em outras palavras, a conversa do cristão deve ser distintamente cristã, em vez de meramente humana.

---

<sup>354</sup> Wuest, 1:4:234.

<sup>355</sup> Cf. Eadie., pág. 281; Lenski, pág. 194.

<sup>356</sup> Johnson, 484:314-315.

<sup>357</sup> Harrison, pág. 107.

“Um filho de Deus deve ter uma conversa que *impeça* o mal. Ela deve evitar o mal em lugar de promovê-lo. Creio que isso também significa que o cristão não deve ser tedioso”.<sup>358</sup>

As três exortações nos versículos 2-4, 5 e 6 são extremamente importantes e merecem mais atenção dos cristãos do que normalmente recebem.<sup>359</sup>

## **V. CONCLUSÃO 4.7-18**

Paulo concluiu essa epístola com informações e instruções pessoais. Ele fez isso a fim de unir seus leitores mais estreitamente uns com os outros no corpo de Cristo, do qual eles estavam correndo o risco de se separar devido à influência dos falsos mestres.

### **A. OS PORTADORES DESTA EPÍSTOLA 4.7-9**

4.7-8 Paulo enviou Tíquico com essa carta com dois propósitos principais: Ele queria fornecer mais informações sobre si mesmo e seu ministério atual, do que se sentiu motivado a registrar na própria carta. E ele queria encorajar os colossenses. Em relação a todos os outros cristãos, Tíquico era um irmão amado. Em relação a Cristo, ele era um servo fiel. Em relação a Paulo, ele era um companheiro de serviço, tanto como prisioneiro de Roma quanto da vontade de Deus, ou apenas da vontade de Deus. O nome de Tíquico aparece cinco vezes em associação com Paulo no Novo Testamento (At 20.4; Ef 6.21; Cl 4.7; Tt 3.12; 2 Tm 4.12).

“Alguém já disse que a maior habilidade no mundo é a credibilidade, e isso é verdade”.<sup>360</sup>

4.9 Onésimo havia sido anteriormente um escravo na casa de Filemom, que era membro da igreja colossense. Mas ele havia fugido para Roma, onde Paulo o levou a Cristo. Paulo agora o estava enviando de volta a Colossos com Tíquico, não acorrentado, mas como um irmão amado em Cristo que havia se mostrado fiel (cf. Filemom).

<sup>358</sup> McGee, 5:363.

<sup>359</sup> Madvig Veja James P. Sweeney, "The Priority of Prayer in Colossians 4:2-4", *Bibliotheca Sacra* 159:635 (Julho-Setembro 2002):318-333; e idem, "Guidelines on Christian Witness in Colossians 4:5-6", *Bibliotheca Sacra* 159:636 (Outubro-Dezembro 2002):449-461.

<sup>360</sup> Wiersbe, 2:149.

Esses homens viajaram de Roma a Colossos, provavelmente passando por Éfeso e Laodicéia, com a carta aos Efésios (Ef 6.21-22). Eles provavelmente também levaram uma carta aos Laodicenses (cf. v. 16), outra a Filemom (Fl 23-24) e esta carta aos Colossenses.

#### **B. SAUDAÇÕES DOS COMPANHEIROS DE PAULO 4.10-14**

Paulo mencionou seis pessoas, cinco das quais ele também mencionou em sua carta a Filemom.

4.10 Aristarco veio de Tessalônica (At 20.4), esteve com Paulo em Éfeso (At 19.29) e o acompanhou a Roma (At 27.2). “Prisioneiro” (v. 10) é a tradução de uma palavra grega incomum (*sunachmalotos*, lit. prisioneiro de guerra). Provavelmente significa um prisioneiro da vontade de Deus em vez de um prisioneiro de César (cf. Fl 23).<sup>361</sup> Outra hipótese é que Aristarco residia na mesma casa em Roma que Paulo, que era a prisão de Paulo.<sup>362</sup>

João Marcos (At 12.25), que aqui é chamado de Marcos, havia se juntado a Paulo algum tempo depois da separação deles, que aconteceu na primeira viagem missionária de Paulo (At 13.5, 13). Os colossenses aparentemente conheciam seu primo Barnabé melhor do que conheciam Marcos. Esse Marcos escreveu o Evangelho que leva seu nome (cf. 2 Tm 4.11).

“João Marcos é um incentivo para todos que fracassaram em suas primeiras tentativas de servir a Deus. Ele não ficou sentado e de mau humor. Voltou ao ministério e provou ser fiel ao Senhor e ao apóstolo Paulo”.<sup>363</sup>

4.11 Jesus, chamado Justo, é mencionado apenas aqui no Novo Testamento. Esses três homens (Aristarco, Marcos e Jesus, o Justo) eram cristãos judeus, como fica claro por seus nomes e pelo fato de Paulo se referir a eles como “da circuncisão”. Ao mencioná-los, Paulo ajudou os colossenses a perceberem que o que ele havia escrito sobre judeus e gentios serem iguais em Cristo era uma realidade em seu ministério. O reino de Deus aqui provavelmente se refere ao reino dos crentes sobre os quais Cristo governa agora. Outros acreditam que ele se refere ao futuro reino

<sup>361</sup> Carson, pág. 98.

<sup>362</sup> W. J. Conybeare, em *The Life and Epistles of St. Paul*, pág. 687.

<sup>363</sup> Wiersbe, 2:150.

messiânico terrestre “para o qual, como um alvo glorioso, todos os labores da Igreja estão direcionados”.<sup>364</sup>

4.12-13 Os três companheiros de trabalho seguintes tinham raízes gentílicas. Epafras evidentemente havia sido fundamental na fundação da igreja em Colossos (1.7). Sua preocupação com os colossenses fica clara em suas orações zelosas pela maturidade deles e pela plena percepção da completa vontade de Deus para eles. Essas preocupações são o fardo desta epístola. A agonia fervorosa de Epafras em oração (cf. Lc 22.44) reflete seu apreço pelo fato de que Deus forneceria iluminação e crescimento contínuo em resposta às orações de Seu povo (Tg 4.2). Proporcionar iluminação e crescimento é um trabalho espiritual que somente Deus pode fazer. A preocupação de Epafras com os cristãos das outras cidades próximas a Colossos (Laodicéia e Hierápolis) sugere a possibilidade de que ele tenha evangelizado essas comunidades também.

“Epafras tem a distinção única entre todos os amigos e colegas de trabalho de Paulo de ser o único a quem Paulo elogiou explicitamente por seu ministério intensivo de oração. A passagem citada acima [4.12-13] pode muito bem ser chamada de seu diploma de sucesso nesse ministério”.<sup>365</sup>

“Epafras compreendeu, o que muitos de nós demoramos a perceber, que as táticas da batalha cristã nascem da estratégia da oração”.<sup>366</sup>

“Há muitas coisas que estão fora do poder do cristão comum, e uma grande posição, uma ampla influência e uma capacidade extraordinária podem não existir para quase todos nós, mas o cristão mais humilde e menos significativo pode orar, e como ‘a oração move a Mão que move o mundo’, talvez o maior poder que podemos exercer seja aquele que vem por meio da oração”.<sup>367</sup>

---

<sup>364</sup> McClain, pág. 656.

<sup>365</sup> D. Edmond Hiebert, *Working With God: Scriptural Studies in Intercession*, pág. 77.

<sup>366</sup> Harrington C. Lees, *St. Paul's Friends*, pág. 157.

<sup>367</sup> W. H. Griffith Thomas, *Christ Pre-Eminent*, pág. 191.

“Conta-se que um velho pastor era visto todos os sábados à tarde saindo de seu escritório e entrando na igreja pela porta dos fundos e, por volta do pôr do sol, era visto indo para casa. Uma pessoa ficou curiosa o suficiente para segui-lo um dia e observá-lo pela janela da igreja. Isso ocorreu na época em que o banco específico para cada família era algo comum na igreja. O velho pastor foi visto ajoelhando-se em cada banco e orando por cada membro da família que o ocuparia no Dia do Senhor. Ele chamava cada membro pelo nome ao derramar seu coração a Deus por seu rebanho. Seu ministério era de poder e seu povo refletia a graça de Deus sobre eles. Abençoada é a igreja que tem um pastor de oração como esse”.<sup>368</sup>

- 4.14 Paulo identificou Lucas, o escritor do terceiro Evangelho e de Atos, simplesmente como o médico amado, sem qualquer elaboração ou elogio adicional. O nome Lucas é uma contração de Lucano.<sup>369</sup>

“Naquela época, a medicina estava apenas se tornando um assunto de instrução sistemática”.<sup>370</sup>

Lucas teria sido tanto física quanto espiritualmente útil para Paulo. Demas (provavelmente uma forma abreviada de Demétrio) mais tarde abandonou Paulo (2 Tm 4.10), mas nessa época ele estava ministrando ao apóstolo e com ele.

### **C. SAUDAÇÕES AOS OUTROS 4.15-17**

- 4.15 Além dos cristãos vizinhos de Laodicéia, Paulo enviou saudações a Ninfa, que possivelmente era a anfitriã de uma igreja domiciliar de Laodicéia. Não há evidências de que os cristãos se reuniam em edifícios de igrejas até o século III.<sup>371</sup> Os primeiros cristãos parecem ter escolhido seus locais de reunião com base na conveniência e na disponibilidade.

<sup>368</sup> Hiebert, pág. 83. Veja também idem, "Epaphras, Man of Prayer", *Bibliotheca Sacra* 136:541 (Janeiro-Março 1977):54-64.

<sup>369</sup> Lightfoot, pág. 239.

<sup>370</sup> Dunn, pág. 283. See *The Oxford Classical Dictionary*, s. v. "Medicine", pág. 662.

<sup>371</sup> Lightfoot, pág. 241.

- 4.16 A carta de Paulo aos Laodicenses provavelmente não era inspirada, e evidentemente se perdeu (cf. 1 Co 5.9). Isso parece fazer mais sentido do que Paulo fazer referência aqui à Epístola aos Efésios.<sup>372</sup>
- 4.17 Arquipo parece ter sido filho de Filemom (Fm 2). Talvez ele fosse um jovem talentoso que Paulo quisesse encorajar. A ideia de que ele era o atual líder da igreja colossense é uma possibilidade sugerida por alguns comentaristas. Qualquer que fosse seu ministério, Paulo o incentivou a cumpri-lo.

“Ao dizer: ‘Sinto que meu trabalho está feito’ é apenas um pouco de orgulho da carne. Seu trabalho não estará concluído até que o Senhor venha ou o chame para estar com Ele. Portanto, enquanto você estiver aqui, preste atenção ao serviço e cumpra-o”.<sup>373</sup>

#### **D. A CONCLUSÃO PESSOAL DE PAULO 4.18**

Paulo normalmente usava um secretário para escrever suas cartas e depois acrescentava uma palavra pessoal ao final com sua própria caligrafia para autenticar sua autoria (cf. Rm 16.22; Gl 6.11). Esse versículo parece ser um exemplo de sua prática. Aqui ele pediu as orações de seus leitores por ele em sua prisão domiciliar em Roma (cf. vv. 3-4). Por fim, ele desejou que o contínuo favor imerecido de Deus fosse a porção deles (cf. 1.2): “Que a graça de Deus esteja com vocês”.

Por que Paulo incluiu tantas referências pessoais a amigos e conhecidos nessa epístola? Talvez ele nunca tivesse visitado esses cristãos e eles o conhecessem apenas por reputação (cf. 2.1). Provavelmente, por ter vivido e ministrado na Ásia Menor por três anos, ele teria tido contato pessoal com alguns dos santos em Colossos. Evidentemente, ele enviou muitas saudações pessoais porque tinha muitos amigos em Colossos. Paulo também enviou muitas saudações pessoais aos cristãos em Roma, embora ainda não tivesse visitado Roma quando escreveu sua epístola a eles (cf. Rm 16).

---

<sup>372</sup> Para discussão dessa teoria, veja as introduções ao Novo Testamento e os comentários sobre Efésios 1.1. Para a defesa do ponto de vista de que essa carta era a Epístola aos Efésios, veja Lightfoot, págs. 242, 272-298.

<sup>373</sup> Lincoln, págs. 60-61.

## Bibliografia

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Editora Vida, 2017.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Abbott, T. K. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and to the Colossians*. International Critical Commentary series. Edinburgh: T. and T. Clark, 1897.
- Alford, Henry. *The Greek Testament*. 4 vols. New ed. Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1883, 1881, 1880, 1884.
- Augsburger, David W. *Seventy Times Seven: The Freedom of Forgiveness*. Chicago: Moody Press, 1970.
- Bailey, Mark L., e Thomas L. Constable. *The New Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing Co., 1999. Reprinted as Nelson's New Testament Survey. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999.
- Barclay, William. *The Letter to the Philippians, Colossians and Thessalonians*. The Daily Study Bible series. 2nd ed. Edinburgh: Saint Andrew Press, 1963.
- Barrett, Michael P. V. "Complete in Christ". *Biblical Viewpoint* 13:1 (Abril 1979):27-32.
- Baugh, Steven M. "The Poetic Form of Col. 1:15-20". *Westminster Theological Journal* 47:2 (Outono 1985):227-244.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Beare, F. W. *The Epistle to the Colossians*. Interpreter's Bible series. New York: Abingdon, 1955.

- Bedale, Stephen. "The Meaning of kephale in the Pauline Epistles". *Journal of Theological Studies* NS5 (1954):211-215.
- Bing, Charles C. "The Warning in Colossians 1:21-23". *Bibliotheca Sacra* 164:653 (Janeiro-Março 2007):74-88.
- Bigg, Charles A. *The Messiah of the Apostles*. Edinburgh: T & T Clark, 1895.
- Blaiklock, E. M. *Today's Handbook of Bible Characters*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1979.
- Bock, Darrell L. "'The New Man' as Community in Colossians and Ephesians". Em *Integrity of Heart, Skillfulness of Hands*, págs. 157-67. Editado por Charles H. Dyer e Roy B. Zuck. Grand Rapids: Baker Book House, 1994.
- \_\_\_\_\_. "A Theology of Paul's Prison Epistles". Em *A Biblical Theology of the New Testament*, págs. 299-331. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1994.
- Bruce, F. F. "Colossian Problems". *Bibliotheca Sacra* 141:561 (Janeiro-Março 1984):3-15; 562 (Abril-Junho 1984):99-111; 563 (Julho-Setembro 1984):195-208; 564 (Outubro-Dezembro 1984):291-302.
- \_\_\_\_\_. *Commentary on the Epistle to the Colossians in Commentary on the Epistles to the Ephesians and to the Colossians* por E. K. Simpson e F. F. Bruce. New International Commentary on the New Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
- Caird, G. B. *Paul's Letters from Prison*. New Clarendon Bible series. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- Cairns, Earle E. *Christianity Through the Centuries: A History of the Christian Church*. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958.
- Carson, Donald A., e Douglas J. Moo. *An Introduction to the New Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2005.
- Carson, Herbert M. *The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon*. Tyndale New Testament Commentaries series. Reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978.

- Compton, R. Bruce. "The Ordo Salutis and Monergism: The Case for Faith Preceding Regeneration, Part 3". *Bibliotheca Sacra* 175:699 (Julho-Setembro 2018):284-303.
- Constable, Thomas L. *Talking to God: What the Bible Teaches about Prayer*. Grand Rapids: Baker Book House, 1995; reprint ed., Eugene, Oreg.: Wipf & Stock Publishers, 2005.
- Conybeare, William John, e John Saul Howson. *The Life and Epistles of St. Paul*. London: N.p., 1851; New ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. 5 vols. Revised ed. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- Dean, David A. "A Study of the Enthronement of Christ in Acts 2 and 3". Dissertação de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1992.
- Deissmann, Adolph. *Bible Studies*. Traduzido por A. Grieve. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901.
- \_\_\_\_\_. *Paul: A Study in Social and Religious History*. Traduzido por William E. Wilson. Harper Torchbook ed. New York: Harper and Row, Harper Torchbooks, 1957.
- Detwiler, David F. "Church Music and Colossians 3:16". *Bibliotheca Sacra* 158:631 (Julho-Setembro 2001):347-369.
- Dillow, Joseph C. *The Reign of the Servant Kings*. Miami Springs, Fla.: Schoettle Publishing Co., 1992.
- Dunn, James D. G. *The Epistles to the Colossians and to Philemon: A Commentary on the Greek Text*. The New International Greek Testament Commentary series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., and Carlisle, England: Paternoster Press, 1996.
- Eadie, John. *Commentary on the Epistle to the Colossians*. Classic Commentary Library series. N.c.: Richard Griffin and Co., 1856; reprint ed., Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957.
- Ehrman, Bart D. *A Brief Introduction to the New Testament*. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings*. 3rd ed. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2000, 2004.

- Ellicott, Charles J. *A Critical and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistles to the Philippians, Colossians, and to Philemon*. Andover, Mass.: Warren F. Draper, 1876.
- Ellis, E. Earle. "The Epistle to the Colossians". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 1333-46. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- Fiddes, Paul S. "'Woman's Head Is Man' A Doctrinal Reflection upon a Pauline Text". *Baptist Quarterly* 31:8 (Outubro 1986):370-383.
- Fruchtenbaum, Arnold G. "Israel and the Church". Em *Issues in Dispensationalism*, págs. 113-130. Editado por Wesley R. Willis e John R. Master. Chicago: Moody Press, 1994.
- Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Reprint ed. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, 1970.
- Geisler, Normal L. "Beware of Philosophy: A Warning to Biblical Scholars". *Journal of the Evangelical Theological Society* 42:1 (Março 1999):3-19.
- \_\_\_\_\_. "Colossians". Em *Bible Knowledge Commentary: New Testament*, págs. 667-686. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1983.
- Gerstner, John H. *The Theology of the Major Sects*. Grand Rapids: Baker Book House, 1960.
- A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Por C. G. Wilke. Revisado por C. L. Wilibald Grimm. Traduzido, revisado e ampliado por Joseph Henry Thayer, 1889.
- Gromacki, Robert G. *Stand Perfect in Wisdom*. Grand Rapids: Baker Book House, 1984.
- Grudem, Wayne. "Should We Move Beyond the New Testament to a Better Ethic?" *Journal of the Evangelical Theological Society* 47:2 (Junho 2004):299-346.
- Guthrie, Donald. *New Testament Introduction: The Pauline Epistles*. 2nd ed. reprinted. London: Tyndale Press, 1961, 1966.
- Haik, Paul S. *Complete in Christ*. Moody Manna series. Chicago: Moody Bible Institute, 1965.

- Hanna, Kenneth G. *From Gospels to Glory: Exploring the New Testament*. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.
- Harless, Hal. "The Cessation of the Mosaic Covenant". *Bibliotheca Sacra* 160:639 (Julho-Setembro 2003):349-366.
- Harrison, Everett F. *Colossians*. Everyman's Bible Commentary series. Chicago: Moody Press, 1971.
- Helyer, Larry L. "Arius Revisited: The Firstborn Over All Creation (Col 1:15)". *Journal of the Evangelical Theological Society* 31:1 (Março 1988):59-67.
- \_\_\_\_\_. "Colossians 1:15-20: Pre-Pauline or Pauline?" *Journal of the Evangelical Theological Society* 26:2 (Junho 1983):167-179.
- \_\_\_\_\_. "Cosmic Christology and Col 1:15-20". *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:2 (Junho 1994):235-246.
- \_\_\_\_\_. "Recent Research on Col 1:15-20 (1980-1990)". *Grace Theological Journal* 12:1 (1992):51-67.
- Hendriksen, William. *New Testament Commentary: Exposition of Philippians and Exposition of Colossians and Philemon*. Reprint ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. One volume ed. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.
- Herzog, William R., II. "The 'Household Duty' Passages: Apostolic Traditions and Contemporary Concerns". *Foundations* 24:3 (Julho-Setembro 1981):204-215.
- Hiebert, D. Edmond. "Epiphra, Man of Prayer". *Bibliotheca Sacra* 136:541 (Janeiro-Março 1979):54-64.
- \_\_\_\_\_. *Working With God: Scriptural Studies in Intercession*. New York: Carlton Press, 1987.
- Hinson, E. Glenn. "The Christian Household in Colossians 3:18--4:1". *Review and Expositor* 70:4 (Outono 1973):495-506.

- House, H. Wayne. "The Christian Life according to Colossians". *Bibliotheca Sacra* 151:604 (Outubro-Dezembro 1994):440-454.
- \_\_\_\_\_. "The Doctrine of Christ in Colossians". *Bibliotheca Sacra* 149:594 (Abril-Junho 1992):180-192.
- \_\_\_\_\_. "The Doctrine of Salvation in Colossians". *Bibliotheca Sacra* 151:603 (Julho-Setembro 1994):325-338.
- \_\_\_\_\_. "Heresies in the Colossian Church". *Bibliotheca Sacra* 149:593 (Janeiro-Março 1992):45-59.
- Hughes, R. Kent. "Preaching: God's Word to the Church Today". Em *The Coming Evangelical Crisis*, págs. 91-103. Editado por John H. Armstrong. Chicago: Moody Press, 1996.
- Ironside, Harry A. *Lectures on the Epistle to the Colossians*. Reprint ed. New York: Loizeaux Brothers, 1945.
- Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- Johnson, S. Lewis, Jr. "Studies in the Epistle to the Colossians". *Bibliotheca Sacra* 118:470 (Julho-Setembro 1961):239-250; 472 (Outubro-Dezembro 1961):334-346; 119:473 (Janeiro-Março 1962):12-19; 474 (Abril-Junho 1962):139-149; 475 (Julho-Setembro 1962):227-237; 476 (Outubro-Dezembro 1962):302-311; 120:477 (Janeiro-Março 1963):13-23; 478 (Abril-Junho 1963):109-116; 479 (Julho-Setembro 1963):205-213; 121:481 (Janeiro-Março 1964):22-33; 482 (Abril-Junho 1964) 107-116; 484 (Outubro-Dezembro 1964):311-320.
- Kent, Homer A., Jr. *Treasures of Wisdom: Studies in Colossians & Philemon*. Grand Rapids: Baker Book House, 1978.
- Kuist, Howard Tillman. "Zest for Prayer". *Theology Today* 11 (1954):48-52.
- Ladd, George Eldon. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974, 1979.
- Lamp, Jeffrey S. "Wisdom in Col 1:15-20: Contribution and Significance". *Journal of the Evangelical Theological Society* 41:1 (Março 1998):45-53.

- Lange, John Peter, ed. *Commentary on the Holy Scriptures*. 12 vols. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Vol. 11: Galatians--Hebrews, por Otto Schmoller, Karl Braune, C. A. Auberlen, C. J. Riggenbach, J. J. Van Oosterzee, e Carl Bernhard Moll. Traduzido por C. C. Starbuck, M. B. Riddle, Horatio B. Hackett, John Lillie, E. A. Washburn, E. Harwood, George E. Day, e A. C. Kendrick. Leach, Shawn R. "The Epistle of Paul the Apostle to the Colossians". Em *The Grace New Testament Commentary*, 2:909-927. Editado por Robert N. Wilkin. 2 vols. Denton, Tex.: Grace Evangelical Society, 2010.
- Lees, Harrington C. St. *Paul's Friends*. London: Religious Tract Society, 1918.
- Lenski, Richard C. H. *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*. Reprint ed. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1964.
- Lightfoot, J. B. *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*. Reprint ed. London: Macmillan and Co., 1892.
- Lincoln, William. *Lectures on the Epistles to the Colossians*. Kilmarnock, Scotland: John Ritchie, n. d.
- López, René A. "A Study of Pauline Passages on Inheriting the Kingdom". *Bibliotheca Sacra* 168:672 (Outubro-Dezembro 2011):443-459.
- \_\_\_\_\_. "A Study of Pauline Passages with Vice Lists". *Bibliotheca Sacra* 168:671 (Julho-Setembro 2011):301-316.
- Maclaren, Alexander. "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon". Em *The Expositor's Bible*. 11th edition. Editado por W. Robertson Nicoll. London: Hodder and Stoughton, 1903.
- Martin, Ralph P. *Colossians and Philemon*. New Century Bible Commentary series. London: Marshall, Morgan, and Scott, 1973.
- Matzat, Don. *Christ-Esteem*. Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1990.
- McClain, Alva J. *A Grandeza do Reino: Um Estudo Indutivo do Reino de Deus*. São Paulo, SP., Editora Batista Regular, 2022.

- McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.
- McLean, John A. "Did Jesus Correct the Disciples' View of the Kingdom?" *Bibliotheca Sacra* 151:602 (Abril-Junho 1994):215-227.
- McNeile, Alan Hugh. *An Introduction to the Study of the New Testament*. 2nd ed. revised by C. S. C. Williams. Oxford: Clarendon Press, 1927, 1953.
- Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.
- \_\_\_\_\_. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.
- Mosher, David L. "St. Paul and Philosophy". *Crux* 8:1 (Novembro 1970):3-9.
- Moule, C. F. D. *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*. Cambridge Greek Testament Commentary series. Reprint ed. Cambridge: University Press, 1962.
- \_\_\_\_\_. *An Idiom-Book of New Testament Greek*. 2nd ed. Cambridge: University Press, 1963.
- Moule, Handley C. G. *Colossian Studies*. New York: Hodder and Stoughton, 1898.
- Mullins, T. Y. "The Thanksgivings of Philemon and Colossians". *New Testament Studies* 30 (1984):288-293.
- The Nelson Study Bible*. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.
- The NET2 (New English Translation) Bible*. N.c.: Biblical Press Foundation, 2019.
- Nielsen, Charles M. "The Status of Paul and His Letters in Colossians". *Perspectives in Religious Studies* 12:2 (Verão 1985):103-122.
- O'Brien, P. T. "Col. 1:20 and the Reconciliation of all Things". *Reformed Theological Review* 33:2 (Maio-Agosto 1974):45-53.

- \_\_\_\_\_. *Colossians, Philemon*. Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Introductory Thanksgivings in the Letters of Paul*. Novum Testamentum Supplement 49. Leiden: Brill, 1977.
- O'Neill, J. C. "The Source of the Christology in Colossians". *New Testament Studies* 26:1 (Outubro 1979):87-100.
- The Oxford Classical Dictionary*. Editado por N. G. L. Hammond and H. H. Scullard. Oxford: Clarendon Press, 1970.
- Peake, A. S. "The Epistle to the Colossians". Em *The Expositor's Greek Testament*. 3 (1910):477-547. 4th ed. Editado por W. Robertson Nicoll. 5 vols. London: Hodder and Stoughton, 1900-1912.
- Pfeiffer, Robert H. *History of New Testament Times With an Introduction to the Apocrypha*. London: Adam and Charles Black, 1949, 1963.
- Pollard, T. E. "Colossians 1.12-20: a Reconsideration", *New Testament Studies* 27:4 (Julho 1981):572-575.
- Richardson, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament*. New York: Harper & Row, 1958.
- Robertson, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*. 6 vols. Nashville: Broadman Press, 1931.
- Robinson, J. Armitage. *St. Paul's Epistle to the Ephesians*. London: Macmillan and Co., 1903.
- Rogers, Cleon L., Jr. "The Davidic Covenant in Acts-Revelation". *Bibliotheca Sacra* 151:601 (Janeiro-Março 1994):71-84.
- Ryrie, Charles Caldwell. *The Basis of the Premillennial Faith*. Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Biblical Theology of the New Testament*. Chicago: Moody Press, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Dispensationalism Today*. Chicago: Moody Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Dispensationalism*. Chicago: Moody Press, 1995.

- Saucy, Robert L. *The Case for Progressive Dispensationalism*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993.
- \_\_\_\_\_. "The Presence of the Kingdom and the Life of the Church". *Bibliotheca Sacra* 145:577 (Janeiro-Março 1988):30-46.
- Schrage, W. *The Ethics of the New Testament*. Philadelphia: Fortress Press, and Edinburgh: T. & T. Clark, 1988.
- Scott, E. F. *The Epistles of Paul to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians*. New Testament Commentary series. Editado por James Moffatt. London: Hodder and Stoughton, 1930.
- Shanks, Hershel. "Not So Colossal Colossae". *Biblical Archaeology Review* 38:1 (Janeiro/Fevereiro 2012):12-13.
- Shultz, Gary L., Jr. "The Reconciliation of All Things in Christ". *Bibliotheca Sacra* 167:668 (Outubro-Dezembro 2010):442-459.
- Sproul, R. C. *God's Will & the Christian*. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1984.
- Stewart, James S. *A Man in Christ: The Vital Elements of St. Paul's Religion*. 1935. Reprint ed. London: Hodder & Stoughton Ltd., 1964.
- Stott, John R. W. *Basic Introduction to the New Testament*. 1st American ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Strauch, Alexander. *Biblical Eldership*. Littleton, Colo.: Lewis & Roth Publishers, 1986.
- Strout, Mark. "Colossians". Em *Surveying the Pauline Epistles*, págs. 139-151. Editado por Paul D. Weaver. [Schroon Lake, N.Y.]: Word of Life, 2017.
- Sweeney, James P. "Guidelines on Christian Witness in Colossians 4:5-6". *Bibliotheca Sacra* 159:636 (Outubro-Dezembro 2002):449-461.
- \_\_\_\_\_. "The Priority of Prayer in Colossians 4:2-4". *Bibliotheca Sacra* 159:635 (Julho-Setembro 2002):318-333.
- Swindoll, Charles R. *The Mystery of God's Will*. Nashville: Word Publishing, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.

Tenney, Merrill C. *The New Testament: An Historical and Analytic Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953, 1957.

*Theological Dictionary of the New Testament*. Editado por Gerhard Kittel and Gerhard Friedrich. Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley. 1964-1976 ed. 10 vols. S.v. "The Greek Use of eikon," por Hermann Kleinknecht, 2(1964):388-390.

Thiessen, Henry Clarence. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943, 1962.

Thomas, W. H. Griffith. *Christ Pre-Eminent*. Chicago: Moody Press, 1923.

Toussaint, Stanley D. "Suffering in Acts and the Pauline Epistles". Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 183-193. Editado por Larry J. Waters and Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.

Van Baalen, Jan Karel. *The Chaos of Cults: A Study in Present-Day Isms*. 2nd revised and enlarged ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938, 1956.

Vaughan, Curtis. "Colossians". Em *Ephesians-Philemon*. Vol. 11 de The Expositor's Bible Commentary. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelein e J. D. Douglas. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

von den Doel, Anthonie. "Submission in the New Testament". *Brethren Life and Thought* 31:2 (Primavera 1986):121-125.

Walvoord, John F. "Biblical Kingdoms Compared and Contrasted". Em *Issues in Dispensationalism*, págs. 75-91. Editado por Wesley R. Willis e John R. Master. Chicago: Moody Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jesus Christ Our Lord*. Chicago: Moody Press, 1969.

Webb, William J. *Slaves, Women & Homosexuals*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001.

Wiersbe, Warren W. *The Bible Exposition Commentary*. 2 vols. Wheaton: Scripture Press, Victor Books, 1989.

Wilkin, Bob. "Is Continuing in the Faith a Condition of Eternal Life?" *Grace Evangelical Society News* 6:3 (Março 1991):2.

Williams, Charles B. *A Commentary on the Pauline Epistles*. Chicago: Moody Press, 1953.

Witmer, John A. "The Man with Two Countries". *Bibliotheca Sacra* 133:532 (Outubro-Dezembro 1976):338-349.

Wuest, Kenneth S. *Word Studies in the Greek New Testament*. Reprint ed. 16 vols. in 4. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1966.

Yates, Roy. "Colossians and Gnosis". *Journal for the Study of the New Testament* 27 (Junho 1986):49-68.